Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

A TAXONOMIA DE BLOOM

COMO INSTRUMENTO PARA

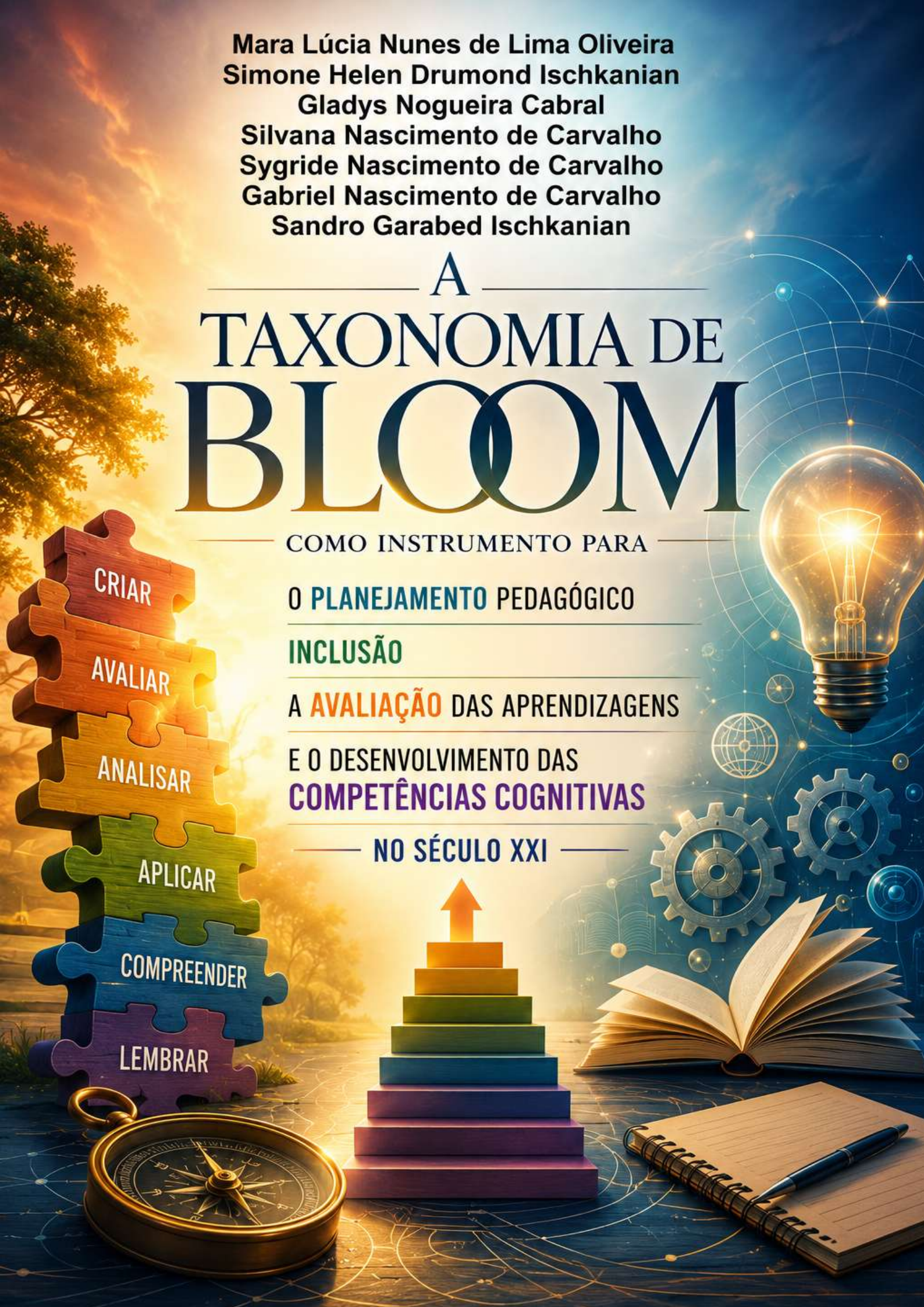
O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

INCLUSÃO

A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS

E O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS COGNITIVAS

NO SÉCULO XXI



TAXONOMIA DE BLOOM COMO INSTRUMENTO PARA O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO, INCLUSÃO, A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS E O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS COGNITIVAS NO SÉCULO XXI.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

A Taxonomia de Bloom consolidou-se como um dos principais referenciais teórico-metodológicos para o planejamento pedagógico, a organização curricular, a avaliação das aprendizagens e o desenvolvimento das competências cognitivas em diferentes níveis e modalidades de ensino. No contexto educacional do século XXI, marcado pela incorporação das tecnologias digitais, pela diversidade dos estudantes, pela valorização das metodologias ativas e pela necessidade de promover uma educação inclusiva, torna-se indispensável compreender de que forma esse instrumento pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais intencionais, sistemáticas e centradas na aprendizagem significativa. O estudo parte do problema de pesquisa que investiga como a Taxonomia de Bloom pode subsidiar o planejamento pedagógico, favorecer processos inclusivos, orientar práticas avaliativas formativas e estimular o desenvolvimento progressivo das competências cognitivas necessárias à formação integral dos estudantes. O objetivo geral consiste em analisar as contribuições da Taxonomia de Bloom como instrumento para o planejamento pedagógico, a inclusão educacional, a avaliação das aprendizagens e o desenvolvimento das competências cognitivas, considerando as demandas contemporâneas da educação. A metodologia caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na análise de livros, artigos científicos, documentos educacionais e produções acadêmicas publicadas sobre a temática, permitindo a sistematização de conhecimentos referentes às dimensões cognitivas, pedagógicas e avaliativas propostas pela taxonomia. A análise evidenciou que a organização hierárquica dos processos cognitivos favorece a elaboração de objetivos de aprendizagem mais claros, o alinhamento entre currículo, estratégias didáticas e instrumentos avaliativos, bem como a seleção de metodologias capazes de promover níveis crescentes de complexidade intelectual. Os resultados também demonstraram que a utilização da Taxonomia de Bloom potencializa a personalização do ensino, amplia as possibilidades de diferenciação pedagógica, fortalece práticas inclusivas ao respeitar diferentes ritmos e estilos de aprendizagem e contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade, da resolução de problemas, da comunicação, da autonomia e da capacidade de tomada de decisão. Observou-se, ainda, que sua articulação com recursos tecnológicos, metodologias ativas, aprendizagem colaborativa e processos de avaliação contínua favorece ambientes educacionais mais participativos, reflexivos e comprometidos com a aprendizagem significativa. Conclui-se que a Taxonomia de Bloom permanece como um referencial atual e relevante para a educação contemporânea, oferecendo fundamentos consistentes para o planejamento pedagógico, para a construção de práticas inclusivas, para o aperfeiçoamento dos processos avaliativos e para o desenvolvimento das competências cognitivas indispensáveis à formação de cidadãos capazes de aprender continuamente, atuar de forma crítica diante dos desafios sociais e tecnológicos e participar de maneira ética, criativa e responsável na sociedade do conhecimento, fortalecendo a qualidade da educação e a promoção de aprendizagens mais equitativas, significativas e contextualizadas.

Palavras-chave: Taxonomia de Bloom; planejamento pedagógico; avaliação da aprendizagem; competências cognitivas.

BLOOM'S TAXONOMY AS A TOOL FOR PEDAGOGICAL PLANNING, INCLUSION, LEARNING ASSESSMENT, AND THE DEVELOPMENT OF COGNITIVE COMPETENCIES IN THE TWENTY-FIRST CENTURY.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

Bloom's Taxonomy has become one of the most important theoretical and methodological frameworks for pedagogical planning, curriculum organization, learning assessment, and the development of cognitive competencies across different educational levels and modalities. In the educational context of the twenty-first century, characterized by the integration of digital technologies, increasing student diversity, the expansion of active learning methodologies, and the need to promote inclusive education, it is essential to understand how this framework can contribute to the design of more intentional, systematic, and meaningful pedagogical practices. This study is based on the research problem of investigating how Bloom's Taxonomy can support pedagogical planning, foster inclusive educational processes, guide formative assessment practices, and promote the progressive development of the cognitive competencies required for students' holistic education. The general objective is to analyze the contributions of Bloom's Taxonomy as a tool for pedagogical planning, educational inclusion, learning assessment, and the development of cognitive competencies in light of the contemporary demands of education. The methodology consists of a qualitative bibliographic study based on the analysis of books, scientific articles, educational documents, and academic publications addressing the topic, enabling the systematization of knowledge related to the cognitive, pedagogical, and assessment dimensions proposed by the taxonomy. The analysis demonstrated that the hierarchical organization of cognitive processes facilitates the formulation of clearer learning objectives, strengthens the alignment among curriculum, teaching strategies, and assessment instruments, and supports the selection of methodologies capable of promoting increasingly complex levels of intellectual development. The findings also revealed that the application of Bloom's Taxonomy enhances personalized learning, expands opportunities for differentiated instruction, reinforces inclusive educational practices by respecting different learning paces and styles, and contributes to the development of critical thinking, creativity, problem-solving abilities, communication skills, autonomy, and decision-making capacity. Furthermore, its integration with digital technologies, active learning methodologies, collaborative learning, and continuous assessment processes promotes more participatory, reflective, and learner-centered educational environments committed to meaningful learning. It is concluded that Bloom's Taxonomy remains a contemporary and highly relevant educational framework, providing consistent foundations for pedagogical planning, the implementation of inclusive practices, the improvement of assessment processes, and the development of the cognitive competencies required for the education of citizens capable of lifelong learning, critical engagement with social and technological challenges, and ethical, creative, and responsible participation in the knowledge society, thereby strengthening educational quality and fostering more equitable, meaningful, and contextually relevant learning experiences.

Keywords: Bloom's Taxonomy; pedagogical planning; learning assessment; cognitive competencies.

LA TAXONOMÍA DE BLOOM COMO INSTRUMENTO PARA LA PLANIFICACIÓN PEDAGÓGICA, LA INCLUSIÓN, LA EVALUACIÓN DE LOS APRENDIZAJES Y EL DESARROLLO DE LAS COMPETENCIAS COGNITIVAS EN EL SIGLO XXI.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

La Taxonomía de Bloom se ha consolidado como uno de los principales referentes teórico-metodológicos para la planificación pedagógica, la organización curricular, la evaluación de los aprendizajes y el desarrollo de las competencias cognitivas en los diferentes niveles y modalidades educativas. En el contexto educativo del siglo XXI, caracterizado por la incorporación de las tecnologías digitales, la diversidad del alumnado, la valorización de las metodologías activas y la necesidad de promover una educación inclusiva, resulta indispensable comprender de qué manera este instrumento puede contribuir a la construcción de prácticas pedagógicas más intencionales, sistemáticas y centradas en el aprendizaje significativo. El estudio parte del problema de investigación que analiza cómo la Taxonomía de Bloom puede apoyar la planificación pedagógica, favorecer los procesos inclusivos, orientar las prácticas de evaluación formativa y estimular el desarrollo progresivo de las competencias cognitivas necesarias para la formación integral de los estudiantes. El objetivo general consiste en analizar las contribuciones de la Taxonomía de Bloom como instrumento para la planificación pedagógica, la inclusión educativa, la evaluación de los aprendizajes y el desarrollo de las competencias cognitivas, considerando las demandas contemporáneas de la educación. La metodología se caracteriza por una investigación bibliográfica de enfoque cualitativo, fundamentada en el análisis de libros, artículos científicos, documentos educativos y publicaciones académicas relacionadas con la temática, lo que permitió sistematizar conocimientos referentes a las dimensiones cognitivas, pedagógicas y evaluativas propuestas por la taxonomía. El análisis evidenció que la organización jerárquica de los procesos cognitivos favorece la formulación de objetivos de aprendizaje más claros, la alineación entre el currículo, las estrategias didácticas y los instrumentos de evaluación, así como la selección de metodologías capaces de promover niveles crecientes de complejidad intelectual. Los resultados también demostraron que la utilización de la Taxonomía de Bloom potencia la personalización de la enseñanza, amplía las posibilidades de diferenciación pedagógica, fortalece las prácticas inclusivas al respetar los diferentes ritmos y estilos de aprendizaje y contribuye al desarrollo del pensamiento crítico, la creatividad, la resolución de problemas, la comunicación, la autonomía y la capacidad para la toma de decisiones. Asimismo, se observó que su articulación con las tecnologías digitales, las metodologías activas, el aprendizaje colaborativo y los procesos de evaluación continua favorece entornos educativos más participativos, reflexivos y comprometidos con el aprendizaje significativo. Se concluye que la Taxonomía de Bloom continúa siendo un referente vigente y relevante para la educación contemporánea, al ofrecer fundamentos sólidos para la planificación pedagógica, la construcción de prácticas inclusivas, el perfeccionamiento de los procesos de evaluación y el desarrollo de las competencias cognitivas indispensables para la formación de ciudadanos capaces de aprender de manera permanente, actuar críticamente frente a los desafíos sociales y tecnológicos y participar de forma ética, creativa y responsable en la sociedad del conocimiento, fortaleciendo la calidad de la educación y promoviendo aprendizajes más equitativos, significativos y contextualizados.

Palabras clave: Taxonomía de Bloom; planificación pedagógica; evaluación del aprendizaje; competencias cognitivas.

LA TAXONOMIE DE BLOOM COMME OUTIL DE PLANIFICATION PÉDAGOGIQUE, D'INCLUSION, D'ÉVALUATION DES APPRENTISSAGES ET DE DÉVELOPPEMENT DES COMPÉTENCES COGNITIVES AU XXIE SIÈCLE.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

La taxonomie de Bloom s'est imposée comme l'un des principaux cadres théoriques et méthodologiques pour la planification pédagogique, l'organisation des programmes d'enseignement, l'évaluation des apprentissages et le développement des compétences cognitives dans les différents niveaux et modalités d'enseignement. Dans le contexte éducatif du XXIe siècle, marqué par l'intégration des technologies numériques, la diversité des apprenants, la valorisation des pédagogies actives et la nécessité de promouvoir une éducation inclusive, il devient essentiel de comprendre de quelle manière cet outil peut contribuer à l'élaboration de pratiques pédagogiques plus intentionnelles, systématiques et centrées sur des apprentissages porteurs de sens. Cette étude s'appuie sur la problématique consistant à examiner comment la taxonomie de Bloom peut soutenir la planification pédagogique, favoriser les processus d'inclusion, orienter les pratiques d'évaluation formative et stimuler le développement progressif des compétences cognitives nécessaires à la formation intégrale des apprenants. L'objectif général est d'analyser les contributions de la taxonomie de Bloom en tant qu'outil de planification pédagogique, d'inclusion éducative, d'évaluation des apprentissages et de développement des compétences cognitives, en tenant compte des exigences contemporaines de l'éducation. La méthodologie repose sur une recherche bibliographique de nature qualitative, fondée sur l'analyse d'ouvrages, d'articles scientifiques, de documents éducatifs et de publications académiques consacrés à cette thématique, permettant ainsi de systématiser les connaissances relatives aux dimensions cognitives, pédagogiques et évaluatives proposées par cette taxonomie. L'analyse a montré que l'organisation hiérarchique des processus cognitifs favorise la formulation d'objectifs d'apprentissage plus explicites, l'alignement entre les programmes, les stratégies pédagogiques et les instruments d'évaluation, ainsi que la sélection de méthodes d'enseignement capables de promouvoir des niveaux croissants de complexité intellectuelle. Les résultats ont également démontré que l'utilisation de la taxonomie de Bloom renforce la personnalisation de l'enseignement, élargit les possibilités de différenciation pédagogique, consolide les pratiques inclusives en respectant les différents rythmes et styles d'apprentissage et contribue au développement de la pensée critique, de la créativité, de la résolution de problèmes, de la communication, de l'autonomie et de la capacité de prise de décision. En outre, son articulation avec les technologies numériques, les pédagogies actives, l'apprentissage collaboratif et les processus d'évaluation continue favorise des environnements éducatifs plus participatifs, réflexifs et engagés dans la promotion d'apprentissages significatifs. Il est conclu que la taxonomie de Bloom demeure une référence actuelle et pertinente pour l'éducation contemporaine, en offrant des fondements solides pour la planification pédagogique, la mise en œuvre de pratiques inclusives, l'amélioration des processus d'évaluation et le développement des compétences cognitives indispensables à la formation de citoyens capables d'apprendre tout au long de la vie, d'agir avec un esprit critique face aux défis sociaux et technologiques et de participer de manière éthique, créative et responsable à la société de la connaissance, contribuant ainsi au renforcement de la qualité de l'éducation et à la promotion d'apprentissages plus équitables, significatifs et contextualisés.

Mots-clés: Taxonomie de Bloom; planification pédagogique; évaluation des apprentissages; compétences cognitives.

A TAXONOMIA DE BLOOM COMO INSTRUMENTO PARA O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO, INCLUSÃO, A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS E O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS COGNITIVAS NO SÉCULO XXI.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

1. INTRODUÇÃO

A educação do século XXI encontra-se inserida em um contexto de profundas transformações científicas, tecnológicas, sociais e culturais, exigindo que os processos de ensino e aprendizagem sejam continuamente ressignificados para responder às demandas de uma sociedade caracterizada pela produção acelerada do conhecimento, pela diversidade humana e pela necessidade de formação de sujeitos críticos, autônomos e capazes de resolver problemas complexos. A Taxonomia de Bloom destaca-se como um dos referenciais pedagógicos mais relevantes para o planejamento do ensino, a organização curricular, a avaliação das aprendizagens e o desenvolvimento progressivo das competências cognitivas, permitindo estruturar objetivos educacionais de forma coerente com diferentes níveis de complexidade intelectual (Ferraz; Belhot, 2010). Sua aplicação favorece o alinhamento entre objetivos, metodologias e processos avaliativos, fortalecendo práticas pedagógicas orientadas para a aprendizagem significativa e para o desenvolvimento integral dos estudantes.

A relevância da temática amplia-se diante da crescente necessidade de construção de práticas educacionais inclusivas, nas quais o planejamento pedagógico considere as diferenças individuais, os distintos ritmos de aprendizagem e a promoção da equidade educacional. A organização sistemática dos objetivos de aprendizagem proposta pela Taxonomia de Bloom possibilita ao professor selecionar estratégias didáticas compatíveis com diferentes perfis de estudantes, favorecendo a personalização do ensino e a adoção de práticas avaliativas mais democráticas e formativas (Garajau et al., 2025). Sob essa perspectiva, a taxonomia deixa de representar apenas uma classificação de objetivos educacionais para constituir um instrumento estratégico de organização da ação pedagógica.

A utilização da Taxonomia de Bloom contribui para o fortalecimento de práticas pedagógicas fundamentadas na intencionalidade educativa, uma vez que permite estabelecer relações coerentes entre os objetivos de aprendizagem, os conteúdos curriculares, as metodologias de ensino e os instrumentos de avaliação. Essa articulação favorece o desenvolvimento progressivo das competências cognitivas, possibilitando que os estudantes

avancem de níveis relacionados à recordação e à compreensão para processos mais complexos, como aplicação, análise, avaliação e criação. Ao organizar o percurso formativo de maneira estruturada, o professor amplia as oportunidades de aprendizagem significativa, respeitando as potencialidades individuais e promovendo intervenções pedagógicas mais eficazes, especialmente em contextos marcados pela diversidade de necessidades educacionais.

No cenário educacional contemporâneo, caracterizado pela incorporação das tecnologias digitais, das metodologias ativas e das propostas curriculares orientadas por competências, a Taxonomia de Bloom assume papel ainda mais relevante como instrumento de planejamento e inovação pedagógica. Sua aplicação favorece a elaboração de experiências de aprendizagem mais dinâmicas, colaborativas e contextualizadas, estimulando o pensamento crítico, a criatividade, a resolução de problemas e a autonomia dos estudantes. Ao mesmo tempo, oferece subsídios para que o processo avaliativo seja compreendido como uma prática contínua de acompanhamento e regulação da aprendizagem, permitindo ao docente identificar avanços, necessidades de intervenção e oportunidades de aperfeiçoamento do ensino, fortalecendo uma educação inclusiva, equitativa e comprometida com a formação integral dos sujeitos.

Entretanto, destaca-se que,

> Em muitos contextos educacionais, não é possível estabelecer uma distinção absoluta entre objetivos formativos e objetivos somativos de curto prazo, uma vez que ambos podem utilizar instrumentos semelhantes e avaliar os mesmos conteúdos ou competências. Segundo os autores, o que efetivamente caracteriza a natureza da avaliação não é apenas o instrumento empregado, mas principalmente o momento em que ela ocorre e a finalidade para a qual seus resultados são utilizados. Quando realizada durante o processo de ensino, com o propósito de diagnosticar dificuldades, orientar intervenções pedagógicas, reorganizar o planejamento e favorecer a recuperação das aprendizagens, a avaliação assume caráter formativo. Em contrapartida, quando aplicada ao término de um período letivo com a finalidade de classificar, certificar ou emitir julgamentos sobre o desempenho dos estudantes, ela passa a exercer predominantemente uma função somativa. Dessa forma, a compreensão dos objetivos e das finalidades da avaliação torna-se essencial para que professores utilizem os resultados obtidos como instrumentos de acompanhamento da aprendizagem e de aperfeiçoamento contínuo das práticas pedagógicas (Bloom; Hastings; Madaus, 1983, p. 41).

Essa compreensão evidencia que a avaliação educacional não deve ser entendida como um momento isolado ou restrito à atribuição de notas, mas como um processo contínuo e integrado ao planejamento pedagógico, capaz de produzir informações relevantes para orientar as decisões docentes ao longo do percurso formativo. Na perspectiva apresentada por Bloom, Hastings e Madaus (1983), o caráter formativo ou somativo da avaliação não é determinado exclusivamente pelo instrumento utilizado, mas principalmente pelo momento em que ocorre e pela finalidade que orienta sua aplicação. Quando os resultados da avaliação são empregados para diagnosticar dificuldades, reorganizar estratégias didáticas, promover intervenções pedagógicas e favorecer a aprendizagem durante o desenvolvimento das atividades, ela assume

uma função eminentemente formativa. Por outro lado, quando sua finalidade concentra-se na certificação, classificação ou julgamento do desempenho alcançado ao final de um período, sua natureza aproxima-se da avaliação somativa. Essa distinção reforça a importância de processos avaliativos capazes de acompanhar a evolução das competências cognitivas, subsidiar o planejamento pedagógico e promover práticas educacionais mais inclusivas, reflexivas e comprometidas com a aprendizagem significativa dos estudantes.

Essa compreensão evidencia que a avaliação educacional não deve ser entendida como um momento isolado ou restrito à atribuição de notas, mas como um processo contínuo e integrado ao planejamento pedagógico, capaz de produzir informações relevantes para orientar as decisões docentes ao longo do percurso formativo. Na perspectiva apresentada por Bloom, Hastings e Madaus (1983), o caráter formativo ou somativo da avaliação não é determinado exclusivamente pelo instrumento utilizado, mas principalmente pelo momento em que ocorre e pela finalidade que orienta sua aplicação. Assim, quando os resultados da avaliação são empregados para diagnosticar dificuldades, reorganizar estratégias didáticas, promover intervenções pedagógicas e favorecer a aprendizagem durante o desenvolvimento das atividades, ela assume uma função eminentemente formativa. Por outro lado, quando sua finalidade concentra-se na certificação, classificação ou julgamento do desempenho alcançado ao final de um período, sua natureza aproxima-se da avaliação somativa. Essa distinção reforça a importância de processos avaliativos capazes de acompanhar a evolução das competências cognitivas, subsidiar o planejamento pedagógico e promover práticas educacionais mais inclusivas, reflexivas e comprometidas com a aprendizagem significativa dos estudantes.

Sob esse olhar, a Taxonomia de Bloom produz efeitos concretos sobre o processo de ensino e aprendizagem, especialmente porque oferece fundamentos para a elaboração de objetivos instrucionais, construção de instrumentos avaliativos e seleção de metodologias compatíveis com diferentes níveis cognitivos. Conforme destacam Ferraz e Belhot (2010, p. 422), sua utilização proporciona bases para o desenvolvimento de estratégias diferenciadas capazes de facilitar, avaliar e estimular o desempenho dos estudantes, além de favorecer a construção gradual de competências, partindo das habilidades cognitivas mais simples até alcançar níveis superiores de análise, avaliação e criação. Essa organização hierárquica torna o planejamento mais intencional, coerente e alinhado às necessidades educacionais contemporâneas.

No contexto da educação contemporânea, marcado pela diversidade dos estudantes, pela incorporação das tecnologias digitais e pela necessidade de promover práticas inclusivas e centradas no desenvolvimento de competências, a Taxonomia de Bloom apresenta-se como um referencial que favorece a personalização do ensino e a tomada de decisões pedagógicas fundamentadas em evidências. Ao orientar a elaboração de objetivos de aprendizagem

distribuídos em níveis crescentes de complexidade cognitiva, esse instrumento possibilita ao docente identificar com maior precisão as necessidades dos estudantes, planejar intervenções adequadas e construir estratégias capazes de estimular o pensamento crítico, a criatividade, a resolução de problemas e a autonomia intelectual.

Nesse sentido, Ferraz e Belhot (2010, p. 422) destacam que duas das inúmeras vantagens da utilização da taxonomia no contexto educacional são:

> • Oferecer a base para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação e utilização de estratégias diferenciadas para facilitar, avaliar e estimular o desempenho dos alunos em diferentes níveis de aquisição de conhecimento; e • Estimular os educadores a auxiliarem seus discentes, de forma estruturada e consciente, a adquirirem competências específicas a partir da percepção da necessidade de dominar habilidades mais simples (fatos) para, posteriormente, dominar as mais complexas (Ferraz; Belhot, 2010, p. 422).

No contexto da educação inclusiva, a aplicação da Taxonomia de Bloom fortalece práticas pedagógicas fundamentadas na diferenciação do ensino e na valorização das potencialidades individuais dos estudantes. Estudos recentes evidenciam que sua articulação com princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem amplia as oportunidades de participação, reduz barreiras pedagógicas e favorece ambientes escolares mais acessíveis e equitativos (Figueiredo; Theodoro; Faria, 2023). De maneira semelhante, experiências desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado demonstram que a organização das atividades segundo níveis cognitivos progressivos potencializa a aprendizagem de estudantes com deficiência intelectual e amplia as possibilidades de desenvolvimento de suas competências.

A evolução das tecnologias digitais também ampliou as possibilidades de utilização da Taxonomia de Bloom na educação contemporânea (Bull et al., 2026). Ferramentas computacionais capazes de personalizar percursos formativos, organizar sequências didáticas automatizadas e produzir recomendações pedagógicas têm utilizado a taxonomia como fundamento para adaptar conteúdos às necessidades cognitivas dos estudantes (Almeida et al., 2022). Da mesma forma, pesquisas recentes demonstram que ambientes digitais de aprendizagem podem empregar questões organizadas segundo diferentes níveis cognitivos para gerar devolutivas personalizadas, fortalecendo processos de avaliação contínua e promovendo maior autonomia discente.

Outro aspecto relevante refere-se ao desenvolvimento das competências cognitivas indispensáveis à formação para a sociedade do conhecimento (Guimarães et al., 2023; Nascimento et al., 2026). A estrutura hierárquica da Taxonomia de Bloom favorece a progressão do estudante desde processos relacionados à memorização e compreensão até competências superiores, como análise, avaliação crítica e criação, competências consideradas

essenciais para a inovação, a resolução de problemas complexos e a aprendizagem ao longo da vida (Ischkanian; Ischkanian, 2021). Estudos recentes também evidenciam que sua integração com metodologias ativas, aprendizagem colaborativa e ensino híbrido potencializa resultados educacionais e amplia o protagonismo discente.

Diante desse contexto, este artigo insere-se no campo das Ciências da Educação, tendo como objeto de investigação a utilização da Taxonomia de Bloom como instrumento para o planejamento pedagógico, a inclusão, a avaliação das aprendizagens e o desenvolvimento das competências cognitivas no século XXI. O problema de pesquisa pode ser formulado da seguinte maneira: *como a Taxonomia de Bloom pode contribuir para o planejamento pedagógico, fortalecer práticas inclusivas, aperfeiçoar os processos de avaliação da aprendizagem e promover o desenvolvimento das competências cognitivas exigidas pela educação contemporânea?*

Parte-se da hipótese de que a utilização sistemática da Taxonomia de Bloom favorece o alinhamento entre objetivos educacionais, metodologias de ensino e estratégias avaliativas, contribuindo para práticas pedagógicas mais inclusivas, contextualizadas e centradas na aprendizagem significativa, além de promover o desenvolvimento progressivo das competências cognitivas necessárias à formação integral dos estudantes.

O objetivo geral deste artigo consiste em analisar as contribuições da Taxonomia de Bloom como instrumento para o planejamento pedagógico, a inclusão, a avaliação das aprendizagens e o desenvolvimento das competências cognitivas no século XXI. Como objetivos específicos, busca-se compreender os fundamentos teóricos da taxonomia; discutir sua aplicação no planejamento pedagógico e na organização curricular; analisar sua contribuição para a construção de práticas inclusivas e avaliativas; e examinar sua articulação com metodologias ativas, tecnologias educacionais e estratégias voltadas ao desenvolvimento das competências cognitivas.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na análise crítica de livros, artigos científicos, capítulos de livros e documentos acadêmicos relacionados à temática. O estudo concentra-se na produção científica sobre Taxonomia de Bloom, planejamento pedagógico, avaliação educacional, inclusão e competências cognitivas, sem pretender esgotar o tema, mas oferecer uma reflexão teórica sistematizada acerca de suas contribuições para a educação contemporânea.

2. DESENVOLVIMENTO

Existem diversas teorias que subsidiam as práticas pedagógicas e contribuem para a organização dos processos de ensino e aprendizagem, cada uma fundamentada em diferentes concepções sobre como os indivíduos aprendem, constroem conhecimentos e desenvolvem

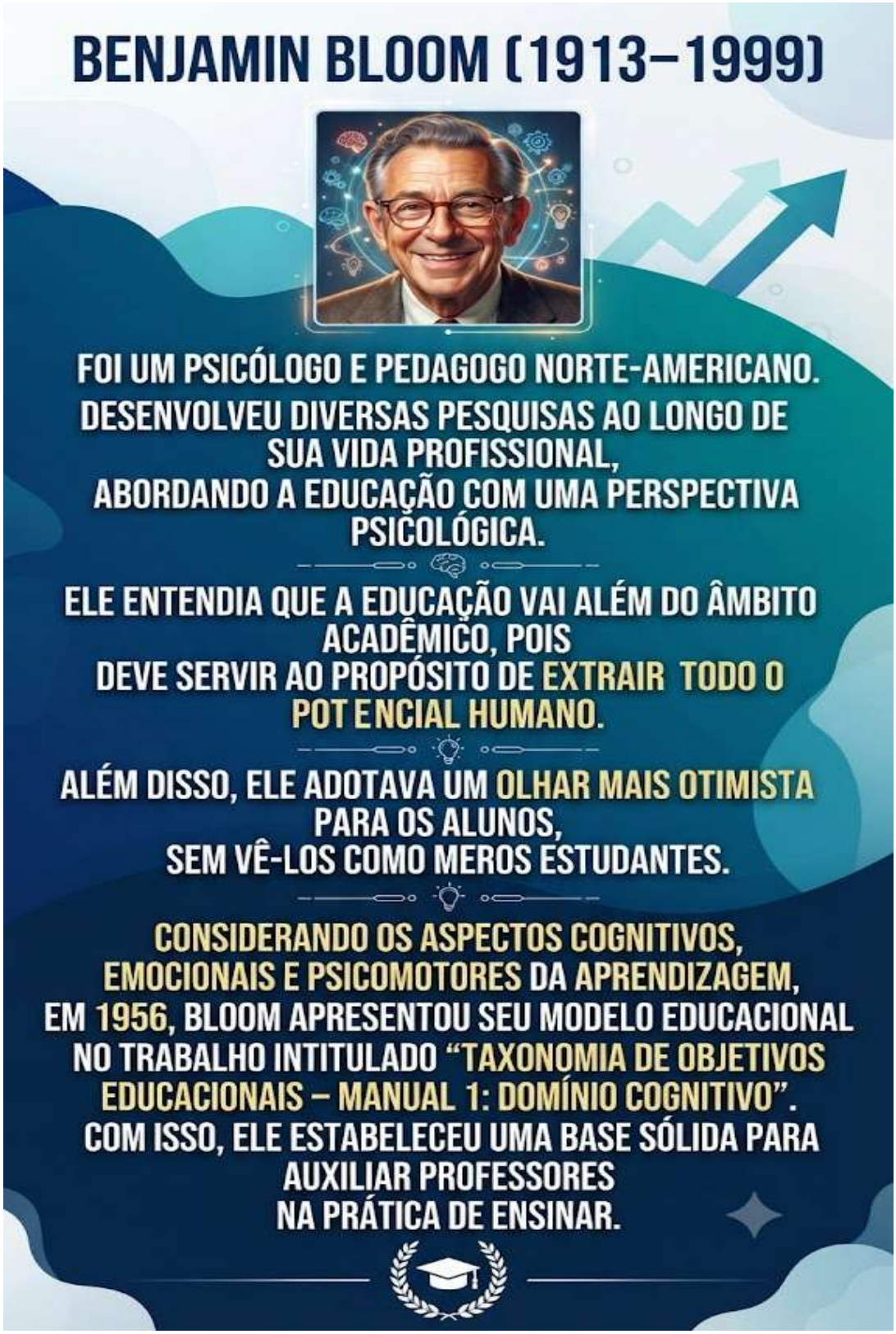
competências ao longo de sua trajetória educacional. Essas teorias fornecem referenciais científicos que orientam o planejamento curricular, a definição de metodologias de ensino, a elaboração de estratégias de avaliação e a organização dos ambientes de aprendizagem, possibilitando ao professor desenvolver práticas pedagógicas mais intencionais, contextualizadas e alinhadas às necessidades dos estudantes. Ferraz e Belhot (2010) destacam que a utilização de referenciais teóricos consistentes favorece a definição de objetivos instrucionais claros e coerentes, permitindo maior integração entre planejamento, desenvolvimento das atividades e avaliação das aprendizagens.

Entre os diversos referenciais utilizados na educação, destaca-se a taxonomia, entendida como um sistema científico de classificação destinado a organizar conhecimentos, conceitos ou fenômenos segundo critérios previamente definidos. No campo educacional, essa organização permite estruturar objetivos de aprendizagem de maneira hierárquica e progressiva, favorecendo a compreensão do desenvolvimento cognitivo dos estudantes e orientando a seleção de metodologias compatíveis com diferentes níveis de complexidade intelectual. Conforme explicam Ischkanian e Ischkanian (2021), a Taxonomia de Bloom constitui uma ferramenta capaz de transformar objetivos educacionais amplos em metas específicas, mensuráveis e articuladas com os processos de ensino, aprendizagem e avaliação, tornando o planejamento pedagógico mais eficiente e fundamentado.

Entre as teorias que auxiliam o professor na organização da prática docente, a Taxonomia de Bloom ocupa posição de destaque por oferecer um modelo estruturado para a elaboração de objetivos educacionais e para a organização das experiências de aprendizagem. Seu principal propósito consiste em favorecer o desenvolvimento gradual das capacidades cognitivas, respeitando uma sequência que parte da aquisição de conhecimentos básicos até alcançar habilidades intelectuais mais complexas, como análise, avaliação crítica e criação. Essa organização possibilita que o docente estabeleça relações consistentes entre aquilo que pretende ensinar, as estratégias metodológicas adotadas e os resultados de aprendizagem esperados, fortalecendo o alinhamento entre currículo, ensino e avaliação, aspecto considerado essencial por Almeida et al. (2022) para o desenvolvimento de sistemas inteligentes de recomendação pedagógica baseados na própria Taxonomia de Bloom.

Benjamin Samuel Bloom (1913–1999), psicólogo educacional e pedagogo norte-americano, dedicou grande parte de sua trajetória científica ao estudo dos processos de aprendizagem e ao desenvolvimento de instrumentos capazes de melhorar a qualidade da educação. Sua perspectiva ultrapassava a simples transmissão de conteúdos escolares, compreendendo a educação como um processo de desenvolvimento integral das potencialidades humanas. Bloom defendia que todos os estudantes possuem capacidade para aprender quando lhes são oferecidas condições adequadas de ensino, tempo suficiente para a

aprendizagem e estratégias pedagógicas compatíveis com suas necessidades individuais. Essa concepção rompeu com perspectivas deterministas sobre o desempenho escolar e contribuiu significativamente para a valorização de práticas pedagógicas voltadas à equidade, ao desenvolvimento das potencialidades e à aprendizagem significativa (Bloom; Hastings; Madaus, 1983).


BENJAMIN BLOOM (1913–1999)
FOI UM PSICÓLOGO E PEDAGOGO NORTE-AMERICANO.
DESENVOLVEU DIVERSAS PESQUISAS AO LONGO DE SUA VIDA PROFISSIONAL,
ABORDANDO A EDUCAÇÃO COM UMA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA.
ELE ENTENDIA QUE A EDUCAÇÃO VAI ALÉM DO ÂMBITO ACADÊMICO, POIS
DEVE SERVIR AO PROPÓSITO DE EXTRAIR TODO O POTENCIAL HUMANO.
ALÉM DISSO, ELE ADOTAVA UM OLHAR MAIS OTIMISTA PARA OS ALUNOS,
SEM VÊ-LOS COMO MEROS ESTUDANTES.
CONSIDERANDO OS ASPECTOS COGNITIVOS, EMOCIONAIS E PSICOMOTORES DA APRENDIZAGEM,
EM 1956, BLOOM APRESENTOU SEU MODELO EDUCACIONAL NO TRABALHO INTITULADO "TAXONOMIA DE OBJETIVOS EDUCACIONAIS – MANUAL 1: DOMÍNIO COGNITIVO".
COM ISSO, ELE ESTABELECEU UMA BASE SÓLIDA PARA AUXILIAR PROFESSORES NA PRÁTICA DE ENSINAR.

Fonte: Autores, (2026) Imagem gerada por IA com prompt próprio.

As pesquisas desenvolvidas por Bloom também foram influenciadas pelo avanço da Psicologia Educacional e pelas discussões relacionadas ao currículo por objetivos, que buscavam organizar o ensino de forma mais sistemática e fundamentada em evidências (Ferraz; Belhot, 2010). Em vez de compreender o processo educativo apenas como transmissão de informações, Bloom propôs uma estrutura que permitisse identificar diferentes níveis de aprendizagem, reconhecendo que o desenvolvimento cognitivo ocorre de forma progressiva e depende da consolidação de habilidades anteriores. Essa perspectiva influenciou profundamente a elaboração de currículos, programas de formação docente e sistemas de avaliação em diversos países, permanecendo como uma das teorias mais utilizadas na educação contemporânea.

Considerando os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores da aprendizagem, Bloom apresentou, em 1956, a obra *Taxonomy of Educational Objectives: Handbook I – Cognitive Domain*, estabelecendo uma classificação sistemática dos objetivos educacionais voltados ao domínio cognitivo (Bloom; Hastings; Madaus, 1983). Posteriormente, outros pesquisadores ampliaram seus estudos para contemplar os domínios afetivo e psicomotor, consolidando uma visão mais abrangente do desenvolvimento humano. Essa organização permitiu que professores, gestores e pesquisadores compreendessem a aprendizagem como um processo multidimensional, no qual conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e competências interagem continuamente durante o percurso educativo.

No domínio cognitivo, originalmente, Bloom organizou os objetivos educacionais em uma sequência hierárquica composta pelos níveis de conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação (Ferraz; Belhot, 2010). Posteriormente, essa estrutura foi revisada e atualizada, passando a contemplar as categorias lembrar, compreender, aplicar, analisar, avaliar e criar, sendo esta última considerada o mais elevado nível do processamento cognitivo. A revisão da taxonomia buscou adequá-la às demandas da educação contemporânea, valorizando processos cognitivos mais complexos, a produção do conhecimento, a resolução de problemas e o desenvolvimento da criatividade, competências consideradas essenciais para a sociedade do conhecimento e para os desafios educacionais do século XXI.

A importância da Taxonomia de Bloom torna-se ainda mais evidente diante das transformações promovidas pela cultura digital e pela educação baseada em competências. Atualmente, espera-se que os estudantes não apenas memorizem informações, mas sejam capazes de interpretar dados, analisar situações complexas, produzir soluções inovadoras, trabalhar colaborativamente e tomar decisões fundamentadas em evidências. Nesse cenário, Almeida et al. (2022) demonstram que a taxonomia oferece suporte para sistemas computacionais capazes de personalizar percursos de aprendizagem, organizar sequências

didáticas automatizadas e recomendar atividades compatíveis com o nível cognitivo de cada estudante, fortalecendo processos de ensino mais adaptativos e centrados no aprendiz.

Outro aspecto que evidencia a atualidade da Taxonomia de Bloom refere-se à sua contribuição para a educação inclusiva. O planejamento organizado segundo diferentes níveis cognitivos possibilita ao professor diversificar estratégias didáticas, adaptar atividades e construir percursos formativos compatíveis com as necessidades específicas de cada estudante. Garajau et al. (2025) ressaltam que a aplicação da taxonomia no planejamento inclusivo favorece a diferenciação pedagógica, amplia as oportunidades de participação e fortalece práticas educacionais comprometidas com a equidade. Em complemento, Figueiredo, Theodoro e Faria (2023) demonstram que sua articulação com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem contribui para a redução de barreiras pedagógicas, tornando o ensino mais acessível e inclusivo.

A utilização da Taxonomia de Bloom também repercute diretamente na avaliação das aprendizagens. Ao organizar objetivos segundo níveis crescentes de complexidade cognitiva, torna-se possível construir instrumentos avaliativos capazes de verificar não apenas a memorização de conteúdos, mas também habilidades relacionadas à compreensão, aplicação, análise crítica, avaliação e criação. Nessa perspectiva, Bull et al. (2026) evidenciam que questões estruturadas com base na Taxonomia de Bloom podem gerar devolutivas personalizadas aos estudantes, permitindo intervenções pedagógicas mais precisas e fortalecendo processos de avaliação formativa. Essa concepção aproxima-se da proposta apresentada por Bloom, Hastings e Madaus (1983), segundo a qual a avaliação deve orientar continuamente o ensino, oferecendo informações que subsidiem o planejamento e a melhoria da aprendizagem.

Os benefícios da Taxonomia de Bloom estendem-se ainda ao desenvolvimento das metodologias ativas e da aprendizagem colaborativa. Ao estruturar atividades distribuídas em diferentes níveis cognitivos, o professor favorece maior participação dos estudantes, estimula a resolução coletiva de problemas e fortalece competências relacionadas ao pensamento crítico, à comunicação e à autonomia intelectual. Estudos desenvolvidos por Guimarães et al. (2023) demonstram que a integração entre aprendizagem colaborativa e Taxonomia de Bloom promove avanços significativos na qualidade do ensino, uma vez que amplia o protagonismo discente e favorece processos de construção compartilhada do conhecimento. Resultados semelhantes foram observados por Nascimento et al. (2026), que identificaram melhorias no desempenho dos estudantes quando metodologias ativas foram organizadas segundo os níveis cognitivos da taxonomia.

Além de beneficiar estudantes do ensino regular, a Taxonomia de Bloom apresenta resultados positivos em contextos de educação especial e Atendimento Educacional

Especializado. Pachevitch et al. (2021) relatam que a organização das atividades segundo níveis progressivos de complexidade cognitiva favoreceu o desenvolvimento de estudantes com deficiência intelectual, permitindo intervenções mais individualizadas e compatíveis com suas potencialidades. Esses resultados reforçam que a taxonomia não constitui apenas um instrumento de classificação de objetivos educacionais, mas um referencial metodológico capaz de orientar práticas pedagógicas inclusivas, promover a equidade e contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes em diferentes contextos educacionais.

Observa-se que a Taxonomia de Bloom permanece plenamente atual, constituindo um dos principais referenciais para o planejamento pedagógico, a organização curricular, a avaliação das aprendizagens e o desenvolvimento das competências cognitivas exigidas pela educação do século XXI. Sua flexibilidade permite a articulação com diferentes abordagens pedagógicas, tecnologias educacionais, metodologias ativas e políticas de inclusão, consolidando-se como um instrumento científico capaz de orientar práticas educacionais mais eficazes, humanizadas, equitativas e comprometidas com a formação integral dos estudantes.

2.1. O QUE É A TAXONOMIA DE BLOOM?

A Taxonomia de Bloom constitui um dos referenciais pedagógicos mais utilizados para a organização dos objetivos educacionais, do planejamento didático, das metodologias de ensino e dos processos de avaliação da aprendizagem. Desenvolvida originalmente por Benjamin Bloom e colaboradores, sua principal finalidade consiste em organizar os objetivos da aprendizagem em níveis hierárquicos de complexidade cognitiva, permitindo que professores planejem experiências educacionais capazes de promover o desenvolvimento progressivo das capacidades intelectuais dos estudantes. Conforme destacam Ferraz e Belhot (2010), a taxonomia possibilita estabelecer objetivos instrucionais claros, mensuráveis e articulados às estratégias metodológicas e aos instrumentos avaliativos, fortalecendo a coerência entre aquilo que se pretende ensinar, a forma como o ensino será conduzido e os resultados esperados ao final do processo educativo.

Sob essa perspectiva, a Taxonomia de Bloom serve para definir os objetivos da aprendizagem e planejar as aulas com base nessa identificação, respeitando a hierarquia dos objetivos educacionais. Trata-se de uma classificação dos domínios de aprendizagem construída a partir da identificação das habilidades cognitivas necessárias ao desenvolvimento do conhecimento, permitindo organizar os processos educativos de maneira lógica, sequencial e progressiva. Como ressaltam Bloom, Hastings e Madaus (1983), a aprendizagem deve ser acompanhada continuamente por meio de avaliações capazes de identificar avanços e dificuldades, fornecendo informações que subsidiem o planejamento pedagógico e favoreçam intervenções durante o processo de ensino. A avaliação deixa de assumir apenas função

classificatória para tornar-se um instrumento de acompanhamento da evolução das competências cognitivas.

A estrutura da Taxonomia de Bloom parte do pressuposto de que a aprendizagem ocorre de maneira progressiva e acumulativa. Isso significa que os estudantes necessitam consolidar conhecimentos básicos antes de desenvolver habilidades cognitivas mais complexas, estabelecendo uma relação de interdependência entre os diferentes níveis da aprendizagem. Conforme explicam Ischkanian e Ischkanian (2021), a organização hierárquica proposta por Bloom permite que professores planejem atividades compatíveis com o estágio de desenvolvimento dos estudantes, evitando lacunas na construção do conhecimento e favorecendo uma aprendizagem mais significativa. Essa perspectiva também possibilita maior alinhamento entre currículo, planejamento, metodologias e avaliação, fortalecendo a qualidade do processo educativo.

Na educação contemporânea, marcada pela diversidade dos estudantes, pela incorporação das tecnologias digitais e pela valorização das competências do século XXI, a Taxonomia de Bloom assume importância ainda maior. Pesquisas recentes desenvolvidas por Almeida et al. (2022) demonstram que sua estrutura pode ser utilizada inclusive por sistemas computacionais capazes de organizar sequências didáticas automatizadas e personalizar percursos de aprendizagem conforme o nível cognitivo apresentado pelos estudantes. Da mesma forma, Bull et al. (2026) evidenciam que questões avaliativas organizadas segundo os níveis da taxonomia possibilitam a geração de devolutivas personalizadas, favorecendo intervenções pedagógicas mais precisas e processos contínuos de acompanhamento da aprendizagem.

Além de orientar o planejamento pedagógico, a Taxonomia de Bloom também fortalece práticas inclusivas, pois possibilita adaptar objetivos, estratégias didáticas e formas de avaliação às necessidades específicas dos estudantes. Conforme demonstram Garajau et al. (2025), sua utilização no planejamento inclusivo amplia as oportunidades de participação e aprendizagem ao respeitar diferentes ritmos de desenvolvimento e diferentes formas de construção do conhecimento. Em complemento, Figueiredo, Theodoro e Faria (2023) evidenciam que sua articulação com o Desenho Universal para a Aprendizagem favorece ambientes educacionais mais acessíveis, equitativos e comprometidos com a valorização da diversidade.

Ao estruturar objetivos distribuídos em diferentes níveis de complexidade, a Taxonomia de Bloom estimula o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade, da resolução de problemas, da comunicação, da autonomia e da capacidade de tomada de decisão. Estudos realizados por Guimarães et al. (2023) e Nascimento et al. (2026) demonstram que a integração entre a Taxonomia de Bloom, metodologias ativas, aprendizagem colaborativa e

recursos tecnológicos favorece melhores resultados de aprendizagem, ampliando o protagonismo discente e fortalecendo competências indispensáveis para a sociedade do conhecimento.

Tabela 1: Níveis da Taxonomia de Bloom, objetivos educacionais, exemplos e estratégias pedagógicas.

Nível Cognitivo	Objetivo Educacional	O que o estudante deve demonstrar	Exemplo de atividade	Estratégias pedagógicas e avaliação
Lembrar	Recuperar informações previamente aprendidas.	Memorizar, identificar, listar, reconhecer conceitos e fatos.	Listar as fases do ciclo da água ou identificar conceitos em um mapa mental.	Questionários, flashcards, jogos de memória, perguntas objetivas e avaliações diagnósticas.
Compreender	Demonstrar compreensão do conteúdo estudado.	Explicar, resumir, interpretar, comparar e exemplificar informações.	Explicar com suas próprias palavras o funcionamento da fotossíntese ou elaborar um resumo.	Discussões orientadas, mapas conceituais, produção de resumos, rodas de conversa e perguntas abertas.
Aplicar	Utilizar conhecimentos em situações práticas.	Resolver problemas, executar procedimentos e utilizar conceitos em novos contextos.	Resolver problemas matemáticos ou aplicar regras gramaticais na produção textual.	Estudos de caso, atividades práticas, experimentos, oficinas e resolução de problemas.
Analisar	Examinar informações e estabelecer relações entre elementos.	Comparar, diferenciar, categorizar, identificar causas, consequências e relações.	Analisar um texto argumentativo identificando tese, argumentos e evidências.	Debates, análise documental, interpretação de gráficos, estudos comparativos e projetos investigativos.
Avaliar	Emitir julgamentos fundamentados em critérios.	Justificar opiniões, criticar, validar informações e argumentar com evidências.	Avaliar propostas de intervenção ambiental utilizando critérios científicos previamente definidos.	Rubricas avaliativas, seminários, autoavaliação, avaliação por pares e elaboração de pareceres críticos.
Criar	Produzir conhecimentos ou soluções originais.	Planejar, desenvolver, projetar, elaborar e inovar.	Elaborar um projeto interdisciplinar, desenvolver um protótipo ou produzir um podcast educativo.	Aprendizagem baseada em projetos, metodologias ativas, cultura maker, produção autoral e portfólios digitais.

Fonte: Elaborado pelos autores, (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983), Ferraz e Belhot (2010), Almeida et al. (2022), Garajau et al. (2025), Bull et al. (2026), Guimarães et al. (2023) e Nascimento et al. (2026).

A Tabela 1 evidencia que a Taxonomia de Bloom organiza os objetivos educacionais em uma sequência progressiva de desenvolvimento cognitivo, permitindo que o professor planeje o ensino de forma estruturada e coerente com as capacidades que pretende desenvolver em cada etapa da aprendizagem. Essa organização favorece o alinhamento entre objetivos, metodologias e avaliação, proporcionando maior clareza na definição das competências esperadas e na seleção das estratégias pedagógicas mais adequadas. À medida que o estudante avança pelos diferentes níveis da taxonomia, amplia sua capacidade de compreender, aplicar, analisar, avaliar e criar conhecimentos, fortalecendo aprendizagens mais profundas e duradouras.

Observa-se, ainda, que a utilização dessa estrutura favorece a construção de práticas pedagógicas inclusivas e centradas no estudante, pois possibilita adaptar atividades, recursos didáticos e instrumentos avaliativos conforme as necessidades individuais e os diferentes ritmos de aprendizagem. Ao integrar planejamento pedagógico, avaliação formativa, metodologias ativas e tecnologias educacionais, a Taxonomia de Bloom consolida-se como um instrumento estratégico para o desenvolvimento das competências cognitivas exigidas pela educação do século XXI, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos.

2.2. QUAIS SEUS OBJETIVOS EDUCACIONAIS?

A Taxonomia de Bloom foi concebida com a finalidade de organizar os objetivos educacionais de forma sistemática, permitindo que o processo de ensino e aprendizagem seja planejado segundo diferentes níveis de desenvolvimento humano. Desde sua concepção, Benjamin Bloom compreendia que a educação não deveria limitar-se à transmissão de conteúdos, mas favorecer o desenvolvimento integral dos estudantes por meio da articulação entre conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. Nesse sentido, Bloom, Hastings e Madaus (1983) defendem que a definição clara dos objetivos educacionais constitui um elemento essencial para orientar o planejamento, a seleção das metodologias de ensino e a avaliação da aprendizagem, assegurando maior coerência entre aquilo que se pretende ensinar e os resultados esperados ao longo do processo educativo.

A proposta da Taxonomia de Bloom organiza os objetivos educacionais em três grandes domínios: o cognitivo, relacionado ao desenvolvimento intelectual e à construção do conhecimento; o afetivo, voltado à formação de valores, atitudes, interesses e disposições emocionais; e o psicomotor, direcionado ao desenvolvimento de habilidades motoras e da coordenação necessária para a realização de diferentes tarefas. Conforme explicam Ferraz e Belhot (2010**)**, esses domínios não devem ser compreendidos de maneira isolada, pois representam dimensões complementares do desenvolvimento humano que interagem continuamente durante o processo de aprendizagem. Dessa forma, uma educação de qualidade

exige que professores planejem experiências capazes de integrar conhecimentos, competências, habilidades socioemocionais e capacidades práticas.

O domínio cognitivo é o mais difundido e utilizado na organização curricular, por oferecer uma estrutura hierárquica que orienta o desenvolvimento progressivo das habilidades intelectuais. Inicialmente, os estudantes são estimulados a recordar informações e compreender conceitos básicos para, posteriormente, aplicar conhecimentos, analisar situações, avaliar evidências e criar soluções para problemas complexos. Essa progressão favorece a construção de aprendizagens significativas e evita que conteúdos mais complexos sejam introduzidos antes da consolidação dos conhecimentos fundamentais. Nesse contexto**,** Oliveira, Pontes e Marques (2016) ressaltam que a Taxonomia de Bloom constitui importante referência para a avaliação por competências, permitindo identificar com maior precisão o nível de desenvolvimento cognitivo alcançado pelos estudantes.

O domínio afetivo, por sua vez, enfatiza a importância dos aspectos emocionais, motivacionais e valorativos presentes na aprendizagem. O desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade, da ética, da empatia, do respeito às diferenças e da participação colaborativa constitui parte essencial da formação integral dos estudantes. Em uma sociedade caracterizada pela diversidade cultural, pelas rápidas transformações sociais e pelo fortalecimento da educação inclusiva, torna-se indispensável que o planejamento pedagógico contemple também objetivos relacionados à formação cidadã e ao desenvolvimento socioemocional. Sob essa perspectiva, Guimarães et al. (2023) demonstram que práticas fundamentadas na aprendizagem colaborativa e organizadas segundo a Taxonomia de Bloom fortalecem competências sociais, ampliam o protagonismo discente e favorecem ambientes educacionais mais democráticos e participativos.

O domínio psicomotor complementa essa estrutura ao contemplar o desenvolvimento das habilidades relacionadas à coordenação motora, à execução de procedimentos, à manipulação de instrumentos e à realização de atividades práticas. Embora frequentemente associado às áreas de Educação Física, Artes, Ciências da Saúde e Educação Profissional, esse domínio também se faz presente em diferentes componentes curriculares, especialmente quando o ensino envolve experimentação, produção de materiais, utilização de tecnologias digitais e atividades baseadas na resolução de problemas. A integração entre conhecimentos teóricos e habilidades práticas fortalece o desenvolvimento de competências indispensáveis à atuação acadêmica, profissional e social dos estudantes.

Embora cada domínio apresente características específicas, todos são igualmente importantes para a formação integral do educando. A aprendizagem torna-se mais consistente quando conhecimentos cognitivos, competências socioemocionais e habilidades práticas são desenvolvidos de forma articulada e progressiva. Essa integração permite que o estudante

compreenda conteúdos, atribua significado às experiências vivenciadas, desenvolva atitudes éticas e seja capaz de aplicar o conhecimento em situações concretas da vida cotidiana. Como destacam Ischkanian e Ischkanian (2021), a efetividade da Taxonomia de Bloom está justamente na possibilidade de organizar objetivos educacionais que contemplem diferentes dimensões do desenvolvimento humano, promovendo aprendizagens mais amplas, contextualizadas e significativas.

O modelo educacional de Bloom permite identificar o nível de desempenho de cada estudante por meio de uma classificação hierárquica de objetivos que evolui do mais simples para o mais complexo. Essa estrutura oferece ao professor parâmetros objetivos para acompanhar o desenvolvimento das competências cognitivas, identificar dificuldades de aprendizagem e reorganizar continuamente suas estratégias didáticas. Conforme evidenciam Bull et al. (2026), a utilização de avaliações estruturadas segundo os níveis da Taxonomia de Bloom favorece a produção de devolutivas personalizadas, permitindo intervenções pedagógicas mais precisas e contribuindo para processos contínuos de melhoria da aprendizagem.

A organização hierárquica dos objetivos favorece a construção de práticas pedagógicas inclusivas ao respeitar os diferentes ritmos, estilos e necessidades de aprendizagem apresentados pelos estudantes. Em vez de exigir que todos alcancem simultaneamente os mesmos níveis cognitivos, a Taxonomia de Bloom possibilita ao docente adaptar objetivos, selecionar estratégias diferenciadas e desenvolver percursos personalizados de aprendizagem. Estudos realizados por Garajau et al. (2025) evidenciam que essa flexibilidade fortalece o planejamento inclusivo, amplia as oportunidades de participação e favorece o desenvolvimento das potencialidades individuais. De forma complementar, Figueiredo, Theodoro e Faria (2023) demonstram que a articulação entre a Taxonomia de Bloom e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem reduz barreiras pedagógicas e amplia a acessibilidade curricular.

Na educação contemporânea, marcada pela presença das tecnologias digitais e pelo fortalecimento das metodologias ativas, a Taxonomia de Bloom passou a orientar também o desenvolvimento de ambientes inteligentes de aprendizagem. Pesquisas desenvolvidas por Almeida et al. (2022) demonstram que sistemas computacionais podem utilizar a estrutura hierárquica da taxonomia para organizar automaticamente sequências didáticas compatíveis com o nível cognitivo dos estudantes, personalizando atividades e favorecendo aprendizagens mais eficientes. Resultados semelhantes foram identificados por Nascimento et al. (2026), ao demonstrarem que a integração entre metodologias ativas, modelagem computacional e Taxonomia de Bloom promove avanços significativos na aprendizagem e no desenvolvimento das competências científicas.

Os objetivos educacionais propostos por Bloom ultrapassam a simples organização dos conteúdos escolares, constituindo um referencial pedagógico capaz de orientar o planejamento, a mediação docente, a avaliação formativa, a inclusão educacional e o desenvolvimento progressivo das competências cognitivas, afetivas e psicomotoras. Sua aplicação permite estruturar percursos de aprendizagem mais coerentes, personalizados e alinhados às demandas da educação do século XXI, fortalecendo a formação de estudantes críticos, criativos, autônomos e preparados para aprender continuamente ao longo da vida.

2.3. QUAIS SÃO OS DOMÍNIOS DA TAXONOMIA DE BLOOM?

A Taxonomia de Bloom constitui uma organização hierárquica dos objetivos educacionais, estruturada inicialmente por Benjamin Bloom e colaboradores, com a finalidade de auxiliar professores e pesquisadores no planejamento, desenvolvimento e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem. O termo “táxon” refere-se a um sistema de classificação composto por grupos organizados em níveis progressivos, nos quais cada etapa apresenta maior complexidade cognitiva em relação à anterior. A aprendizagem é compreendida como um processo gradual, em que o estudante avança da aquisição inicial de informações até a capacidade de analisar, criar, avaliar e utilizar conhecimentos em situações complexas.

Segundo Bloom, Hastings e Madaus (1983), os objetivos educacionais podem ser distribuídos em três grandes domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor. Esses domínios representam diferentes dimensões do desenvolvimento humano, considerando que aprender não significa apenas memorizar conteúdos, mas também desenvolver valores, atitudes, habilidades sociais, capacidades motoras e competências para resolver problemas. A integração desses três campos favorece uma formação mais ampla do estudante, pois articula conhecimento, emoção, comportamento e ação.

O domínio cognitivo está relacionado aos processos intelectuais envolvidos na construção do conhecimento, incluindo recordar informações, compreender conceitos, aplicar saberes, analisar situações, produzir novos conhecimentos e avaliar ideias ou soluções. Já o domínio afetivo envolve sentimentos, valores, atitudes, interesses, motivação e disposição para aprender, sendo fundamental para o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da participação social. O domínio psicomotor refere-se às habilidades relacionadas aos movimentos corporais, à coordenação, à manipulação de objetos e à execução de procedimentos práticos.

No contexto educacional contemporâneo, a Taxonomia de Bloom passou por revisões que buscaram aproximá-la das novas demandas pedagógicas, especialmente diante da necessidade de desenvolver competências e habilidades. Conforme destacam Ferraz e Belhot (2010), a revisão da taxonomia substituiu algumas categorias originalmente apresentadas como

substantivos por verbos de ação, enfatizando que o ensino deve estimular processos ativos de aprendizagem. Assim, o estudante deixa de ser visto como um receptor passivo de informações e passa a assumir papel protagonista na construção do conhecimento.

A utilização dos domínios da Taxonomia de Bloom possibilita que o professor estabeleça objetivos educacionais claros, planeje estratégias metodológicas adequadas e desenvolva avaliações coerentes com as habilidades esperadas. Almeida et al. (2022) destacam que a organização hierárquica dos níveis cognitivos pode contribuir para recomendações pedagógicas mais personalizadas, permitindo sequenciar atividades de acordo com diferentes graus de complexidade.

2.3.1. Domínio cognitivo

O domínio cognitivo representa a dimensão da aprendizagem relacionada ao desenvolvimento intelectual, à aquisição de conhecimentos e à capacidade de utilizar informações em diferentes contextos. Ele envolve desde habilidades básicas, como reconhecer e memorizar conceitos, até processos superiores, como criar soluções inovadoras e avaliar criticamente informações. Nesse sentido, o conhecimento adquirido deixa de ser apenas acumulativo e passa a assumir função prática, permitindo ao estudante interpretar situações, resolver problemas e transformar sua realidade.

Esse domínio é organizado em seis níveis hierárquicos: conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação. Cada nível representa uma etapa de aprofundamento intelectual, na qual o estudante desenvolve habilidades progressivamente mais complexas. Conforme explicam Ferraz e Belhot (2010), essa organização auxilia o professor na elaboração de objetivos instrucionais mais precisos, pois permite identificar quais operações mentais devem ser estimuladas em cada atividade pedagógica.

A progressão entre os níveis cognitivos não significa que um estudante precisa dominar completamente uma etapa para iniciar outra, mas indica uma estrutura de desenvolvimento que orienta práticas educativas mais sistemáticas. Dessa maneira, atividades de memorização podem servir como base para processos mais complexos, como argumentação, investigação, criação e tomada de decisão.

No campo da educação inclusiva, a aplicação do domínio cognitivo da Taxonomia de Bloom permite adaptar objetivos e estratégias conforme as necessidades individuais dos estudantes. Figueiredo, Theodoro e Faria (2023) ressaltam que práticas fundamentadas no Desenho Universal para a Aprendizagem favorecem múltiplas formas de participação e expressão do conhecimento, possibilitando que diferentes estudantes alcancem objetivos educacionais significativos.

2.3.2. Nível 1: Conhecimento

O nível de conhecimento corresponde à capacidade de reconhecer, lembrar e recuperar informações previamente apresentadas. Trata-se do primeiro estágio da aprendizagem cognitiva, no qual o estudante demonstra domínio de fatos, conceitos, datas, termos, regras, procedimentos e informações fundamentais de determinado campo de estudo.

Esse nível é essencial porque constitui a base para aprendizagens posteriores. Antes de interpretar, aplicar ou criar novos conhecimentos, o estudante precisa possuir referências básicas que permitam compreender determinado conteúdo. Entretanto, a aprendizagem não deve permanecer limitada à simples memorização, pois o conhecimento inicial precisa ser ampliado por meio de atividades que favoreçam compreensão e utilização prática.

As subcategorias desse nível abrangem conhecimentos específicos, terminologias, classificações, categorias, critérios, métodos, princípios, generalizações, teorias e estruturas. Dessa forma, o estudante desenvolve um repertório conceitual necessário para avançar para níveis cognitivos mais complexos.

As ações associadas ao conhecimento incluem identificar, definir, listar, nomear, reconhecer, recordar, relacionar e reproduzir informações. Essas ações podem ser estimuladas por atividades como pesquisas orientadas, mapas conceituais, exercícios de identificação, questionários diagnósticos e práticas de revisão.

De acordo com Oliveira, Pontes e Marques (2016), embora o conhecimento seja considerado o nível inicial da Taxonomia de Bloom, ele possui grande importância na avaliação por competências, pois possibilita verificar se o estudante apresenta os fundamentos necessários para desenvolver habilidades mais elaboradas.

2.3.3. Nível 2: Compreensão

A compreensão representa a capacidade de atribuir significado às informações aprendidas, ultrapassando a simples reprodução de conteúdos. Nesse nível, o estudante demonstra que consegue interpretar ideias, explicar conceitos com suas próprias palavras e estabelecer relações entre diferentes conhecimentos.

Compreender significa transformar informações em conhecimento significativo. O estudante passa a interpretar textos, gráficos, situações-problema e fenômenos, reconhecendo sentidos, relações e consequências. Esse processo favorece uma aprendizagem mais profunda, pois o conteúdo deixa de ser apenas armazenado e passa a ser entendido.

As subcategorias desse nível são translação, interpretação e extrapolação. A translação envolve transformar uma informação em outra forma de representação; a interpretação refere-se à atribuição de significado; e a extrapolação corresponde à capacidade de realizar previsões ou compreender consequências a partir do conhecimento adquirido.

Entre as ações relacionadas estão explicar, resumir, interpretar, classificar, comparar, exemplificar, traduzir, discutir e reformular. Essas habilidades podem ser desenvolvidas por meio de debates, produção textual, resolução de situações contextualizadas e atividades colaborativas.

Guimarães et al. (2023) enfatizam que a associação entre aprendizagem colaborativa e Taxonomia de Bloom amplia as possibilidades de construção coletiva do conhecimento, pois favorece que os estudantes expliquem, argumentem e reconstruam conceitos em interação com seus colegas.

2.3.4. Nível 3: Aplicação

A aplicação corresponde à capacidade de utilizar conhecimentos, métodos, conceitos e princípios aprendidos em situações novas ou concretas. Nesse nível, o estudante demonstra que consegue transferir aquilo que aprendeu para resolver problemas, realizar tarefas ou interpretar diferentes contextos.

A aplicação representa uma mudança importante no processo educativo, pois o conhecimento deixa de ser apenas compreendido e passa a ser utilizado como ferramenta para ação. O estudante aprende a mobilizar informações de maneira prática, relacionando teoria e realidade.

As ações desse nível incluem aplicar, demonstrar, utilizar, resolver, construir, desenvolver, modificar, operar e praticar. Exemplos de atividades são experimentos, projetos, estudos de caso, resolução de problemas e situações práticas relacionadas ao cotidiano.

Na educação inclusiva, esse nível possibilita criar atividades que valorizem diferentes formas de participação dos estudantes, respeitando suas características e potencialidades. Garajau et al. (2025) destacam que a Taxonomia de Bloom pode contribuir para planejamentos inclusivos ao orientar objetivos pedagógicos progressivos e acessíveis.

2.3.5. Nível 4: Análise

A análise envolve a capacidade de decompor informações ou conhecimentos em partes menores para compreender sua organização, estrutura e relações internas. Nesse estágio, o estudante passa a investigar elementos, identificar conexões, comparar informações e compreender como diferentes componentes formam um determinado conjunto.

Esse nível exige maior capacidade crítica, pois o estudante precisa observar relações, identificar causas, reconhecer padrões e compreender princípios organizadores. A análise favorece o pensamento investigativo e contribui para o desenvolvimento da autonomia intelectual.

As subcategorias incluem análise de elementos, análise de relacionamentos e análise de princípios organizacionais. Essas dimensões permitem compreender não apenas o conteúdo em si, mas também como ele está estruturado.

As ações relacionadas incluem comparar, diferenciar, examinar, questionar, classificar, identificar, separar, relacionar e investigar. Estratégias como pesquisas, debates, análise de documentos, interpretação de dados e resolução de problemas complexos favorecem esse desenvolvimento.

Nascimento et al. (2026) demonstram que análises fundamentadas na Taxonomia de Bloom podem contribuir para avaliar processos de aprendizagem mais complexos, especialmente em metodologias que envolvem investigação e participação ativa dos estudantes.

2.3.6. Nível 5: Síntese

A síntese corresponde à capacidade de reunir elementos diversos para construir uma nova organização, ideia ou produção. Nesse nível, o estudante utiliza conhecimentos anteriores para elaborar propostas, criar soluções, desenvolver projetos e produzir novos significados.

A síntese representa um avanço significativo porque envolve criatividade, planejamento e integração de diferentes informações. O estudante deixa de apenas compreender conhecimentos existentes e passa a produzir novas construções intelectuais.

As subcategorias envolvem a produção de comunicação original, elaboração de planos ou propostas e criação de relações abstratas. Dessa maneira, o estudante desenvolve capacidade de inovar e reorganizar conhecimentos.

As ações relacionadas incluem criar, elaborar, planejar, construir, formular, propor, organizar, desenvolver, projetar e inventar. Atividades como projetos interdisciplinares, produção científica, criação de materiais e resolução criativa de problemas estimulam esse nível.

2.3.7. Nível 6: Avaliação

A avaliação constitui o nível mais elevado da Taxonomia de Bloom original, pois envolve a capacidade de julgar o valor, a qualidade ou a relevância de ideias, informações, métodos ou produtos com base em critérios estabelecidos.

Nesse nível, o estudante desenvolve pensamento crítico, capacidade argumentativa e autonomia intelectual. Avaliar não significa apenas emitir uma opinião, mas construir julgamentos fundamentados por evidências, princípios ou critérios específicos.

As subcategorias envolvem avaliação baseada em evidências internas, relacionadas à coerência e organização de determinado conhecimento, e julgamento baseado em critérios externos, relacionados à relevância, utilidade e adequação.

As ações associadas incluem avaliar, comparar, justificar, criticar, selecionar, validar, defender, concluir e decidir. Essas habilidades são desenvolvidas por meio de debates, avaliações críticas, produção de resenhas, análise de situações-problema e argumentação.

Pachevitch et al. (2021) evidenciam que a utilização da Taxonomia de Bloom no Atendimento Educacional Especializado pode favorecer práticas pedagógicas mais estruturadas, permitindo que estudantes com diferentes necessidades avancem gradualmente no desenvolvimento cognitivo.

O domínio cognitivo da Taxonomia de Bloom representa uma ferramenta fundamental para orientar processos educativos que valorizem aprendizagem significativa, pensamento crítico, autonomia e participação ativa dos estudantes. Ao organizar os objetivos educacionais em níveis progressivos, essa taxonomia contribui para que professores planejem experiências de aprendizagem mais inclusivas, intencionais e alinhadas ao desenvolvimento integral humano.

2.4. DOMÍNIO AFETIVO

O domínio afetivo da Taxonomia de Bloom está relacionado ao desenvolvimento de valores, sentimentos, atitudes, interesses, motivação e formas de interação do estudante com o conhecimento, consigo mesmo e com o outro. Diferentemente do domínio cognitivo, que enfatiza processos intelectuais, o domínio afetivo considera que a aprendizagem também transforma emoções, comportamentos e posicionamentos pessoais. Nesse sentido, aprender envolve não apenas adquirir informações, mas desenvolver sensibilidade, respeito, responsabilidade, autonomia e participação social.

Krathwohl, Bloom e Masia (1964), ao sistematizarem o domínio afetivo, organizaram cinco níveis progressivos: recepção, resposta, avaliação, organização e caracterização. Esses níveis demonstram uma evolução que parte da percepção inicial de estímulos e valores até a incorporação desses valores como parte da identidade do estudante. O aluno passa gradativamente de uma postura de observação e aceitação para uma participação consciente e orientada por princípios pessoais. Essa progressão evidencia que o desenvolvimento afetivo não ocorre de maneira imediata, mas por meio de experiências educativas contínuas, nas quais o estudante amplia sua capacidade de perceber emoções, atribuir significado às vivências, construir valores e expressar atitudes coerentes com suas aprendizagens.

No contexto escolar, o domínio afetivo contribui para compreender que o processo educativo envolve dimensões emocionais, sociais e éticas que influenciam diretamente a aprendizagem. À medida que o estudante avança pelos níveis propostos, desenvolve maior autonomia emocional, capacidade de cooperação, respeito às diferenças e responsabilidade diante de suas escolhas. Dessa forma, a escola deixa de ser compreendida apenas como espaço

de transmissão de conteúdos e passa a assumir uma função formativa mais ampla, voltada ao desenvolvimento integral do sujeito. A construção de valores, atitudes e comportamentos positivos favorece relações mais humanizadas, ambientes inclusivos e práticas pedagógicas que reconhecem o estudante como um ser complexo, constituído por conhecimentos, sentimentos, experiências e formas próprias de compreender e interagir com o mundo.

Tabela 2: Domínio afetivo da Taxonomia de Bloom: explicação dos níveis e exemplos de aplicação da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Nível do domínio afetivo	Explicação do conceito	Educação Infantil	Ensino Fundamental (ANOS INICIAIS E FINAIS)	Ensino Médio
Recepção	Refere-se à capacidade de perceber, reconhecer e estar aberto aos estímulos emocionais, sociais e culturais presentes no ambiente educativo. Nesse nível, o estudante começa a identificar sentimentos, atitudes e valores próprios e das pessoas ao seu redor. É o primeiro contato consciente com determinada experiência, permitindo desenvolver atenção, escuta e percepção emocional.	A criança reconhece suas emoções básicas, como alegria, tristeza, medo e raiva, aprendendo a identificar como se sente em diferentes situações. Exemplo: durante uma roda de conversa, o professor utiliza histórias infantis para que as crianças percebam sentimentos dos personagens e relacionem com suas próprias experiências.	O estudante aprende a perceber diferentes opiniões, culturas e formas de convivência. Exemplo: em atividades sobre diversidade, os alunos observam diferenças entre colegas, desenvolvendo respeito pelas características individuais e sociais de cada pessoa.	O estudante desenvolve consciência sobre questões sociais, éticas e humanas. Exemplo: ao discutir temas como desigualdade, meio ambiente ou direitos humanos, os alunos analisam suas próprias percepções e compreendem diferentes perspectivas sociais.
Resposta	Envolve a participação ativa diante de estímulos, demonstrando interesse, envolvimento e disposição para agir. O estudante deixa de ser	A criança participa de brincadeiras coletivas, músicas, jogos e atividades propostas pelo professor, demonstrando envolvimento e	O aluno participa de projetos, debates, trabalhos em equipe e atividades escolares, demonstrando responsabilidade e colaboração. Exemplo:	O estudante participa criticamente de debates, pesquisas e projetos sociais, assumindo responsabilidades diante de questões

	apenas observador e passa a interagir com o processo educativo, manifestando comportamentos, atitudes e participação voluntária.	interação com os colegas. Exemplo: participar de uma atividade cooperativa de montagem de brinquedos, ajudando o grupo na construção de uma tarefa.	participar de uma campanha de preservação ambiental organizada pela escola, contribuindo com ideias e ações práticas.	coletivas. Exemplo: desenvolver uma ação de conscientização sobre saúde mental ou sustentabilidade dentro da comunidade escolar.
Avaliação	Corresponde à capacidade de atribuir valor, importância ou significado a conhecimentos, experiências e comportamentos. O estudante começa a construir julgamentos pessoais fundamentados, desenvolvendo preferências, princípios e posicionamentos próprios.	A criança começa a compreender valores como amizade, respeito, solidariedade e cuidado. Exemplo: perceber que ajudar um colega em uma atividade é uma atitude positiva e importante para a convivência.	O estudante desenvolve capacidade de refletir sobre atitudes, regras e valores sociais. Exemplo: analisar situações de bullying e compreender a importância do respeito e da empatia nas relações escolares.	O aluno desenvolve posicionamentos críticos diante de questões sociais, políticas, científicas e culturais. Exemplo: avaliar diferentes argumentos sobre inteligência artificial, ética profissional ou sustentabilidade, construindo opinião fundamentada.
Organização	Refere-se à capacidade de integrar diferentes valores, informações e experiências, estabelecendo relações entre eles e formando um sistema pessoal de princípios. Nesse estágio, o estudante organiza suas ideias, compara valores e constrói referências próprias para orientar suas ações.	A criança começa a compreender regras de convivência e relacioná-las ao bem-estar coletivo. Exemplo: organizar seus materiais, respeitar combinados da turma e compreender que suas ações influenciam os colegas.	O estudante relaciona conhecimentos, valores e experiências para tomar decisões mais conscientes. Exemplo: participar da elaboração de normas da turma, compreendendo a importância da responsabilidade coletiva.	O estudante estrutura princípios pessoais relacionados à cidadania, ética e participação social. Exemplo: desenvolver projetos de intervenção comunitária fundamentados em valores como justiça, respeito e responsabilidade social.

Caracterização	Representa o nível mais elevado do domínio afetivo, no qual os valores e atitudes são internalizados e passam a fazer parte da identidade do estudante. O conhecimento adquirido influencia permanentemente seus comportamentos, escolhas e formas de compreender o mundo.	A criança demonstra atitudes constantes de cuidado, respeito e cooperação sem depender sempre da orientação do adulto. Exemplo: espontaneamente ajudar colegas, cuidar dos materiais coletivos e respeitar diferenças.	O estudante apresenta comportamentos coerentes com valores construídos ao longo da formação escolar. Exemplo: agir contra práticas discriminatórias, colaborar com colegas e assumir responsabilidades em atividades coletivas.	O jovem demonstra autonomia ética e compromisso social, utilizando seus valores para orientar decisões pessoais e profissionais. Exemplo: participar de ações voluntárias, defender princípios democráticos e atuar de maneira responsável na sociedade.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Krathwohl, Bloom e Masia (1964); Bloom, Hastings e Madaus (1983).

A aplicação do domínio afetivo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio evidencia que a formação humana ocorre de maneira progressiva e integrada. Na infância, o desenvolvimento afetivo inicia-se pela identificação das emoções e pela construção das primeiras relações sociais; nos anos posteriores, amplia-se para a reflexão sobre valores, convivência, ética e participação coletiva. Dessa maneira, a escola assume papel fundamental não apenas na transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas também na formação de sujeitos capazes de compreender seus sentimentos, respeitar o outro e participar conscientemente da sociedade.

Conforme destacam Bloom, Hastings e Madaus (1983), os objetivos educacionais precisam considerar dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais, pois a aprendizagem significativa envolve transformação integral do indivíduo. Assim, o domínio afetivo contribui para uma educação humanizadora, inclusiva e comprometida com o desenvolvimento de competências socioemocionais, fortalecendo vínculos, autonomia e responsabilidade.

Na perspectiva da educação inclusiva, o domínio afetivo possui importância ainda maior, pois favorece ambientes escolares baseados no acolhimento, na empatia e no reconhecimento das singularidades dos estudantes. Práticas pedagógicas que valorizam emoções, participação e pertencimento possibilitam que todos os alunos, independentemente de suas características ou necessidades educacionais, desenvolvam relações positivas com o conhecimento e com a comunidade escolar.

2.5. DOMÍNIO PSICOMOTOR

O domínio psicomotor da Taxonomia de Bloom está relacionado ao desenvolvimento das habilidades corporais, motoras e perceptivas que possibilitam ao estudante aprender por meio da ação, da experimentação e da interação com o ambiente. Esse domínio considera que o corpo desempenha papel fundamental na construção do conhecimento, pois muitas aprendizagens são desenvolvidas por meio dos movimentos, da coordenação motora, da manipulação de objetos, da percepção sensorial e da execução de procedimentos práticos.

As habilidades psicomotoras não se restringem apenas aos movimentos físicos, mas envolvem a integração entre percepção, pensamento, emoção e ação. Desde a Educação Infantil, quando a criança explora objetos, brinca, corre, desenha e experimenta diferentes materiais, até o Ensino Médio, quando desenvolve competências técnicas, esportivas, científicas e profissionais, o desenvolvimento psicomotor contribui para a autonomia, a criatividade e a resolução de problemas.

Conforme destacam Bloom, Hastings e Madaus (1983), a organização hierárquica desse domínio demonstra uma evolução progressiva: inicialmente, o estudante percebe estímulos do ambiente, prepara-se para realizar uma ação, executa movimentos com orientação, desenvolve automatização das habilidades e, finalmente, realiza atividades com autonomia e precisão. O processo educativo favorece não apenas a aquisição de habilidades motoras, mas também o desenvolvimento da confiança, da independência e da capacidade de atuar em diferentes contextos.

Tabela 3 – Domínio psicomotor da Taxonomia de Bloom: explicação dos níveis e exemplos de aplicação da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Nível do domínio psicomotor	Explicação do conceito	Educação Infantil	Ensino Fundamental (ANOS INICIAIS E FINAIS)	Ensino Médio
Percepção	Refere-se à capacidade de utilizar os sentidos corporais para compreender e interpretar o ambiente. Envolve visão, audição, tato, olfato e paladar, permitindo que o estudante reconheça estímulos,	A criança explora diferentes texturas, sons, cores, formas e movimentos por meio de brincadeiras sensoriais. Exemplo: tocar materiais com diferentes superfícies, identificar sons	O estudante desenvolve percepção espacial, coordenação motora e capacidade de observar características de materiais e fenômenos. Exemplo: realizar experiências científicas,	O aluno utiliza percepção e habilidades sensoriais em atividades mais complexas, como experimentos laboratoriais, práticas esportivas, produções artísticas e atividades técnicas.

	identifique características dos objetos e desenvolva consciência corporal. A percepção é a base para aprendizagens posteriores, pois possibilita a relação entre corpo, espaço e conhecimento.	de animais, experimentar sabores e reconhecer objetos pelo tato.	atividades artísticas, jogos esportivos e práticas que envolvam medidas, movimentos e organização espacial.	Exemplo: observar detalhes em uma análise científica, interpretar dados visuais ou utilizar equipamentos específicos com atenção aos estímulos do ambiente.
Predisposição	Envolve a preparação mental, física e emocional para executar determinada atividade. O estudante demonstra disponibilidade, interesse e organização para realizar uma ação, compreendendo os objetivos e preparando-se adequadamente para a tarefa proposta.	A criança organiza-se para participar de brincadeiras, atividades de movimento e propostas pedagógicas. Exemplo: preparar os materiais para uma pintura, posicionar-se para uma atividade musical ou aguardar orientações antes de iniciar uma brincadeira coletiva.	O estudante desenvolve responsabilidade e planejamento antes de executar tarefas. Exemplo: preparar materiais para um experimento, organizar etapas de um projeto ou realizar aquecimento antes de atividades esportivas.	O aluno demonstra planejamento e autonomia para executar atividades acadêmicas e práticas. Exemplo: organizar equipamentos para uma pesquisa, preparar apresentações, planejar atividades profissionais ou desenvolver projetos tecnológicos.
Resposta guiada	Caracteriza-se pela realização de ações com orientação, acompanhamento e demonstração de um professor ou mediador. Nesse estágio, o estudante aprende procedimentos por meio da observação, imitação, repetição e correção dos movimentos,	A criança realiza movimentos seguindo instruções do professor, como danças, jogos motores, atividades com massinha, recortes e colagens. Exemplo: aprender a segurar corretamente um lápis após	O estudante executa procedimentos seguindo modelos ou instruções. Exemplo: aprender técnicas de laboratório, regras esportivas, procedimentos artísticos ou etapas para construção de trabalhos escolares.	O aluno desenvolve habilidades técnicas com acompanhamento inicial. Exemplo: utilizar softwares, equipamentos de laboratório ou ferramentas específicas seguindo protocolos apresentados pelo professor.

	construindo gradativamente segurança para agir sozinho.	orientação do educador.		
Resposta mecânica	Refere-se ao momento em que as ações anteriormente orientadas tornam-se mais automáticas devido à prática constante. O estudante adquire domínio progressivo dos movimentos, realizando atividades com maior segurança, rapidez e precisão.	A criança desenvolve habilidades motoras por meio da repetição de atividades, como correr, pular, desenhar, recortar e manipular objetos com maior controle. Exemplo: conseguir escrever seu nome ou montar construções com autonomia após várias experiências.	O estudante aperfeiçoa habilidades adquiridas pela prática. Exemplo: executar cálculos utilizando procedimentos matemáticos, desenvolver técnicas esportivas, realizar desenhos técnicos ou utilizar instrumentos com maior precisão.	O aluno realiza procedimentos complexos com domínio técnico. Exemplo: executar experimentos científicos, produzir materiais digitais, desenvolver práticas artísticas ou utilizar ferramentas profissionais com segurança.
Resposta completa e clara	Representa o nível mais elevado do domínio psicomotor, no qual o estudante executa ações com autonomia, precisão, eficiência e controle. A habilidade torna-se integrada ao seu repertório, permitindo adaptação diante de novas situações sem necessidade de auxílio constante.	A criança realiza atividades motoras e práticas com independência. Exemplo: cuidar dos próprios materiais, realizar desenhos, montar brinquedos, participar de jogos e resolver desafios motores sem intervenção contínua do professor.	O estudante demonstra domínio de habilidades físicas, técnicas e práticas. Exemplo: conduzir projetos, realizar apresentações, participar de competições esportivas ou executar atividades experimentais com autonomia.	O jovem utiliza habilidades psicomotoras de forma independente em situações acadêmicas, profissionais e sociais. Exemplo: desenvolver projetos técnicos, realizar procedimentos especializados, criar produtos, atuar em práticas profissionais ou solucionar problemas utilizando conhecimentos práticos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983); Krathwohl, Bloom e Masia (1964).

O domínio psicomotor evidencia que o corpo é um instrumento essencial no processo de aprendizagem, pois muitas competências são construídas pela experimentação, pela prática e pela interação com diferentes ambientes. Na Educação Infantil, esse desenvolvimento está diretamente relacionado ao brincar, à exploração corporal e às experiências sensoriais; no Ensino Fundamental, amplia-se para habilidades acadêmicas, esportivas, artísticas e científicas; enquanto no Ensino Médio envolve competências técnicas, profissionais e maior autonomia na realização de tarefas complexas.

O desenvolvimento psicomotor deve ser compreendido como uma dimensão integrada ao desenvolvimento cognitivo e afetivo. O estudante aprende não apenas pensando e sentindo, mas também realizando ações concretas que possibilitam transformar conhecimentos abstratos em experiências práticas. A valorização desse domínio contribui para uma educação mais completa, inclusiva e significativa, considerando que cada estudante possui diferentes formas de aprender, expressar-se e construir conhecimentos.

Em uma perspectiva inclusiva, o domínio psicomotor também favorece adaptações pedagógicas que respeitam diferentes ritmos e potencialidades. Estratégias baseadas em atividades práticas, recursos sensoriais, tecnologias assistivas e experiências corporais permitem ampliar a participação dos estudantes, garantindo oportunidades de aprendizagem acessíveis e significativas. O desenvolvimento das habilidades psicomotoras fortalece a autonomia, a autoestima e a participação ativa dos alunos em todos os níveis de ensino.

2.6. COMO APLICAR A TAXONOMIA DE BLOOM NA PRÁTICA?

A aplicação da Taxonomia de Bloom na prática pedagógica exige que o professor compreenda a aprendizagem como um processo progressivo, estruturado e multidimensional. O planejamento das aulas não deve considerar apenas a transmissão de conteúdos, mas também o desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras que permitam ao estudante compreender, aplicar, criar, posicionar-se e agir diante das situações do cotidiano. Nesse sentido, os objetivos educacionais precisam ser organizados considerando diferentes níveis de complexidade, possibilitando que o aluno avance gradativamente da aquisição inicial do conhecimento até processos mais elaborados de pensamento crítico e autonomia.

Bloom, Hastings e Madaus (1983) destacam que os objetivos educacionais devem orientar tanto o ensino quanto a avaliação, pois permitem identificar quais aprendizagens são esperadas em determinado momento do processo educativo. A Taxonomia de Bloom funciona como uma ferramenta de planejamento que auxilia o professor na escolha de metodologias, recursos didáticos e instrumentos avaliativos coerentes com aquilo que deseja desenvolver nos estudantes. A organização hierárquica dos níveis não significa que todos os alunos devem

seguir exatamente o mesmo percurso, mas oferece uma referência para que o docente compreenda as diferentes possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem.

Na prática escolar, aplicar a Taxonomia de Bloom significa transformar objetivos genéricos em objetivos claros e observáveis. Por exemplo, um professor que estabelece como objetivo "ensinar o meio ambiente" possui uma proposta ampla; entretanto, ao utilizar a taxonomia, pode definir diferentes níveis de aprendizagem: no nível de conhecimento, o aluno poderá identificar os principais problemas ambientais; na compreensão, explicar suas causas; na aplicação, desenvolver ações de preservação; na análise, comparar impactos ambientais em diferentes contextos; na síntese, criar projetos sustentáveis; e na avaliação, argumentar sobre políticas ambientais e suas consequências.

A Taxonomia de Bloom contribui para que o professor desenvolva atividades mais intencionais, evitando práticas centradas apenas na memorização. Ferraz e Belhot (2010) explicam que a revisão da taxonomia possibilitou uma compreensão mais dinâmica dos processos de aprendizagem, substituindo categorias estáticas por verbos de ação que representam aquilo que o estudante deve ser capaz de realizar. Assim, ensinar deixa de significar apenas apresentar informações e passa a envolver a construção de experiências que desenvolvam competências.

2.61. Planejamento da aula considerando os três domínios da aprendizagem

Para aplicar a Taxonomia de Bloom, o professor deve elaborar seu planejamento considerando os três grandes domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor. Esses domínios não funcionam isoladamente, mas se complementam no desenvolvimento integral do estudante.

O domínio cognitivo está relacionado ao desenvolvimento intelectual, envolvendo processos como lembrar, compreender, aplicar, analisar, criar e avaliar. O domínio afetivo envolve sentimentos, valores, atitudes, participação e relações sociais. Já o domínio psicomotor está relacionado às habilidades práticas, movimentos corporais, coordenação e execução de procedimentos.

Por exemplo, em uma aula sobre alimentação saudável na Educação Infantil:

Domínio cognitivo: a criança identifica alimentos saudáveis e compreende sua importância para o corpo.

Domínio afetivo: desenvolve atitudes de cuidado consigo mesma e respeito às escolhas alimentares dos colegas.

Domínio psicomotor: participa da preparação de uma salada de frutas, manipulando alimentos e desenvolvendo habilidades motoras.

Nesse exemplo, a aprendizagem não acontece apenas pela informação transmitida pelo professor, mas pela integração entre pensamento, emoção e ação.

Figueiredo, Theodoro e Faria (2023) destacam que práticas pedagógicas inclusivas precisam considerar diferentes formas de acesso ao conhecimento, valorizando múltiplas maneiras de aprender e participar. Assim, a Taxonomia de Bloom pode ser articulada ao Desenho Universal para a Aprendizagem, permitindo que estudantes com diferentes necessidades tenham oportunidades de alcançar objetivos educacionais significativos.

2.6.2. Definição dos objetivos educacionais utilizando a Taxonomia de Bloom

Um dos principais usos da Taxonomia de Bloom é auxiliar o professor na formulação dos objetivos da aula. Um objetivo bem elaborado deve indicar claramente aquilo que o estudante será capaz de realizar ao final da atividade.

Em vez de utilizar objetivos vagos, como: *"Compreender matemática."*

O professor pode elaborar objetivos mais específicos: *"Resolver situações-problema envolvendo operações matemáticas utilizando estratégias próprias."*

Nesse caso, o verbo "resolver" indica uma ação relacionada ao nível de aplicação do domínio cognitivo.

No quadro 1 destacamos (autores, 2026), alguns exemplos de verbos associados aos níveis cognitivos:

Nível	Objetivo utilizando verbo de ação	Exemplo prático
Conhecimento	Identificar, listar, reconhecer	Identificar as características dos animais vertebrados.
Compreensão	Explicar, interpretar, resumir	Explicar como ocorre o ciclo da água.
Aplicação	Utilizar, resolver, demonstrar	Utilizar conhecimentos matemáticos para resolver problemas cotidianos.
Análise	Comparar, investigar, diferenciar	Comparar diferentes fontes históricas e identificar suas diferenças.
Síntese	Criar, elaborar, desenvolver	Criar uma campanha de conscientização ambiental.
Avaliação	Justificar, argumentar, avaliar	Avaliar os impactos de uma determinada ação social.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983).

Segundo Almeida et al. (2022), a utilização de objetivos organizados pela Taxonomia de Bloom favorece uma sequência pedagógica mais estruturada, permitindo que as atividades sejam planejadas conforme o nível de desenvolvimento esperado dos estudantes. Essa organização contribui para que o professor estabeleça uma progressão lógica das aprendizagens, iniciando por habilidades mais simples e avançando gradativamente para processos cognitivos mais complexos, como análise, criação e avaliação. Dessa maneira, o planejamento deixa de ser baseado apenas na seleção de conteúdos e passa a considerar quais

operações mentais os estudantes precisam desenvolver para construir conhecimentos mais significativos.

A definição de objetivos educacionais fundamentados na Taxonomia de Bloom possibilita maior clareza na relação entre ensino, aprendizagem e avaliação. O professor consegue identificar quais competências deseja desenvolver, quais estratégias metodológicas são mais adequadas e quais instrumentos avaliativos permitem verificar se os estudantes realmente alcançaram as aprendizagens propostas. Essa articulação favorece práticas pedagógicas mais intencionais, pois cada atividade passa a ter uma finalidade definida dentro do processo educativo, evitando propostas descontextualizadas ou centradas exclusivamente na memorização.

A utilização dessa abordagem também favorece a personalização do ensino, pois permite reconhecer que os estudantes apresentam diferentes ritmos, experiências e formas de aprender. Ao identificar o nível em que determinado aluno ou turma se encontra, o professor pode elaborar intervenções mais adequadas, oferecendo desafios progressivos e oportunidades de avanço. Nesse sentido, a Taxonomia de Bloom torna-se uma ferramenta importante para a construção de práticas inclusivas, uma vez que possibilita adaptar objetivos e estratégias sem reduzir as expectativas de aprendizagem dos estudantes.

No contexto das metodologias ativas, a organização dos objetivos pela Taxonomia de Bloom amplia o protagonismo dos alunos, pois incentiva atividades nas quais eles precisam interpretar informações, resolver problemas, criar soluções e argumentar sobre diferentes situações. Assim, a aprendizagem passa a ser compreendida como um processo dinâmico, no qual o estudante participa da construção do conhecimento e desenvolve competências necessárias para atuar de maneira crítica e autônoma na sociedade.

A contribuição de Almeida et al. (2022) evidencia que a Taxonomia de Bloom não deve ser utilizada apenas como um instrumento de classificação de objetivos, mas como um recurso pedagógico capaz de orientar todo o percurso educativo. Ao estruturar objetivos, atividades e avaliações de maneira integrada, o professor amplia as possibilidades de aprendizagem e promove uma educação mais planejada, significativa e alinhada às necessidades dos estudantes.

2.6.3. A aplicação baseada nas três perguntas fundamentais: “O quê?”, “Como?” e “Para quê?”

A aplicação prática da Taxonomia de Bloom pode ser organizada a partir de três perguntas fundamentais: *O quê? Como? Para quê?* Essas questões auxiliam o professor a construir uma proposta pedagógica mais completa e contextualizada.

O quê? – Dimensão conceitual - A pergunta "O quê?" refere-se ao conhecimento ou habilidade que o estudante deverá desenvolver. Nesse momento, o professor define quais conceitos, informações ou competências serão trabalhados.

Exemplo: Tema: Água e sustentabilidade.

O que o aluno precisa aprender?

- Identificar a importância da água.
- Compreender o ciclo da água.
- Analisar problemas relacionados ao desperdício.
- Criar propostas para economizar água.

Essa etapa está relacionada principalmente ao domínio cognitivo.

Como? – Dimensão procedimental - A pergunta "Como?" envolve as estratégias, metodologias e recursos que serão utilizados para possibilitar a aprendizagem. O professor deve escolher práticas coerentes com os objetivos definidos.

Exemplo: Para ensinar sustentabilidade, o professor pode utilizar:

- Experimentos científicos;
- Vídeos educativos;
- Jogos pedagógicos;
- Pesquisas;
- Projetos colaborativos;
- Produção de cartazes;
- Debates.

Guimarães et al. (2023) ressaltam que a articulação entre Taxonomia de Bloom e aprendizagem colaborativa favorece práticas nas quais os estudantes participam ativamente da construção do conhecimento, desenvolvendo comunicação, cooperação e pensamento crítico.

Para quê? – Dimensão da finalidade. A pergunta "Para quê?" busca relacionar o conhecimento aprendido com situações reais, demonstrando sua importância para a vida do estudante. O conhecimento escolar precisa ultrapassar os limites da sala de aula e contribuir para a formação cidadã.

Exemplo: Ao aprender sobre sustentabilidade, o estudante deve compreender: Como suas ações interferem no meio ambiente; Como participar de práticas sustentáveis; Como contribuir para sua comunidade.

Essa dimensão aproxima o conhecimento acadêmico da realidade social, tornando a aprendizagem mais significativa.

2.6.4. Exemplo completo de aplicação da Taxonomia de Bloom em uma aula

Tema: Preservação ambiental

Educação Infantil

Objetivo**:** desenvolver consciência sobre cuidado com a natureza.

- Conhecimento: reconhecer plantas, animais e elementos da natureza.
- Compreensão: explicar por que devemos cuidar do ambiente.
- Aplicação: separar materiais recicláveis com auxílio do professor.
- Afetivo: demonstrar cuidado e respeito pelos seres vivos.
- Psicomotor: plantar uma muda e cuidar dela.

Ensino Fundamental

Objetivo: compreender impactos ambientais e desenvolver atitudes sustentáveis.

- Conhecimento: identificar tipos de poluição.
- Compreensão: explicar causas e consequências da poluição.
- Aplicação: realizar práticas de reciclagem na escola.
- Análise: comparar diferentes problemas ambientais.
- Síntese: elaborar uma campanha educativa.
- Avaliação: argumentar sobre soluções ambientais.

Ensino Médio

Objetivo: desenvolver pensamento crítico sobre sustentabilidade.

- Conhecimento: reconhecer conceitos ambientais.
- Compreensão: interpretar dados científicos.
- Aplicação: utilizar informações para propor soluções.
- Análise: investigar causas econômicas e sociais dos problemas ambientais.
- Síntese: desenvolver projetos de intervenção.
- Avaliação: defender posicionamentos fundamentados sobre políticas ambientais.

2.6.5. Avaliação da aprendizagem baseada na Taxonomia de Bloom

A avaliação também deve acompanhar os níveis de desenvolvimento propostos pela taxonomia. Avaliar não significa apenas verificar se o estudante memorizou informações, mas identificar sua capacidade de utilizar conhecimentos em diferentes situações.

Exemplos: Uma avaliação tradicional poderia perguntar: “Defina fotossíntese.” Essa questão avalia principalmente o nível de conhecimento. Uma avaliação baseada em níveis superiores poderia solicitar: “Explique a importância da fotossíntese para o equilíbrio ambiental

e proponha uma ação para preservar áreas verdes.” Nesse caso, o estudante precisa compreender, aplicar, analisar e criar.

Bull et al. (2026) destacam que questões avaliativas fundamentadas na Taxonomia de Bloom podem favorecer feedbacks mais personalizados, pois permitem identificar diferentes níveis de desenvolvimento dos estudantes e orientar intervenções pedagógicas mais adequadas.

Aplicar a Taxonomia de Bloom na prática significa planejar uma educação baseada em objetivos claros, estratégias adequadas e avaliações coerentes com o desenvolvimento dos estudantes. A taxonomia possibilita ao professor compreender que aprender envolve diferentes dimensões: pensar, sentir e agir. Por isso, uma aula de qualidade deve estimular conhecimentos, valores, habilidades práticas e autonomia.

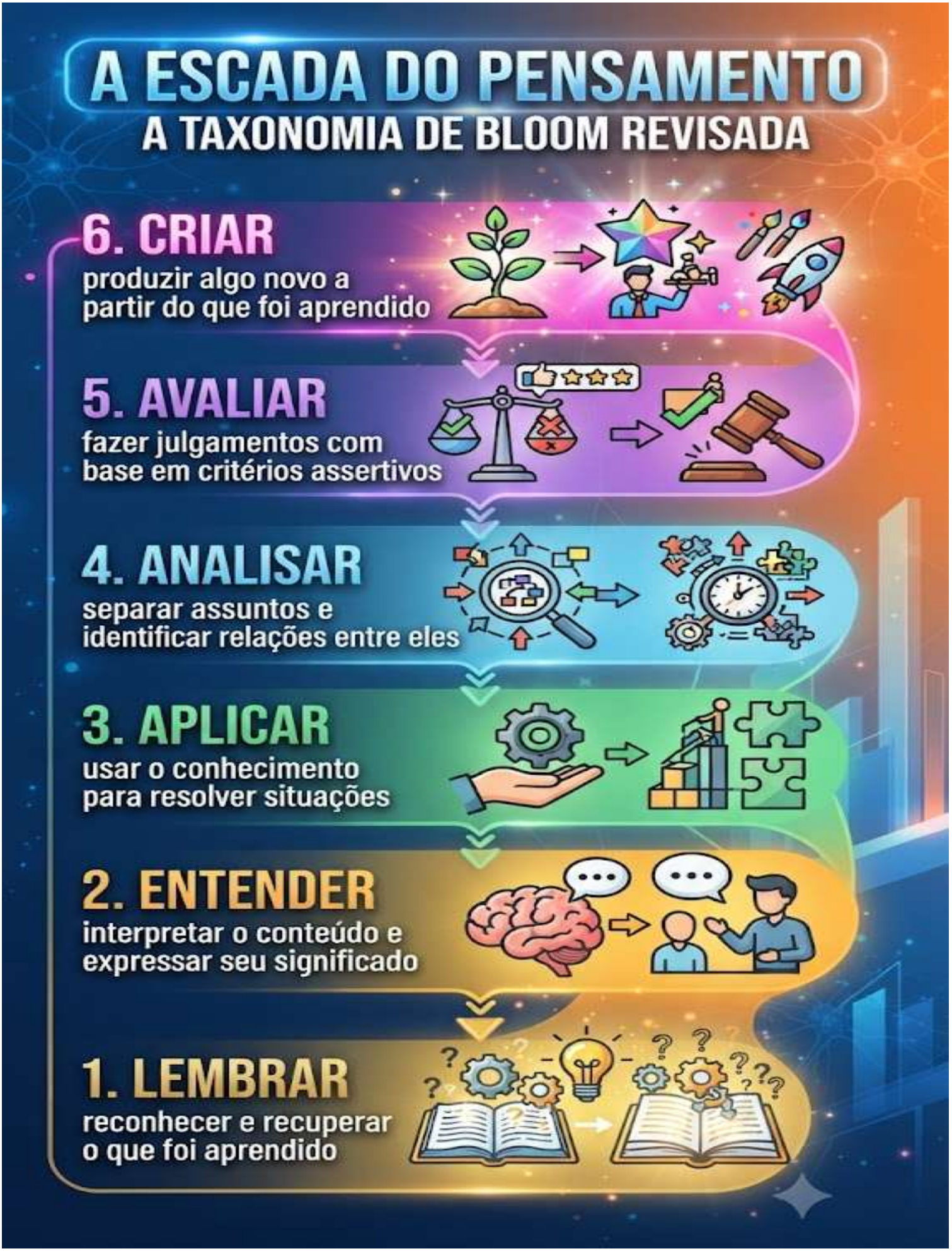
Sua aplicação favorece uma educação mais inclusiva, pois permite que o professor organize diferentes caminhos para que os estudantes alcancem os objetivos propostos. Conforme apontam Garajau et al. (2025), a Taxonomia de Bloom pode contribuir para planejamentos pedagógicos mais acessíveis e estruturados, especialmente quando considera as singularidades dos alunos.

A Taxonomia de Bloom não deve ser compreendida como uma sequência rígida de etapas, mas como uma ferramenta pedagógica que auxilia o professor a criar experiências de aprendizagem significativas, contextualizadas e capazes de formar sujeitos críticos, participativos e preparados para enfrentar desafios sociais, acadêmicos e profissionais.

2.7. TAXONOMIA DE BLOOM REVISADA (2001): O QUE MUDOU?

A Taxonomia de Bloom Revisada, publicada em 2001 por Lorin Anderson e David Krathwohl, colaboradores próximos de Benjamin Bloom, representou uma atualização do modelo original desenvolvido na década de 1950. A revisão surgiu diante das transformações ocorridas nas teorias educacionais, especialmente com o avanço das pesquisas sobre aprendizagem significativa, desenvolvimento de competências, pensamento crítico e participação ativa dos estudantes no processo educativo. O objetivo principal da reformulação foi tornar a taxonomia mais adequada às necessidades contemporâneas da educação, aproximando os objetivos educacionais das ações que os estudantes realmente realizam durante a aprendizagem.

Na versão original, apresentada por Bloom, Hastings e Madaus (1983), os níveis cognitivos eram organizados como substantivos: conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação. Embora esse modelo tenha contribuído significativamente para o planejamento educacional, a revisão identificou a necessidade de enfatizar que aprender envolve ações, processos mentais e comportamentos observáveis.


A ESCADA DO PENSAMENTO
A TAXONOMIA DE BLOOM REVISADA
6. CRIAR
produzir algo novo a partir do que foi aprendido
5. AVALIAR
fazer julgamentos com base em critérios assertivos
4. ANALISAR
separar assuntos e identificar relações entre eles
3. APLICAR
usar o conhecimento para resolver situações
2. ENTENDER
interpretar o conteúdo e expressar seu significado
1. LEMBRAR
reconhecer e recuperar o que foi aprendido

Fonte: Autores, (2026) Imagem gerada por IA (DALL-E) com prompt próprio.

Segundo Ferraz e Belhot (2010), a principal contribuição da revisão foi transformar a taxonomia em uma ferramenta mais dinâmica para o planejamento pedagógico, pois os verbos representam processos cognitivos em movimento. Assim, em vez de estabelecer como objetivo que o aluno tenha "conhecimento" sobre determinado tema, o professor passa a formular objetivos como "identificar", "explicar", "resolver", "comparar", "avaliar" ou "produzir", tornando mais evidente quais habilidades serão desenvolvidas e como poderão ser observadas na prática.

Outra mudança importante ocorreu na reorganização da hierarquia dos níveis cognitivos. Na versão revisada, o nível mais elevado deixou de ser "avaliação" e passou a ser "criação". Essa alteração ocorreu porque os pesquisadores compreenderam que criar algo novo exige mobilizar conhecimentos, analisar informações, avaliar possibilidades e reorganizar ideias de maneira inovadora. Dessa forma, a criação passou a representar o processo cognitivo mais complexo, pois envolve planejamento, elaboração, produção e transformação do conhecimento.

Almeida et al. (2022) destacam que a Taxonomia de Bloom Revisada possibilita organizar sequências pedagógicas mais coerentes, pois permite estruturar atividades conforme diferentes níveis de complexidade cognitiva. O professor pode iniciar com atividades de recuperação de informações e avançar progressivamente para tarefas que exigem interpretação, resolução de problemas, pensamento crítico e produção de novos conhecimentos. Essa organização favorece uma aprendizagem mais profunda e evita que o ensino fique limitado à memorização de conteúdos.

A revisão da Taxonomia de Bloom ampliou sua relação com metodologias educacionais contemporâneas, como aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem colaborativa, ensino híbrido e metodologias ativas. O estudante deixa de ocupar apenas a posição de receptor de informações e passa a participar da construção do conhecimento, desenvolvendo autonomia, criatividade e capacidade de solucionar problemas reais. Essa mudança acompanha uma concepção de educação na qual aprender significa mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes em diferentes situações, permitindo que o aluno compreenda, questione, transforme e aplique aquilo que aprende. Nesse contexto, os níveis cognitivos da taxonomia revisada dialogam diretamente com propostas pedagógicas que valorizam investigação, experimentação, colaboração e produção de conhecimentos significativos.

Nas metodologias ativas, a Taxonomia de Bloom Revisada contribui para estruturar experiências de aprendizagem nas quais o estudante assume papel protagonista e desenvolve processos cognitivos mais complexos. Em uma aprendizagem baseada em projetos, por exemplo, o aluno pode inicialmente lembrar e compreender conceitos fundamentais,

posteriormente aplicar esses conhecimentos na resolução de desafios, analisar informações, avaliar possibilidades e criar soluções inovadoras para problemas concretos. Guimarães et al. (2023) destacam que a articulação entre aprendizagem colaborativa e Taxonomia de Bloom favorece ambientes educacionais mais participativos, nos quais a interação entre estudantes amplia a construção coletiva do conhecimento e fortalece competências como comunicação, cooperação e pensamento crítico.

A integração da Taxonomia de Bloom com o ensino híbrido e os recursos digitais possibilita ampliar as oportunidades de aprendizagem personalizada. As tecnologias educacionais permitem que os estudantes acessem diferentes fontes de informação, desenvolvam atividades em ritmos próprios e produzam conhecimentos utilizando múltiplas linguagens. Almeida et al. (2022) evidenciam que a organização dos objetivos educacionais baseada na taxonomia pode auxiliar na construção de sequências pedagógicas mais adequadas às necessidades dos estudantes, favorecendo percursos de aprendizagem estruturados e progressivos.

A Taxonomia de Bloom Revisada não deve ser compreendida apenas como um instrumento para classificar níveis de aprendizagem, mas como uma referência pedagógica para orientar práticas educativas mais dinâmicas, inclusivas e contextualizadas. Ao favorecer a transição de atividades centradas na memorização para experiências que envolvem análise, avaliação e criação, a taxonomia contribui para formar estudantes capazes de interpretar o mundo, tomar decisões fundamentadas e participar ativamente da sociedade. Essa perspectiva é especialmente relevante em uma educação voltada à equidade, pois permite que diferentes formas de aprender sejam consideradas e que todos os estudantes tenham oportunidades de desenvolver suas potencialidades.

Quadro 2: Principais mudanças da Taxonomia de Bloom Revisada (2001).

Taxonomia Original (1956)	Taxonomia Revisada (2001)	Principais mudanças
Conhecimento	Lembrar	O foco passa da posse de informações para a capacidade de recuperar conhecimentos adquiridos.
Compreensão	Entender	Valoriza a interpretação e atribuição de significado ao conteúdo aprendido.
Aplicação	Aplicar	Mantém a ideia de utilizar conhecimentos em novas situações.
Análise	Analisar	Enfatiza a investigação das relações entre partes e estruturas.
Síntese	Criar	Amplia a ideia de produção, inovação e elaboração de novos conhecimentos.
Avaliação	Avaliar	Mantém o julgamento baseado em critérios, mas passa a anteceder a criação.

Fonte: Adaptado pelos autores (2026) de Anderson e Krathwohl (2001); Ferraz e Belhot (2010).

2.7.1. Lembrar: reconhecer e recuperar o que foi aprendido

O nível “lembrar” representa o primeiro estágio da aprendizagem cognitiva e corresponde à capacidade de recuperar informações previamente armazenadas na memória. Esse processo envolve reconhecer conceitos, identificar fatos, recordar informações e localizar conhecimentos necessários para desenvolver aprendizagens posteriores.

Embora seja considerado o nível inicial da taxonomia revisada, lembrar possui papel fundamental, pois constitui a base para processos cognitivos mais complexos. Um estudante dificilmente conseguirá analisar, avaliar ou criar sem possuir conhecimentos prévios que possam ser mobilizados.

Exemplos de ações:

- Identificar conceitos;
- Listar informações;
- Reconhecer características;
- Recordar definições.

Exemplo na Educação Básica: Em uma aula sobre animais, o aluno consegue identificar quais animais são mamíferos, aves ou répteis.

2.7.2. Entender: interpretar o significado do conhecimento

O nível “entender” refere-se à capacidade de construir significado a partir das informações aprendidas. O estudante demonstra compreensão quando consegue explicar ideias com suas próprias palavras, interpretar informações, resumir conteúdos e estabelecer relações entre conceitos.

O conhecimento deixa de ser apenas uma informação memorizada e passa a adquirir sentido. O aluno começa a compreender relações, causas, consequências e aplicações dos conteúdos estudados.

Exemplos de ações:

- Explicar;
- Interpretar;
- Comparar;
- Resumir;
- Exemplificar.

Exemplo: Após estudar o ciclo da água, o estudante consegue explicar como ocorre a evaporação, condensação e precipitação utilizando suas próprias palavras.

2.7.3. Aplicar: utilizar conhecimentos em situações concretas

O nível “aplicar” envolve a capacidade de utilizar conhecimentos, procedimentos e estratégias aprendidas para resolver problemas ou realizar tarefas em diferentes contextos.

O estudante demonstra que consegue transferir aquilo que aprendeu para situações novas, estabelecendo relações entre teoria e prática.

Exemplos de ações:

- Resolver;
- Utilizar;
- Executar;
- Demonstrar;
- Implementar.

Exemplo: Após aprender conceitos sobre matemática financeira, o estudante utiliza esses conhecimentos para calcular descontos, juros ou organizar um orçamento.

2.7.4. Analisar: identificar relações e estruturas

O nível “analisar” corresponde à capacidade de dividir informações em partes menores, compreender relações entre elementos e identificar estruturas organizadoras.

Esse processo envolve pensamento investigativo e crítico, pois o estudante precisa observar diferenças, semelhanças, causas, consequências e conexões entre informações.

Exemplos de ações:

- Comparar;
- Diferenciar;
- Investigar;
- Relacionar;
- Organizar.

Exemplo: Em História, o aluno compara diferentes versões sobre um acontecimento histórico, identificando perspectivas, interesses e consequências sociais.

Nascimento et al. (2026) destacam que atividades fundamentadas na Taxonomia de Bloom Revisada podem favorecer análises mais aprofundadas da aprendizagem, especialmente quando associadas a metodologias investigativas e participativas.

2.7.5. Avaliar: realizar julgamentos fundamentados

O nível “avaliar” envolve a capacidade de realizar julgamentos utilizando critérios, argumentos e evidências. O estudante precisa analisar informações, estabelecer comparações e justificar suas conclusões.

Avaliar não significa apenas apresentar uma opinião pessoal, mas construir posicionamentos fundamentados.

Exemplos de ações:

- Julgar;
- Justificar;
- Argumentar;
- Criticar;
- Defender.

Exemplo: O estudante analisa diferentes fontes sobre mudanças climáticas e argumenta qual delas apresenta maior confiabilidade científica.

Bull et al. (2026) ressaltam que avaliações construídas com base nos níveis da Taxonomia de Bloom possibilitam identificar melhor o desenvolvimento dos estudantes e oferecer feedbacks mais personalizados.

2.7.6. Criar: produzir novos conhecimentos

O nível "criar" representa a capacidade de reunir informações, elaborar ideias, desenvolver soluções e produzir algo original. É o nível mais complexo da Taxonomia de Bloom Revisada, pois exige integração dos conhecimentos anteriores.

Criar envolve criatividade, planejamento, inovação e autonomia intelectual. O estudante não apenas reproduz conhecimentos existentes, mas transforma informações em novas produções.

Exemplos de ações:

- Desenvolver;
- Projetar;
- Elaborar;
- Produzir;
- Criar.

Exemplo: Após estudar sustentabilidade, os estudantes desenvolvem um projeto de intervenção ambiental para a comunidade escolar.

2.7.7. A importância da Taxonomia de Bloom Revisada para a educação contemporânea

A Taxonomia de Bloom Revisada contribuiu para transformar a forma como professores planejam, ensinam e avaliam. Ao enfatizar verbos de ação, ela permite construir objetivos educacionais mais claros e alinhados ao desenvolvimento de competências. O professor passa a questionar não apenas "qual conteúdo será ensinado?", mas também "o que o estudante será capaz de fazer com esse conhecimento?".

No contexto da educação inclusiva, a taxonomia possibilita organizar diferentes caminhos de aprendizagem, respeitando ritmos, potencialidades e necessidades dos estudantes. Figueiredo, Theodoro e Faria (2023) ressaltam que práticas fundamentadas em princípios inclusivos devem garantir múltiplas formas de participação, representação e expressão do conhecimento.

Garajau et al. (2025) destacam que a aplicação da Taxonomia de Bloom no planejamento inclusivo favorece a elaboração de objetivos progressivos, permitindo que o professor desenvolva atividades acessíveis e desafiadoras para diferentes perfis de estudantes. Assim, a taxonomia torna-se uma ferramenta importante para promover equidade educacional.

Dessa maneira, a Taxonomia de Bloom Revisada (2001) representa uma evolução significativa no campo educacional, pois desloca o foco da simples transmissão de conteúdos para o desenvolvimento de capacidades cognitivas superiores. Ao incentivar que os estudantes lembrem, compreendam, apliquem, analisem, avaliem e criem, essa abordagem contribui para uma educação voltada à autonomia, ao pensamento crítico, à criatividade e à formação integral do ser humano.

2.8. TAXONOMIA DE BLOOM COMO FERRAMENTA DE PLANEJAMENTO

A Taxonomia de Bloom constitui uma importante ferramenta de planejamento pedagógico porque possibilita ao professor organizar os objetivos educacionais de maneira progressiva, sistemática e intencional. Ao estruturar a aprendizagem em diferentes níveis de complexidade cognitiva, a taxonomia oferece um percurso para compreender quais habilidades os estudantes já desenvolveram e quais precisam ser estimuladas para avançar em seu processo formativo. Dessa forma, o planejamento deixa de ser baseado apenas na escolha de conteúdos e passa a considerar as capacidades que os alunos devem desenvolver ao longo das experiências educativas.

Segundo Bloom, Hastings e Madaus (1983), o planejamento educacional precisa estar fundamentado em objetivos claros, pois são eles que orientam a seleção dos conteúdos, das estratégias metodológicas e dos instrumentos avaliativos. Nesse sentido, a Taxonomia de Bloom permite que o professor transforme objetivos amplos em ações observáveis, definindo com maior precisão aquilo que o estudante deverá ser capaz de realizar após uma atividade ou sequência didática.

Por exemplo, ao trabalhar o tema “meio ambiente”, um planejamento tradicional poderia estabelecer como objetivo: “aprender sobre sustentabilidade”. Entretanto, utilizando a Taxonomia de Bloom, esse objetivo pode ser ampliado e organizado em diferentes níveis:

Lembrar: identificar conceitos relacionados à sustentabilidade;

Entender: explicar a importância da preservação ambiental;

Aplicar: utilizar práticas sustentáveis no cotidiano escolar;

Analisar: comparar diferentes impactos ambientais;

Avaliar: argumentar sobre políticas ambientais;

Criar: elaborar projetos de intervenção ambiental.

Essa organização demonstra que a aprendizagem não ocorre apenas pela aquisição de informações, mas pelo desenvolvimento gradual de habilidades que permitem ao estudante interpretar, utilizar e transformar o conhecimento.

Ferraz e Belhot (2010) destacam que a Taxonomia de Bloom contribui para tornar os objetivos instrucionais mais claros, pois a utilização de verbos de ação possibilita identificar o tipo de operação mental que será desenvolvida. Assim, expressões genéricas como "compreender o conteúdo" podem ser substituídas por objetivos mais específicos, como "analisar", "comparar", "elaborar", "justificar" ou "criar", tornando o processo de ensino mais observável e avaliável.

Quando articulada às competências e habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Taxonomia de Bloom amplia as possibilidades de planejamento, pois auxilia o professor a relacionar conteúdos escolares com capacidades práticas, sociais e cognitivas. A BNCC enfatiza o desenvolvimento integral do estudante, valorizando não apenas conhecimentos conceituais, mas também competências relacionadas ao pensamento crítico, comunicação, criatividade, colaboração, responsabilidade e autonomia.

Nesse contexto, a Taxonomia de Bloom funciona como uma ponte entre o currículo e a prática pedagógica, permitindo que as habilidades previstas na BNCC sejam transformadas em objetivos concretos de aprendizagem. Por exemplo, uma habilidade relacionada à argumentação pode ser desenvolvida por meio de atividades nos níveis de análise, avaliação e criação, enquanto uma habilidade relacionada à investigação científica pode envolver compreender fenômenos, aplicar procedimentos, analisar resultados e produzir conclusões.

Almeida et al. (2022) ressaltam que a organização dos objetivos com base na Taxonomia de Bloom favorece sequências pedagógicas mais estruturadas, pois permite planejar atividades considerando diferentes níveis de desenvolvimento dos estudantes. Dessa forma, o professor consegue construir caminhos progressivos de aprendizagem, oferecendo desafios adequados às necessidades da turma e promovendo maior personalização do ensino.

a taxonomia favorece práticas avaliativas mais coerentes, pois possibilita que a avaliação esteja alinhada aos objetivos estabelecidos. Uma atividade que pretende desenvolver criatividade não deve avaliar apenas memorização; da mesma forma, uma habilidade relacionada à análise exige instrumentos que permitam ao estudante comparar, investigar e estabelecer relações. Bull et al. (2026) destacam que avaliações fundamentadas na Taxonomia

de Bloom podem produzir feedbacks mais precisos, identificando níveis de aprendizagem e contribuindo para intervenções pedagógicas mais eficazes.

No campo da educação inclusiva, a Taxonomia de Bloom também apresenta grande relevância, pois permite organizar diferentes formas de participação e aprendizagem. Conforme Figueiredo, Theodoro e Faria (2023), práticas inclusivas precisam considerar diferentes maneiras de acesso ao conhecimento, expressão e participação. Assim, o professor pode adaptar atividades e recursos sem reduzir os objetivos de aprendizagem, possibilitando que todos os estudantes avancem conforme suas potencialidades.

Garajau et al. (2025) evidenciam que a utilização da Taxonomia de Bloom no planejamento inclusivo favorece a construção de objetivos progressivos e acessíveis, permitindo que professores desenvolvam intervenções pedagógicas mais organizadas e direcionadas. Dessa forma, a taxonomia contribui para uma escola que reconhece as singularidades dos estudantes e promove oportunidades reais de aprendizagem.

Tabela 4: Ferramentas de planejamento pedagógico fundamentadas na Taxonomia de Bloom da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Ferramenta de planejamento	Como utilizar com base na Taxonomia de Bloom	Exemplo de aplicação
Plano de aula por objetivos cognitivos	Organizar objetivos utilizando verbos de ação conforme os níveis da taxonomia.	Criar objetivos como identificar, explicar, analisar e criar.
Sequência didática progressiva	Planejar atividades iniciando por habilidades simples e avançando para competências complexas.	Educação Infantil: reconhecer cores; Ensino Médio: criar projetos artísticos.
Matriz de habilidades e competências	Relacionar habilidades curriculares aos níveis cognitivos.	Associar habilidades da BNCC aos processos de análise e criação.
Mapa conceitual	Organizar conhecimentos prévios e novas aprendizagens.	Relacionar conceitos sobre ecossistemas.
Roteiro de aprendizagem personalizada	Adaptar desafios conforme o nível de desenvolvimento do estudante.	Criar diferentes caminhos de aprendizagem para alunos com diferentes necessidades.
Projeto interdisciplinar	Integrar conhecimentos de diferentes áreas nos níveis superiores da taxonomia.	Projeto sobre sustentabilidade envolvendo Ciências, Matemática e Língua Portuguesa.
Aprendizagem baseada em projetos (ABP)	Estimular investigação, análise, avaliação e criação.	Criar soluções para problemas da comunidade escolar.
Aprendizagem baseada em problemas	Utilizar situações reais para desenvolver pensamento crítico.	Resolver problemas relacionados ao consumo consciente.
Sala de aula invertida	Estimular estudo prévio e atividades presenciais de maior complexidade.	Pesquisar conteúdo antes da aula e discutir aplicações práticas.

Rubricas avaliativas	Avaliar diferentes níveis de desenvolvimento das habilidades.	Criar critérios para avaliar projetos dos estudantes.
Portfólio de aprendizagem	Registrar evolução cognitiva, afetiva e psicomotora.	Educação Infantil: acompanhar desenhos, registros e produções.
Diário reflexivo do estudante	Estimular avaliação e consciência sobre o próprio aprendizado.	Relatar dificuldades e avanços após uma atividade.
Estações de aprendizagem	Organizar atividades diferenciadas por níveis cognitivos.	Estação de leitura, pesquisa, criação e apresentação.
Jogos pedagógicos	Desenvolver conhecimentos, estratégias e resolução de problemas.	Jogos matemáticos envolvendo aplicação e análise.
Debates orientados	Desenvolver argumentação e avaliação crítica.	Discutir temas sociais no Ensino Médio.
Estudos de caso	Estimular análise de situações reais.	Analisar problemas ambientais ou sociais.
Projetos maker e STEAM	Desenvolver criatividade, construção e inovação.	Criar protótipos utilizando materiais recicláveis.
Mapas mentais	Organizar informações e relações entre conceitos.	Sistematizar conteúdos antes de avaliações.
Questionários por níveis cognitivos	Elaborar perguntas do simples ao complexo.	Questões de lembrar, aplicar, analisar e criar.
Avaliação formativa contínua	Acompanhar avanços durante o processo.	Feedbacks constantes durante atividades.
Tecnologias educacionais digitais	Criar experiências interativas e personalizadas.	Uso de plataformas digitais para resolução de desafios.
Aprendizagem colaborativa	Desenvolver cooperação e construção coletiva.	Produção de trabalhos em grupo com responsabilidades individuais.
Sequência investigativa científica	Desenvolver observação, hipótese, análise e conclusão.	Experimentos de Ciências.
Plano Educacional Individualizado (PEI)	Adaptar objetivos considerando necessidades específicas.	Planejamento inclusivo para estudantes público-alvo da Educação Especial.
Autoavaliação do estudante	Desenvolver consciência sobre aprendizagem e autonomia.	Aluno identifica suas conquistas e desafios.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983); Ferraz e Belhot (2010); Almeida et al. (2022); Garajau et al. (2025).

A Taxonomia de Bloom como ferramenta de planejamento possibilita uma prática pedagógica mais consciente, organizada e alinhada às necessidades dos estudantes. Sua principal contribuição está em auxiliar o professor a compreender que ensinar não significa apenas transmitir conteúdos, mas criar oportunidades para que os alunos desenvolvam diferentes capacidades cognitivas, afetivas e psicomotoras.

Ao utilizar ferramentas de planejamento fundamentadas na taxonomia, o professor consegue construir propostas mais inclusivas, contextualizadas e avaliáveis, favorecendo desde as primeiras experiências da Educação Infantil até processos complexos de investigação e criação no Ensino Médio. A Taxonomia de Bloom fortalece uma educação voltada para o

desenvolvimento integral, na qual o estudante aprende, participa, cria e transforma o conhecimento em ações significativas para sua vida e para a sociedade.

2.9. COMO APLICAR A TAXONOMIA DE BLOOM NA PRÁTICA?

A aplicação da Taxonomia de Bloom na prática pedagógica exige que o professor compreenda o processo de aprendizagem como uma construção gradual, organizada e intencional. Mais do que classificar conteúdos ou elaborar avaliações, a taxonomia oferece uma estrutura para planejar experiências educativas capazes de desenvolver diferentes níveis de pensamento, desde a aquisição inicial de informações até a criação de novos conhecimentos. O professor deve considerar que cada estudante apresenta conhecimentos prévios, ritmos de aprendizagem e formas distintas de compreender os conteúdos, tornando necessário organizar estratégias que possibilitem avanços progressivos.

O primeiro passo para aplicar a Taxonomia de Bloom consiste em identificar em qual nível cognitivo os alunos se encontram. Essa análise inicial permite compreender quais conhecimentos já foram construídos e quais habilidades precisam ser estimuladas. Antes de propor uma atividade de maior complexidade, o professor precisa verificar se os estudantes possuem os conhecimentos básicos necessários para avançar. Bloom, Hastings e Madaus (1983) destacam que a avaliação diagnóstica possui papel fundamental nesse processo, pois possibilita identificar dificuldades, potencialidades e necessidades específicas dos estudantes, orientando intervenções pedagógicas mais adequadas.

Após identificar o nível de desenvolvimento dos alunos, o professor deve definir objetivos educacionais utilizando verbos de ação específicos. Essa etapa é essencial porque transforma intenções amplas em aprendizagens observáveis. Segundo Ferraz e Belhot (2010), a revisão da Taxonomia de Bloom reforçou a importância dos verbos de ação, pois eles indicam claramente aquilo que o estudante deverá realizar ao final de uma atividade ou sequência didática. Assim, em vez de estabelecer objetivos genéricos, como “aprender sobre determinado conteúdo”, o professor pode definir ações específicas, como identificar, explicar, aplicar, analisar, avaliar ou criar.

Por exemplo, em uma aula sobre recursos naturais, um objetivo no nível de lembrança pode ser “identificar os principais recursos naturais do planeta”; no nível de compreensão, “explicar a importância da preservação ambiental”; no nível de aplicação, “utilizar práticas sustentáveis no cotidiano”; no nível de análise, “comparar diferentes impactos ambientais”; no nível de avaliação, “argumentar sobre políticas de preservação”; e no nível de criação, “desenvolver um projeto ambiental para a comunidade escolar”. Essa progressão demonstra que o conhecimento pode ser aprofundado gradativamente, levando o estudante de uma aprendizagem mais simples para processos cognitivos mais complexos.

O segundo aspecto fundamental é o planejamento de atividades que avancem progressivamente do simples ao complexo. A Taxonomia de Bloom não deve ser interpretada como uma sequência rígida, mas como uma referência para organizar desafios pedagógicos adequados ao desenvolvimento dos estudantes. Almeida et al. (2022) ressaltam que a utilização da taxonomia no planejamento favorece a construção de sequências pedagógicas estruturadas, permitindo que as atividades sejam organizadas conforme diferentes níveis de complexidade cognitiva e possibilitando percursos de aprendizagem mais coerentes.

Na prática, isso significa que uma sequência didática pode iniciar com atividades de reconhecimento e compreensão, avançar para situações de aplicação e análise e culminar em propostas de avaliação e criação. Por exemplo, em uma aula de Ciências sobre alimentação saudável, a Educação Infantil pode iniciar reconhecendo diferentes alimentos por meio dos sentidos; posteriormente, os estudantes podem compreender a importância de uma alimentação equilibrada, aplicar hábitos saudáveis, analisar escolhas alimentares e criar propostas para melhorar a alimentação da comunidade escolar.

Outro elemento essencial é estruturar avaliações coerentes com os objetivos definidos. Uma avaliação baseada na Taxonomia de Bloom deve verificar não apenas se o estudante memorizou informações, mas se consegue utilizar, interpretar, analisar e produzir conhecimentos. Dessa forma, o instrumento avaliativo precisa estar alinhado ao nível cognitivo que se deseja desenvolver. Bull et al. (2026) destacam que avaliações fundamentadas nos níveis da Taxonomia de Bloom permitem identificar com maior precisão o desenvolvimento dos estudantes, favorecendo feedbacks personalizados e intervenções pedagógicas mais eficazes.

Uma questão avaliativa que solicita apenas a definição de um conceito está relacionada ao nível de lembrar. Entretanto, quando o professor solicita que o estudante explique, compare situações, proponha soluções ou justifique uma escolha, está estimulando níveis cognitivos superiores. Por exemplo, em História, perguntar “o que foi a Revolução Industrial?” avalia principalmente conhecimento; já solicitar “analise os impactos sociais da Revolução Industrial e avalie suas consequências para a sociedade atual” envolve análise e avaliação.

O estudante não aprende apenas por meio da razão, mas também pelas emoções, relações sociais, experiências práticas e participação ativa. Dessa forma, uma aula sobre meio ambiente, por exemplo, pode envolver conhecimentos científicos (domínio cognitivo), desenvolvimento de responsabilidade e consciência ambiental (domínio afetivo) e realização de práticas como plantio, reciclagem ou construção de materiais sustentáveis (domínio psicomotor).

No contexto da educação inclusiva, a Taxonomia de Bloom também oferece possibilidades importantes para organizar objetivos acessíveis e progressivos. Figueiredo,

Theodoro e Faria (2023) ressaltam que práticas inclusivas devem considerar múltiplas formas de representação, participação e expressão do conhecimento. Assim, o professor pode utilizar diferentes recursos, linguagens e estratégias para que todos os estudantes tenham oportunidades de alcançar os objetivos propostos, respeitando suas características individuais.

Garajau et al. (2025) destacam que a Taxonomia de Bloom pode contribuir para planejamentos inclusivos ao permitir que o professor organize objetivos educacionais graduais, identificando possibilidades de avanço para diferentes estudantes. Nesse sentido, a taxonomia não deve ser utilizada para limitar expectativas de aprendizagem, mas para criar caminhos diferenciados que favoreçam o desenvolvimento das potencialidades de cada aluno.

A aplicação prática da Taxonomia de Bloom pode ser organizada por meio de três perguntas fundamentais: *"O quê?", "Como?" e "Para quê?"***.** Essas questões auxiliam o professor a construir planejamentos mais completos, pois articulam objetivos, estratégias e finalidades da aprendizagem.

A pergunta *"O quê?"* refere-se ao conhecimento ou habilidade que o estudante deverá desenvolver. Nessa etapa, o professor define quais conceitos, competências ou capacidades serão trabalhados. Por exemplo, em uma aula sobre água, o objetivo pode ser compreender o ciclo da água, analisar problemas relacionados ao desperdício e criar propostas de preservação.

A pergunta *"Como?"* está relacionada aos procedimentos, metodologias e recursos utilizados para alcançar os objetivos. O professor deve selecionar estratégias adequadas ao nível cognitivo desejado, como aulas práticas, projetos, debates, jogos, pesquisas, experimentos, tecnologias digitais ou atividades colaborativas. Guimarães et al. (2023) evidenciam que a articulação entre aprendizagem colaborativa e Taxonomia de Bloom favorece ambientes educativos nos quais os estudantes participam ativamente da construção do conhecimento.

A pergunta *"Para quê?"* envolve a finalidade do conhecimento aprendido, relacionando-o às situações reais da vida dos estudantes. Essa dimensão é fundamental para que a aprendizagem tenha significado, pois permite compreender como o conhecimento escolar pode contribuir para resolver problemas, tomar decisões e participar da sociedade de forma crítica e responsável.

Aplicar a Taxonomia de Bloom na prática significa planejar uma educação baseada em objetivos claros, atividades progressivas e avaliações coerentes. A taxonomia auxilia o professor a transformar conteúdos em experiências de aprendizagem significativas, nas quais os estudantes deixam de apenas receber informações e passam a interpretar, aplicar, analisar, avaliar e criar conhecimentos.

A Taxonomia de Bloom constitui uma ferramenta pedagógica que favorece um ensino mais intencional, inclusivo e alinhado ao desenvolvimento integral dos estudantes. Quando

articulada às competências da BNCC e às metodologias contemporâneas, contribui para formar sujeitos autônomos, críticos, criativos e capazes de utilizar o conhecimento para compreender e transformar a realidade em que vivem.

2.10. QUAIS SÃO OS 3 DOMÍNIOS DA TAXONOMIA DE BLOOM?

A Taxonomia de Bloom organiza os objetivos educacionais em três grandes domínios de aprendizagem: *cognitivo, afetivo e psicomotor***.** Essa divisão representa uma compreensão ampla do desenvolvimento humano, considerando que aprender não envolve apenas adquirir informações, mas também desenvolver emoções, valores, atitudes, habilidades práticas e capacidade de agir no mundo. Dessa forma, a aprendizagem é entendida como um processo integral, no qual aspectos intelectuais, emocionais e corporais estão interligados.

Inicialmente sistematizada por Benjamin Bloom e colaboradores, a taxonomia buscou oferecer aos educadores uma estrutura para organizar objetivos de ensino, elaborar atividades e desenvolver avaliações mais coerentes com as habilidades esperadas dos estudantes. Bloom, Hastings e Madaus (1983) destacam que os objetivos educacionais precisam contemplar diferentes dimensões do desenvolvimento, pois o conhecimento escolar não se limita à memorização de conteúdos, mas envolve transformação de pensamentos, comportamentos e formas de participação social.

Os três domínios apresentam níveis hierárquicos de desenvolvimento, indicando que a aprendizagem ocorre de maneira progressiva. Isso significa que o estudante pode iniciar por habilidades mais simples, como reconhecer informações ou perceber estímulos, e avançar para processos mais complexos, como criar novos conhecimentos, desenvolver valores pessoais e executar ações com autonomia. Entretanto, esses níveis não devem ser compreendidos como etapas rígidas, mas como referências para orientar o planejamento pedagógico.

2.10. 1. Domínio cognitivo

O domínio cognitivo está relacionado aos processos mentais envolvidos na construção do conhecimento, incluindo pensamento, raciocínio, memória, interpretação, resolução de problemas e tomada de decisões. Esse domínio representa a dimensão intelectual da aprendizagem, na qual o estudante desenvolve capacidades para compreender informações, relacionar conceitos, utilizar conhecimentos em diferentes situações e produzir novas ideias.

Na Taxonomia de Bloom revisada por Anderson e Krathwohl (2001), o domínio cognitivo é organizado em seis níveis progressivos: *lembrar, entender, aplicar, analisar, avaliar e criar***.** Cada nível representa um grau maior de complexidade intelectual.

Lembrar: recuperar informações previamente aprendidas. Exemplo: identificar os estados físicos da água.

Entender: interpretar e explicar significados. Exemplo: explicar como ocorre o ciclo da água.

Aplicar: utilizar conhecimentos em situações práticas. Exemplo: aplicar estratégias para economizar água no cotidiano.

Analisar: identificar relações entre informações e compreender estruturas. Exemplo: analisar causas e consequências da poluição ambiental.

Avaliar: realizar julgamentos fundamentados em critérios. Exemplo: avaliar políticas públicas relacionadas ao meio ambiente.

Criar: produzir novos conhecimentos, ideias ou soluções. Exemplo: elaborar um projeto de sustentabilidade para a escola.

Segundo Ferraz e Belhot (2010), a contribuição da revisão da Taxonomia de Bloom está justamente em enfatizar ações observáveis, permitindo que os professores definam objetivos educacionais mais claros e desenvolvam atividades alinhadas às habilidades que desejam estimular.

2.10.2. Domínio afetivo

O domínio afetivo refere-se às emoções, sentimentos, valores, atitudes, interesses, motivação e formas de relacionamento desenvolvidas durante o processo educativo. Esse domínio reconhece que a aprendizagem não ocorre apenas pela dimensão intelectual, pois os estudantes também constroem conhecimentos influenciados por suas experiências emocionais, sociais e culturais.

Krathwohl, Bloom e Masia (1964) organizaram esse domínio em cinco níveis progressivos: *recepção, resposta, avaliação, organização e caracterização***.** Esses níveis demonstram o desenvolvimento gradual da relação do estudante com valores e atitudes.

Recepção: perceber e estar aberto aos estímulos. Exemplo: a criança reconhecer sentimentos próprios e dos colegas.

Resposta: participar e reagir diante das experiências. Exemplo: participar de atividades coletivas e colaborar com os colegas.

Avaliação: atribuir valor e significado ao conhecimento ou experiência. Exemplo: compreender a importância do respeito às diferenças.

Organização: integrar valores e construir princípios pessoais. Exemplo: desenvolver atitudes de responsabilidade e cooperação.

Caracterização: incorporar valores como parte da identidade pessoal. Exemplo: agir de forma ética e respeitosa independentemente de orientações externas.

O domínio afetivo possui grande importância para uma educação humanizadora, pois favorece o desenvolvimento de competências socioemocionais, empatia, autonomia e

convivência democrática. A escola, nesse sentido, não deve apenas ensinar conteúdos, mas contribuir para a formação de sujeitos capazes de compreender emoções, respeitar diferentes perspectivas e participar socialmente.

2.10.3. Domínio psicomotor

O domínio psicomotor está relacionado às habilidades físicas, motoras e perceptivas utilizadas na construção do conhecimento. Envolve movimentos corporais, coordenação, manipulação de objetos, percepção sensorial e execução de procedimentos práticos. Esse domínio evidencia que o corpo também participa do processo de aprendizagem, pois muitas competências são desenvolvidas por meio da experimentação e da ação.

O desenvolvimento psicomotor ocorre pela integração entre percepção, pensamento e movimento, permitindo que o estudante aprenda através da prática. Desde a Educação Infantil, quando a criança explora objetos, brinca e desenvolve coordenação motora, até o Ensino Médio, quando realiza atividades técnicas, científicas e profissionais, o domínio psicomotor está presente na formação integral.

Entre os níveis desse domínio estão:

Percepção: reconhecer estímulos utilizando os sentidos corporais. Exemplo: identificar cores, sons, texturas e formas.

Predisposição: preparar-se mental, física e emocionalmente para realizar uma tarefa. Exemplo: organizar materiais antes de uma atividade prática.

Resposta guiada: realizar ações com orientação do professor. Exemplo: aprender uma técnica de desenho, esporte ou experimento científico seguindo instruções.

Resposta mecânica: executar ações com maior segurança e automatização. Exemplo: realizar procedimentos já praticados com autonomia crescente.

Resposta completa e clara: executar habilidades com precisão, independência e eficiência. Exemplo: realizar atividades práticas sem necessidade de auxílio constante.

O domínio psicomotor é fundamental para metodologias que valorizam experiências práticas, aprendizagem baseada em projetos, atividades maker, experimentos científicos, artes, esportes e tecnologias educacionais.

2.10.4. A integração dos três domínios no processo educativo

Embora apresentados separadamente, os três domínios da Taxonomia de Bloom atuam de forma integrada. Uma aprendizagem significativa envolve pensamento, emoção e ação. Por exemplo, ao desenvolver um projeto sobre preservação ambiental, o estudante utiliza o domínio cognitivo ao compreender conceitos científicos, o domínio afetivo ao desenvolver

responsabilidade e consciência ambiental e o domínio psicomotor ao realizar atividades práticas, como plantio, reciclagem ou construção de materiais.

Almeida et al. (2022) destacam que a organização dos objetivos educacionais pela Taxonomia de Bloom favorece planejamentos mais estruturados, pois permite que o professor considere diferentes níveis de desenvolvimento dos estudantes e construa sequências de aprendizagem progressivas. Dessa maneira, o ensino torna-se mais intencional, permitindo acompanhar avanços e propor desafios adequados.

No contexto da educação inclusiva, essa integração torna-se ainda mais relevante. Figueiredo, Theodoro e Faria (2023) ressaltam que práticas pedagógicas inclusivas precisam considerar diferentes formas de aprender e participar. Assim, os três domínios possibilitam ampliar as oportunidades educativas, respeitando características individuais e valorizando diferentes potencialidades.

Os domínios *cognitivo, afetivo e psicomotor* representam dimensões complementares da aprendizagem humana. Quando utilizados como referência para o planejamento pedagógico, contribuem para uma educação mais completa, significativa e inclusiva, formando estudantes capazes não apenas de conhecer informações, mas também de sentir, agir, criar e transformar a realidade em que estão inseridos.

2.11. INCLUSÃO: OS DOMÍNIOS DA TAXONOMIA DE BLOOM E A INCLUSÃO

A relação entre os domínios da Taxonomia de Bloom e a educação inclusiva representa uma importante possibilidade para construir práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade dos estudantes e promovam oportunidades equitativas de aprendizagem. A inclusão educacional pressupõe que todos os alunos tenham acesso ao conhecimento, participação ativa nas atividades escolares e condições adequadas para desenvolver suas potencialidades, independentemente de suas características individuais, formas de aprendizagem, ritmos de desenvolvimento ou necessidades específicas.

A Taxonomia de Bloom contribui para superar uma visão limitada de ensino baseada apenas na transmissão de conteúdos, pois possibilita ao professor planejar objetivos educacionais diversificados, considerando aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores. A aprendizagem deixa de ser compreendida apenas como a capacidade de memorizar informações e passa a envolver compreensão, participação, interação social, autonomia, criatividade e desenvolvimento de habilidades práticas.

Segundo Bloom, Hastings e Madaus (1983), o planejamento educacional deve considerar objetivos claros e progressivos, permitindo que o professor identifique as habilidades que pretende desenvolver e organize estratégias adequadas para alcançá-las. Na perspectiva inclusiva, essa organização é fundamental, pois estudantes podem apresentar

diferentes pontos de partida no processo de aprendizagem. Assim, a Taxonomia de Bloom permite construir caminhos pedagógicos diferenciados, sem reduzir as expectativas de aprendizagem, mas oferecendo recursos e estratégias que favoreçam o desenvolvimento de cada estudante.

O domínio cognitivo possui papel essencial na inclusão, pois possibilita organizar atividades que respeitem diferentes níveis de desenvolvimento intelectual e promovam avanços progressivos. Em uma turma heterogênea, o professor pode trabalhar um mesmo conteúdo utilizando diferentes níveis cognitivos. Enquanto um estudante pode estar desenvolvendo a capacidade de reconhecer e identificar informações, outro pode ser estimulado a analisar, avaliar ou criar soluções relacionadas ao mesmo tema.

Por exemplo, em uma aula sobre alimentação saudável, um estudante pode identificar diferentes tipos de alimentos (nível lembrar), outro pode explicar a importância dos nutrientes (nível entender), outro pode elaborar um cardápio equilibrado (nível criar). Essa organização demonstra que incluir não significa oferecer atividades simplificadas ou separadas, mas garantir diferentes possibilidades de acesso ao conhecimento e participação no processo educativo.

De acordo com Ferraz e Belhot (2010), a Taxonomia de Bloom Revisada fortalece essa perspectiva ao utilizar verbos de ação que tornam os objetivos educacionais mais observáveis. Termos como identificar, explicar, aplicar, analisar, avaliar e criar permitem ao professor elaborar propostas mais claras e adequadas às necessidades dos estudantes, favorecendo avaliações mais justas e coerentes.

O domínio afetivo apresenta uma relação direta com a inclusão, pois envolve valores, atitudes, sentimentos, respeito, empatia e convivência social. Uma educação verdadeiramente inclusiva não se limita à presença física do estudante na sala de aula; ela depende da construção de ambientes acolhedores, nos quais todos se sintam pertencentes e valorizados.

Os níveis do domínio afetivo — recepção, resposta, avaliação, organização e caracterização — podem orientar ações pedagógicas voltadas ao desenvolvimento de atitudes inclusivas. A criança inicialmente percebe a diversidade existente em seu grupo, depois participa de experiências colaborativas, desenvolve respeito pelas diferenças, incorpora valores de solidariedade e passa a agir naturalmente com base nesses princípios.

Por exemplo, na Educação Infantil, atividades envolvendo histórias, brincadeiras cooperativas e rodas de conversa podem favorecer a percepção das emoções e diferenças entre os colegas. No Ensino Fundamental, projetos colaborativos podem estimular respeito, cooperação e valorização das singularidades. No Ensino Médio, debates e ações sociais podem desenvolver pensamento crítico sobre igualdade, direitos humanos e participação cidadã.

O domínio psicomotor também possui grande relevância para a inclusão, pois considera que os estudantes aprendem por meio da interação corporal, dos sentidos e das

experiências práticas. Muitos estudantes necessitam de estratégias diferenciadas que envolvam movimento, manipulação de materiais, recursos visuais, tecnologias assistivas e atividades concretas para ampliar sua participação.

Figueiredo, Theodoro e Faria (2023) destacam que práticas inclusivas fundamentadas no Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) devem proporcionar múltiplas formas de representação, participação e expressão. Essa concepção aproxima-se dos princípios da Taxonomia de Bloom, pois ambos valorizam diferentes caminhos para que os estudantes construam conhecimentos e demonstrem suas aprendizagens.

Na prática pedagógica inclusiva, o domínio psicomotor pode ser desenvolvido por meio de atividades como jogos educativos, experiências sensoriais, construção de materiais, atividades artísticas, práticas laboratoriais e projetos maker. Essas estratégias permitem que estudantes com diferentes estilos de aprendizagem participem ativamente, utilizando suas habilidades corporais e perceptivas como caminhos para a construção do conhecimento.

Garajau et al. (2025) ressaltam que a aplicação da Taxonomia de Bloom no planejamento inclusivo favorece a elaboração de objetivos educacionais progressivos, pois permite que o professor organize atividades considerando diferentes necessidades e potencialidades. Dessa maneira, a taxonomia contribui para uma prática pedagógica mais flexível, na qual o estudante é visto por suas capacidades e possibilidades de desenvolvimento.

A articulação entre Taxonomia de Bloom e inclusão fortalece a avaliação pedagógica. Em vez de avaliar todos os estudantes por um único padrão, o professor pode observar diferentes formas de aprendizagem e utilizar instrumentos variados, como portfólios, projetos, apresentações, registros individuais, atividades práticas e autoavaliações.

Bull et al. (2026) apontam que avaliações estruturadas a partir dos níveis cognitivos da Taxonomia de Bloom possibilitam feedbacks mais específicos, permitindo identificar quais habilidades já foram desenvolvidas e quais precisam de novas oportunidades de aprendizagem. Essa perspectiva é essencial para a inclusão, pois a avaliação deixa de ser apenas classificatória e passa a assumir função diagnóstica e formativa.

Almeida et al. (2022) evidenciam que a organização dos objetivos educacionais baseada na Taxonomia de Bloom favorece sequências pedagógicas mais personalizadas, pois possibilita planejar atividades conforme os diferentes níveis de desenvolvimento dos estudantes. Essa característica torna a taxonomia uma ferramenta importante para práticas inclusivas, especialmente em contextos nos quais a diversidade de aprendizagem exige estratégias diferenciadas.

Os três domínios da Taxonomia de Bloom — *cognitivo, afetivo e psicomotor* — oferecem importantes contribuições para uma educação inclusiva, pois permitem compreender o estudante em sua integralidade. A inclusão não envolve apenas garantir acesso ao currículo,

mas criar condições para que cada aluno possa aprender, participar, desenvolver autonomia e construir sua identidade.

A Taxonomia de Bloom, quando articulada aos princípios da educação inclusiva, contribui para uma escola mais democrática, acessível e humanizadora. Ela auxilia o professor a planejar práticas que valorizam diferentes formas de aprender, respeitam singularidades e promovem o desenvolvimento integral dos estudantes, garantindo que todos tenham oportunidades reais de construir conhecimentos e participar ativamente da vida escolar e social.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa tem como objetivo analisar as contribuições da Taxonomia de Bloom como instrumento de planejamento pedagógico, inclusão educacional, avaliação das aprendizagens e desenvolvimento das competências cognitivas, considerando os desafios contemporâneos da educação. Essa seção constitui a base conceitual e analítica do estudo, pois possibilita compreender o objeto investigado a partir de fundamentos científicos, articulando autores clássicos e produções recentes que discutem os processos de ensino, aprendizagem, avaliação e desenvolvimento integral dos estudantes. Nesse sentido, o referencial teórico não se limita à apresentação de conceitos, mas busca estabelecer relações críticas entre diferentes perspectivas, evidenciando como a Taxonomia de Bloom permanece atual diante das demandas de uma educação voltada para competências, participação ativa e equidade.

A construção deste referencial considera que a educação contemporânea exige práticas pedagógicas capazes de superar modelos centrados exclusivamente na transmissão e reprodução de informações. O desenvolvimento de competências cognitivas, socioemocionais e práticas demanda planejamentos intencionais, metodologias diversificadas e avaliações coerentes com os objetivos de aprendizagem. Assim, a Taxonomia de Bloom apresenta-se como uma ferramenta teórico-metodológica capaz de auxiliar professores na organização de experiências educativas progressivas, favorecendo a compreensão dos diferentes níveis de aprendizagem e das possibilidades de avanço dos estudantes.

3.1. Fundamentação conceitual do objeto de estudo

A Taxonomia de Bloom constitui um modelo de organização dos objetivos educacionais desenvolvido inicialmente por Benjamin Bloom e colaboradores na década de 1950, com a finalidade de sistematizar diferentes níveis de aprendizagem e auxiliar professores no planejamento, desenvolvimento e avaliação do processo educativo. Inserida no campo da teoria educacional e da avaliação da aprendizagem, a taxonomia propõe uma classificação hierárquica dos processos cognitivos, inicialmente estruturada nos níveis conhecimento,

compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação. Para Bloom, Hastings e Madaus (1983), a definição clara dos objetivos educacionais é essencial para orientar práticas pedagógicas mais eficazes, pois permite identificar quais conhecimentos, habilidades e atitudes os estudantes devem desenvolver ao longo do percurso formativo.

A proposta de Bloom modificou significativamente a compreensão sobre planejamento pedagógico ao demonstrar que a aprendizagem ocorre em diferentes níveis de complexidade. O estudante não apenas memoriza informações, mas também interpreta, utiliza conhecimentos em situações concretas, estabelece relações, formula julgamentos e produz novos saberes. Posteriormente, Anderson e Krathwohl (2001) revisaram a taxonomia original, substituindo os substantivos por verbos de ação, passando a utilizar as categorias lembrar, entender, aplicar, analisar, avaliar e criar. Essa alteração representou uma mudança conceitual importante, pois deslocou o foco da posse do conhecimento para as ações cognitivas realizadas pelo estudante durante o processo de aprendizagem.

Segundo Ferraz e Belhot (2010), a Taxonomia de Bloom Revisada ampliou as possibilidades de utilização pedagógica do modelo, pois tornou os objetivos educacionais mais claros, observáveis e mensuráveis. Entretanto, apesar de sua ampla contribuição para o campo educacional, a taxonomia também recebe críticas relacionadas à ideia de hierarquia rígida entre os níveis cognitivos. Alguns pesquisadores argumentam que os processos de aprendizagem nem sempre ocorrem de maneira linear, pois estudantes podem criar, analisar ou avaliar conhecimentos mesmo sem dominar completamente todos os níveis anteriores. Além disso, destaca-se a necessidade de considerar dimensões emocionais, sociais e culturais que influenciam a aprendizagem.

Apesar dessas discussões, a Taxonomia de Bloom permanece relevante por oferecer uma estrutura organizadora para o planejamento pedagógico, especialmente quando articulada a perspectivas contemporâneas de ensino inclusivo, metodologias ativas e desenvolvimento de competências. No contexto desta pesquisa, o conceito é compreendido como uma ferramenta de apoio à prática docente, capaz de auxiliar na elaboração de objetivos, estratégias e avaliações que considerem diferentes formas de aprender e participar do processo educativo.

3.2. Abordagens teóricas e modelos analíticos relacionados ao tema

A Taxonomia de Bloom dialoga com diferentes abordagens teóricas da educação contemporânea, especialmente aquelas relacionadas à aprendizagem significativa, ao desenvolvimento de competências, às metodologias ativas e à educação inclusiva. Entre essas perspectivas, destacam-se os estudos sobre avaliação formativa, aprendizagem colaborativa, ensino baseado em problemas e aprendizagem por projetos, pois todas apresentam como

princípio comum a valorização do estudante como sujeito ativo na construção do conhecimento.

A abordagem cognitivista constitui uma das principais bases relacionadas à Taxonomia de Bloom, pois compreende a aprendizagem como um processo de construção e reorganização das estruturas mentais. Nessa perspectiva, aprender envolve interpretar informações, estabelecer relações, resolver problemas e desenvolver estratégias de pensamento. Bloom, Hastings e Madaus (1983) defendem que a avaliação deve acompanhar esse processo, identificando não apenas resultados finais, mas também os caminhos percorridos pelos estudantes na construção do conhecimento. Dessa forma, a avaliação assume caráter diagnóstico e formativo, contribuindo para intervenções pedagógicas mais adequadas.

A perspectiva das metodologias ativas aproxima-se da Taxonomia de Bloom ao defender que o estudante deve assumir papel protagonista no processo educativo. Enquanto modelos tradicionais frequentemente priorizam a reprodução de conteúdos, as metodologias ativas estimulam investigação, colaboração, resolução de problemas e criação de soluções. Guimarães et al. (2023) destacam que a associação entre aprendizagem colaborativa e Taxonomia de Bloom favorece ambientes educativos nos quais os estudantes desenvolvem habilidades cognitivas superiores, como análise, avaliação e criação.

Comparando essas abordagens, observa-se que a Taxonomia de Bloom oferece uma estrutura organizadora dos processos cognitivos, enquanto as metodologias ativas apresentam caminhos práticos para desenvolver essas habilidades. A primeira contribui para definir objetivos e níveis de aprendizagem; as segundas oferecem estratégias para alcançar tais objetivos. Dessa maneira, ambas se complementam ao propor uma educação em que o estudante participa, investiga e produz conhecimentos, superando práticas centradas exclusivamente na memorização.

Diante do problema investigado, a abordagem teórica adotada fundamenta-se na compreensão da Taxonomia de Bloom como instrumento de planejamento pedagógico integrado às demandas da educação contemporânea. Essa escolha justifica-se porque o modelo permite analisar não apenas a construção do conhecimento, mas também sua relação com inclusão, avaliação e desenvolvimento de competências. Assim, a taxonomia será utilizada como referência analítica para compreender como objetivos educacionais podem ser estruturados de maneira progressiva, significativa e acessível aos diferentes perfis de estudantes.

3.3. Evidências empíricas e contribuições de estudos recentes

Estudos recentes demonstram que a Taxonomia de Bloom continua sendo utilizada em diferentes contextos educacionais como ferramenta para organização curricular, planejamento

pedagógico e avaliação da aprendizagem. Almeida et al. (2022) analisaram a utilização da taxonomia para estruturar recomendações pedagógicas automatizadas e evidenciaram que a organização dos objetivos por níveis cognitivos contribui para criar sequências de aprendizagem mais coerentes. Os autores destacam que o modelo possibilita identificar diferentes necessidades dos estudantes e organizar atividades conforme graus progressivos de complexidade.

Pesquisas contemporâneas também têm investigado a relação entre Taxonomia de Bloom, inclusão e personalização da aprendizagem. Garajau et al. (2025) discutem a aplicação da taxonomia no planejamento inclusivo, destacando que sua utilização favorece a elaboração de objetivos diferenciados e acessíveis, permitindo que estudantes com diferentes necessidades educacionais participem do processo de aprendizagem. Da mesma forma, Pachevitch et al. (2021) apresentam experiências envolvendo o Atendimento Educacional Especializado, demonstrando que a taxonomia pode auxiliar na organização de intervenções pedagógicas voltadas ao desenvolvimento das potencialidades individuais.

Embora os estudos evidenciem contribuições significativas, também apresentam desafios. Parte das pesquisas ainda concentra-se predominantemente no domínio cognitivo, deixando em segundo plano as dimensões afetivas e psicomotoras da aprendizagem. Além disso, permanece a necessidade de ampliar investigações sobre como a Taxonomia de Bloom pode ser integrada a tecnologias educacionais, inteligência artificial, desenho universal para aprendizagem e práticas inclusivas em diferentes níveis da educação básica.

O presente estudo dialoga com pesquisas anteriores ao analisar a Taxonomia de Bloom não apenas como instrumento de classificação cognitiva, mas como uma ferramenta integrada ao planejamento pedagógico, à inclusão educacional e à avaliação formativa. A proposta amplia discussões existentes ao considerar que o desenvolvimento humano envolve aspectos cognitivos, emocionais e práticos, exigindo práticas educativas capazes de contemplar a diversidade dos estudantes.

A literatura analisada evidencia que a Taxonomia de Bloom permanece como uma referência importante para compreender e organizar processos de aprendizagem. Seus princípios contribuem para aproximar objetivos educacionais, metodologias e avaliações, favorecendo uma educação mais intencional e significativa. Dessa forma, o referencial teórico construído sustenta a análise metodológica desta pesquisa, permitindo investigar como a taxonomia pode contribuir para práticas pedagógicas alinhadas às necessidades da educação contemporânea.

A discussão teórica apresentada estabelece uma base para compreender a Taxonomia de Bloom como um instrumento que ultrapassa a simples organização de conteúdos, constituindo-se como uma possibilidade de planejamento orientado pelo desenvolvimento

integral dos estudantes. A articulação entre fundamentos clássicos e estudos recentes demonstra a relevância do tema e justifica a investigação de suas contribuições para uma educação inclusiva, avaliativa e comprometida com a construção de competências.

4. METODOLOGIA

A metodologia constitui uma etapa fundamental da pesquisa científica, pois apresenta o caminho sistemático utilizado para responder ao problema investigado e alcançar os objetivos propostos. Neste estudo, a metodologia foi estruturada a partir de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, voltada à análise das contribuições da Taxonomia de Bloom como instrumento de planejamento pedagógico, inclusão educacional, avaliação das aprendizagens e desenvolvimento das competências cognitivas no século XXI. A escolha desse percurso metodológico justifica-se pela necessidade de compreender, interpretar e sistematizar conhecimentos produzidos por diferentes autores acerca dos processos de ensino e aprendizagem, considerando as transformações educacionais contemporâneas.

A pesquisa bibliográfica possibilitou o levantamento e a análise de livros, artigos científicos, capítulos de livros, documentos educacionais e produções acadêmicas relacionadas à Taxonomia de Bloom, seus domínios de aprendizagem, suas revisões e suas aplicações no contexto escolar. Conforme Gil, a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador acessar conhecimentos já produzidos e construir interpretações fundamentadas a partir de diferentes contribuições teóricas. Nesse sentido, foram analisadas produções clássicas e contemporâneas, incluindo estudos de Bloom, Hastings e Madaus (1983), Ferraz e Belhot (2010), Almeida et al. (2022), Garajau et al. (2025), entre outros autores que discutem planejamento, avaliação, inclusão e desenvolvimento cognitivo.

A análise realizada evidenciou que a organização hierárquica dos processos cognitivos proposta pela Taxonomia de Bloom favorece a elaboração de objetivos educacionais mais claros, permitindo maior articulação entre currículo, estratégias didáticas e instrumentos avaliativos. Além disso, demonstrou que a taxonomia apresenta potencial para contribuir com práticas pedagógicas inclusivas, pois possibilita diferentes níveis de participação e aprendizagem, respeitando os ritmos, as características e as potencialidades dos estudantes.

4.1. Natureza e abordagem da pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como uma investigação de natureza básica, pois tem como finalidade ampliar a compreensão teórica sobre a Taxonomia de Bloom e suas contribuições para o campo educacional, sem a intenção imediata de aplicação prática específica. Quanto aos objetivos, classifica-se como exploratória e descritiva. O caráter exploratório justifica-se pela necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as diferentes possibilidades de utilização da

taxonomia no planejamento pedagógico, enquanto o caráter descritivo está relacionado à análise e sistematização das características, fundamentos e aplicações desse modelo no contexto educacional contemporâneo.

A abordagem metodológica adotada é qualitativa, pois busca compreender significados, interpretações e relações conceituais presentes nas produções científicas analisadas. Segundo essa perspectiva, o conhecimento não é compreendido apenas pela mensuração quantitativa de dados, mas pela análise crítica dos fenômenos em seus contextos sociais, históricos e educacionais. Dessa forma, a abordagem qualitativa possibilita investigar como a Taxonomia de Bloom contribui para organizar objetivos de aprendizagem, orientar práticas pedagógicas inclusivas e favorecer processos avaliativos mais coerentes.

O método científico utilizado foi o método dedutivo, pois parte de fundamentos teóricos gerais sobre aprendizagem, avaliação educacional e organização dos objetivos pedagógicos para analisar sua aplicação específica no contexto da Taxonomia de Bloom. Esse método permite construir um raciocínio sistemático, relacionando princípios educacionais amplos às contribuições específicas do objeto investigado. Assim, a análise parte dos pressupostos estabelecidos pela literatura científica para interpretar as possibilidades e limitações da taxonomia na educação do século XXI.

4.2. Procedimentos técnicos e fontes de dados

O procedimento técnico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, desenvolvida mediante levantamento, seleção, leitura, análise e interpretação de produções acadêmicas relacionadas ao tema investigado. Esse procedimento foi escolhido por possibilitar a construção de um panorama teórico abrangente sobre a Taxonomia de Bloom, considerando sua formulação inicial, suas revisões posteriores e suas aplicações em diferentes contextos educacionais. A pesquisa bibliográfica permitiu identificar contribuições, avanços, críticas e possibilidades de utilização da taxonomia como ferramenta de planejamento e avaliação.

As fontes de dados utilizadas são classificadas como secundárias, constituídas por livros, artigos científicos, capítulos de livros e documentos acadêmicos publicados em bases reconhecidas de produção científica. Foram considerados estudos nacionais e internacionais relacionados à Taxonomia de Bloom, avaliação da aprendizagem, metodologias educacionais, inclusão escolar e desenvolvimento de competências cognitivas. Entre as referências analisadas estão Bloom, Hastings e Madaus (1983), Ferraz e Belhot (2010), Almeida et al. (2022), Bull et al. (2026), Guimarães et al. (2023) e Garajau et al. (2025).

O instrumento de coleta de dados consistiu em um protocolo de análise bibliográfica elaborado para organizar as informações encontradas nas fontes selecionadas. Esse protocolo contemplou categorias relacionadas aos fundamentos da Taxonomia de Bloom, domínios

cognitivo, afetivo e psicomotor, planejamento pedagógico, inclusão educacional, avaliação da aprendizagem e desenvolvimento de competências. A organização dessas categorias permitiu comparar diferentes perspectivas teóricas e identificar convergências e divergências entre os autores analisados.

4.3. Universo, amostra e critérios de seleção

O universo da pesquisa compreende produções científicas e acadêmicas relacionadas à Taxonomia de Bloom e suas aplicações no campo educacional. Esse universo envolve estudos que discutem objetivos de aprendizagem, processos cognitivos, avaliação formativa, metodologias de ensino, inclusão e desenvolvimento de competências. A escolha desse conjunto de materiais justifica-se pela necessidade de compreender a abrangência teórica e prática da taxonomia em diferentes níveis e modalidades de ensino.

A amostra foi composta por obras selecionadas conforme critérios de relevância científica, relação direta com o tema, contribuição teórica e atualidade das discussões apresentadas. Foram incluídas publicações clássicas, responsáveis pela fundamentação original da Taxonomia de Bloom, e estudos contemporâneos que analisam sua atualização e aplicação em contextos educacionais atuais. Foram excluídos materiais sem relação direta com os objetivos da pesquisa, textos sem fundamentação científica ou produções que não apresentassem contribuições relevantes para a análise proposta.

Como limitação, destaca-se que, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, os resultados não representam uma análise direta de uma realidade escolar específica, mas uma interpretação fundamentada da produção científica disponível. Dessa maneira, as conclusões apresentam alcance teórico e analítico, podendo subsidiar novas investigações empíricas relacionadas à aplicação da Taxonomia de Bloom em diferentes contextos educacionais.

4.4. Coleta, tratamento e análise dos dados

A coleta dos dados ocorreu por meio de levantamento bibliográfico realizado a partir da identificação de obras relacionadas ao tema da pesquisa. O processo envolveu etapas de busca, seleção, leitura exploratória, leitura analítica e sistematização das informações encontradas. Inicialmente foram identificadas produções relacionadas à Taxonomia de Bloom e, posteriormente, selecionados estudos que apresentavam relação direta com planejamento pedagógico, inclusão, avaliação e desenvolvimento cognitivo.

Após a coleta, os dados foram organizados por categorias temáticas, permitindo estruturar as informações conforme os objetivos da pesquisa. As categorias estabelecidas envolveram: fundamentos históricos da Taxonomia de Bloom; revisão da taxonomia; domínios cognitivo, afetivo e psicomotor; aplicações pedagógicas; avaliação das aprendizagens;

educação inclusiva e competências para o século XXI. Essa organização possibilitou identificar padrões, relações conceituais e contribuições presentes na literatura analisada.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática e interpretativa, considerando os princípios da abordagem qualitativa. Esse procedimento permitiu identificar significados presentes nas obras selecionadas e estabelecer relações entre diferentes autores e perspectivas teóricas. A interpretação dos dados foi orientada pelo referencial teórico adotado, buscando compreender de que maneira a Taxonomia de Bloom pode contribuir para práticas pedagógicas mais intencionais, inclusivas e alinhadas às demandas educacionais contemporâneas.

4.5. Aspectos éticos e limitações da pesquisa

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, sem participação direta de seres humanos e sem coleta de dados pessoais ou sensíveis, não houve necessidade de aplicação de instrumentos envolvendo participantes ou submissão a procedimentos específicos de pesquisa com seres humanos. Entretanto, foram respeitados princípios éticos da produção científica, incluindo a correta identificação das fontes utilizadas, o reconhecimento da autoria intelectual e a fidelidade na interpretação das contribuições dos pesquisadores analisados.

Entre as limitações metodológicas da pesquisa destaca-se a dependência da disponibilidade e qualidade das produções científicas existentes sobre o tema. Além disso, por apresentar caráter bibliográfico e qualitativo, o estudo não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas produzir uma compreensão aprofundada sobre as contribuições da Taxonomia de Bloom para a educação. Essas limitações, contudo, não comprometem a relevância da investigação, pois permitem construir uma análise teórica consistente e fundamentada.

O percurso metodológico adotado possibilitou compreender a Taxonomia de Bloom como uma ferramenta educacional que ultrapassa a simples classificação de níveis cognitivos, constituindo-se como um instrumento de planejamento, avaliação e promoção de aprendizagens significativas. A metodologia escolhida garantiu coerência entre o problema de pesquisa, os objetivos estabelecidos e a análise teórica desenvolvida, contribuindo para a construção de conhecimentos relacionados aos desafios da educação no século XXI.

5. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir da análise bibliográfica evidenciaram que a Taxonomia de Bloom permanece como um instrumento teórico-metodológico relevante para a organização dos processos educativos contemporâneos. A investigação demonstrou que sua principal contribuição está relacionada à capacidade de estruturar objetivos de aprendizagem de maneira progressiva, permitindo que professores planejem atividades considerando diferentes níveis de

complexidade cognitiva, afetiva e psicomotora. A análise das produções científicas selecionadas revelou que a taxonomia favorece uma compreensão mais ampla da aprendizagem, deslocando o foco de práticas centradas apenas na transmissão de conteúdos para processos educativos orientados ao desenvolvimento de competências.

As decorrências também demonstraram que a utilização da Taxonomia de Bloom potencializa a personalização do ensino, amplia as possibilidades de diferenciação pedagógica, fortalece práticas inclusivas ao respeitar diferentes ritmos e estilos de aprendizagem e contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade, da resolução de problemas, da comunicação, da autonomia e da capacidade de tomada de decisão. Observou-se, ainda, que sua articulação com recursos tecnológicos, metodologias ativas, aprendizagem colaborativa e processos de avaliação contínua favorece ambientes educacionais mais participativos, reflexivos e comprometidos com a aprendizagem significativa.

5.1. Caracterização dos dados e panorama geral dos resultados

Os dados analisados foram constituídos por produções científicas nacionais e internacionais relacionadas à Taxonomia de Bloom, envolvendo livros, artigos acadêmicos, capítulos de obras coletivas e estudos recentes sobre planejamento pedagógico, avaliação da aprendizagem, inclusão educacional e desenvolvimento de competências cognitivas. A organização dos dados ocorreu a partir de categorias temáticas relacionadas aos objetivos da pesquisa: fundamentos conceituais da taxonomia, aplicação no planejamento docente, relação com práticas inclusivas, avaliação formativa e contribuições para as competências necessárias à educação do século XXI.

A análise dos materiais selecionados revelou tendências consistentes quanto à relevância da Taxonomia de Bloom como ferramenta organizadora do trabalho pedagógico. Os estudos examinados indicaram que sua utilização contribui para a elaboração de objetivos educacionais mais claros, para a escolha de estratégias didáticas coerentes e para a construção de instrumentos avaliativos alinhados às habilidades que se deseja desenvolver nos estudantes. Conforme evidenciado por Almeida et al. (2022), a estruturação dos objetivos por níveis cognitivos possibilita criar sequências pedagógicas mais organizadas, favorecendo processos de aprendizagem progressivos e adequados às necessidades dos estudantes.

Os resultados preliminares indicam que a Taxonomia de Bloom apresenta potencial significativo para superar modelos tradicionais de ensino baseados predominantemente na memorização. A organização dos níveis cognitivos permite que o professor avance de atividades relacionadas à identificação e compreensão de informações para propostas que envolvem análise, avaliação e criação. Dessa forma, a taxonomia contribui para uma educação voltada ao desenvolvimento de competências complexas, fundamentais para a participação dos

estudantes em uma sociedade marcada pela circulação intensa de informações, inovação tecnológica e necessidade de pensamento crítico.

5.2. Análise e interpretação dos resultados à luz do referencial teórico

A análise dos resultados confirma os pressupostos apresentados no referencial teórico de que a Taxonomia de Bloom constitui uma ferramenta capaz de orientar práticas pedagógicas mais intencionais e sistematizadas. Os achados demonstram que a organização dos objetivos educacionais em níveis progressivos favorece maior clareza no planejamento docente, permitindo estabelecer relações entre conteúdos, metodologias e avaliações. Essa compreensão está alinhada aos estudos de Bloom, Hastings e Madaus (1983), que defendem a importância da definição de objetivos educacionais para garantir maior efetividade no processo de ensino e aprendizagem.

Os resultados encontrados também dialogam com Ferraz e Belhot (2010), ao evidenciarem que a revisão da Taxonomia de Bloom ampliou suas possibilidades de aplicação pedagógica ao substituir categorias baseadas em substantivos por verbos de ação. Essa alteração fortaleceu a observação das habilidades desenvolvidas pelos estudantes, permitindo que os professores formulem objetivos mais específicos e avaliações mais coerentes. A pesquisa identificou que essa característica é especialmente relevante em contextos inclusivos, pois possibilita reconhecer diferentes formas de expressão da aprendizagem.

As evidências analisadas convergem com estudos recentes que apontam a importância da taxonomia associada às metodologias contemporâneas. Almeida et al. (2022) demonstram que a utilização de níveis cognitivos organizados favorece recomendações pedagógicas mais personalizadas, enquanto Guimarães et al. (2023) destacam que a articulação entre aprendizagem colaborativa e Taxonomia de Bloom fortalece o protagonismo estudantil. Esses resultados reforçam que a taxonomia não deve ser compreendida como uma sequência rígida, mas como uma referência flexível para orientar experiências educativas diversificadas.

A análise evidenciou que seus princípios permitem ao professor planejar diferentes caminhos de aprendizagem para um mesmo objetivo educacional, respeitando singularidades dos estudantes. Garajau et al. (2025) destacam que o planejamento inclusivo baseado na taxonomia possibilita criar atividades com diferentes níveis de complexidade, favorecendo a participação de estudantes com diferentes necessidades educacionais.

A interpretação dos resultados também evidencia que a integração entre os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor amplia a compreensão sobre aprendizagem. O estudante não é visto apenas como alguém que acumula informações, mas como sujeito que pensa, sente, interage e age sobre o conhecimento. Essa perspectiva aproxima-se das concepções atuais de

formação integral, nas quais competências cognitivas, socioemocionais e práticas são desenvolvidas de forma articulada.

Do ponto de vista crítico, os resultados indicam que a maior contribuição da Taxonomia de Bloom está em sua capacidade de organizar o pensamento pedagógico, mas sua utilização exige mediação docente qualificada. A taxonomia, isoladamente, não garante aprendizagem significativa; ela precisa estar articulada a metodologias adequadas, recursos acessíveis, conhecimento sobre os estudantes e práticas avaliativas formativas. Assim, sua efetividade depende da forma como é interpretada e aplicada no contexto educacional.

5.3. Implicações práticas, teóricas e metodológicas dos resultados

No campo prático, os resultados demonstram que a Taxonomia de Bloom pode contribuir significativamente para o planejamento pedagógico em diferentes etapas da educação, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Sua utilização possibilita ao professor elaborar objetivos mais precisos, selecionar estratégias de ensino adequadas e desenvolver avaliações compatíveis com os níveis de aprendizagem esperados. Além disso, favorece práticas inclusivas ao permitir diferentes formas de participação e demonstração do conhecimento, fortalecendo uma educação baseada na equidade e na valorização das potencialidades individuais.

As implicações teóricas dos resultados evidenciam que a Taxonomia de Bloom continua relevante no debate educacional contemporâneo porque dialoga com conceitos fundamentais como aprendizagem significativa, desenvolvimento de competências, metodologias ativas e educação inclusiva. A pesquisa demonstra que a taxonomia ultrapassa sua função inicial de classificação cognitiva, assumindo papel de referência para compreender como os estudantes constroem conhecimentos, desenvolvem habilidades e participam de experiências educativas complexas.

No aspecto metodológico, os resultados confirmam a adequação da pesquisa bibliográfica qualitativa para analisar a evolução conceitual e as aplicações educacionais da Taxonomia de Bloom. A análise das produções científicas permitiu identificar contribuições teóricas, avanços metodológicos e possibilidades práticas relacionadas ao uso da taxonomia. Entretanto, também evidencia a necessidade de ampliar pesquisas empíricas que investiguem sua aplicação em diferentes contextos escolares, considerando especificidades culturais, sociais e educacionais.

De modo geral, os resultados indicam que a Taxonomia de Bloom constitui uma ferramenta relevante para responder aos desafios da educação no século XXI. Sua contribuição está relacionada à promoção de um ensino mais planejado, inclusivo, reflexivo e orientado ao desenvolvimento integral dos estudantes. Ao articular objetivos, estratégias e avaliações, a

taxonomia favorece uma prática pedagógica comprometida com a construção de conhecimentos, o desenvolvimento da autonomia e a formação de sujeitos capazes de analisar, criar e transformar a realidade em que vivem.

6. CONCLUSÃO

A presente pesquisa possibilitou compreender que a Taxonomia de Bloom permanece como um instrumento educacional de grande relevância para os desafios da educação contemporânea, especialmente diante da necessidade de desenvolver aprendizagens mais amplas, significativas e conectadas às demandas do século XXI. Sua contribuição ultrapassa a simples organização de conteúdos, pois possibilita ao professor estruturar objetivos educacionais, planejar estratégias pedagógicas e avaliar processos de aprendizagem considerando diferentes níveis de desenvolvimento dos estudantes. Dessa forma, a taxonomia constitui uma ferramenta que favorece uma educação mais intencional, organizada e comprometida com a formação integral.

A análise realizada demonstrou que o planejamento pedagógico fundamentado na Taxonomia de Bloom permite ao professor estabelecer percursos de aprendizagem progressivos, nos quais os estudantes avançam de habilidades mais elementares para processos cognitivos mais complexos. Essa organização contribui para que o ensino deixe de ser centrado exclusivamente na transmissão de informações e passe a valorizar a compreensão, a aplicação, a análise, a avaliação e a criação de novos conhecimentos. Assim, a prática docente torna-se mais consciente, estratégica e alinhada às necessidades formativas dos estudantes.

Os resultados evidenciaram que a Taxonomia de Bloom contribui significativamente para a elaboração de objetivos educacionais claros e observáveis, permitindo maior coerência entre aquilo que se pretende ensinar, as metodologias utilizadas e as formas de avaliação aplicadas. Ao organizar as habilidades esperadas dos estudantes, o professor amplia sua capacidade de acompanhar os avanços individuais e coletivos, identificando dificuldades, potencialidades e possibilidades de intervenção pedagógica. Esse processo fortalece uma cultura escolar baseada no acompanhamento contínuo e na valorização do desenvolvimento.

No âmbito da inclusão educacional, verificou-se que a Taxonomia de Bloom apresenta importantes contribuições ao possibilitar diferentes caminhos para a aprendizagem. Ao considerar que os estudantes possuem diferentes ritmos, experiências, habilidades e formas de compreender o mundo, a taxonomia favorece práticas pedagógicas mais flexíveis e acessíveis. A inclusão, nesse sentido, deixa de representar apenas a presença do estudante no ambiente escolar e passa a envolver sua participação efetiva, seu desenvolvimento e sua autonomia no processo educativo.

A integração dos domínios cognitivo, afetivo e psicomotor amplia a compreensão sobre o ato de aprender, demonstrando que a educação envolve não apenas conhecimentos intelectuais, mas também emoções, valores, atitudes e experiências práticas. Essa visão contribui para uma formação mais humana, na qual o estudante é compreendido em sua totalidade. A aprendizagem significativa ocorre quando o conhecimento dialoga com as experiências, sentimentos e ações dos sujeitos, tornando-se parte de sua trajetória pessoal e social.

Ao propor diferentes níveis de desenvolvimento, a taxonomia favorece avaliações mais diversificadas, capazes de observar não apenas a memorização de conteúdos, mas também a capacidade de interpretar, aplicar conhecimentos, resolver problemas e produzir novas ideias. Dessa forma, a avaliação assume uma função formativa, tornando-se uma ferramenta de acompanhamento e aprimoramento da aprendizagem, e não apenas um mecanismo de classificação.

A pesquisa também evidenciou que a Taxonomia de Bloom apresenta grande aproximação com as metodologias educacionais contemporâneas, especialmente aquelas que valorizam protagonismo estudantil, colaboração, investigação e resolução de problemas. Quando articulada às metodologias ativas, aos recursos tecnológicos e às práticas inovadoras, a taxonomia amplia as possibilidades de construção do conhecimento, favorecendo ambientes de aprendizagem mais participativos, dinâmicos e conectados com a realidade dos estudantes.

No contexto da educação do século XXI, marcado por transformações tecnológicas, sociais e culturais, torna-se fundamental desenvolver competências que ultrapassem a reprodução de informações. A Taxonomia de Bloom contribui para esse movimento ao estimular habilidades como pensamento crítico, criatividade, comunicação, autonomia, tomada de decisão e capacidade de adaptação. Essas competências são essenciais para que os estudantes possam compreender problemas complexos, participar da sociedade e construir soluções diante dos desafios contemporâneos.

A utilização da Taxonomia de Bloom também demonstra potencial para fortalecer a atuação docente, pois oferece uma estrutura de reflexão sobre o próprio trabalho pedagógico. Ao organizar objetivos, estratégias e avaliações, o professor passa a analisar de maneira mais sistemática suas práticas, buscando alternativas para favorecer a aprendizagem de todos os estudantes. Assim, a taxonomia não representa apenas uma ferramenta técnica, mas um recurso de desenvolvimento profissional e aprimoramento da prática educativa.

Apesar de sua relevância, destaca-se que a Taxonomia de Bloom não deve ser compreendida como um modelo rígido ou único para orientar todos os processos educativos. Sua efetividade depende da capacidade do professor de interpretar seus princípios e adaptá-los às características dos estudantes, aos contextos escolares e às diferentes realidades

educacionais. Quando utilizada de maneira crítica e articulada a outras perspectivas pedagógicas, torna-se um instrumento potencializador de práticas mais democráticas e inclusivas.

A investigação permitiu compreender que a Taxonomia de Bloom continua atual porque responde a uma necessidade permanente da educação: organizar o processo de aprendizagem de forma planejada, progressiva e significativa. Sua permanência no campo educacional demonstra sua capacidade de dialogar com diferentes teorias, metodologias e desafios contemporâneos, contribuindo para que o ensino seja orientado não apenas pela aquisição de conhecimentos, mas pelo desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

A Taxonomia de Bloom constitui um importante referencial para o planejamento pedagógico, a inclusão educacional, a avaliação das aprendizagens e o desenvolvimento das competências cognitivas no século XXI. Seu uso favorece uma educação mais equitativa, contextualizada e significativa, na qual todos os estudantes possuem oportunidades de aprender, participar e desenvolver suas potencialidades. Ao promover uma articulação entre conhecimento, reflexão, prática e transformação, a taxonomia fortalece uma concepção de educação comprometida com a formação de cidadãos críticos, criativos, éticos e preparados para atuar de maneira responsável em uma sociedade em constante transformação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danilo et al. **Customized Pedagogical Recommendation Using Automated Planning for Sequencing Based on Bloom's Taxonomy**. *International Journal of Distance Education Technologies*, v. 20, n. 1, 2022. DOI: **10.4018/IJDET.296700**.

BLOOM, Benjamin S.; HASTINGS, J. Thomas; MADAUS, George F. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais: São Paulo, 1983.

BULL, Susan et al. **Using assessment questions based on Bloom's taxonomy to generate personalised feedback for students**. *Cogent Education*, v. 13, 2026. DOI: 10.1080/2331186X.2026.2634438**.**

FERRAZ Ana Paula do Carmo Marcheti, BELHOT Renato Vairo. **Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais.** Gest. Prod.**,** São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010.

FIGUEIREDO, F. A.; THEODORO, I. C.; FARIA, A. V. **Práticas inclusivas na educação básica, a partir do Desenho Universal de Aprendizagem: uma revisão integrativa.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; PEREIRA, Alan Ricardo Duarte; IVANICKA, Rebeca Freitas; ROCHA, Bruna Beatriz da (org.). Educação, tecnologia e inclusão: valorização do aluno e trabalho pedagógico**.** Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 136-149.

GARAJAU, Naiara Cristina de Souza et al. **Aplicação da Taxonomia de Bloom no planejamento inclusivo da aprendizagem**. In: *Educação em Debate: Experiências e Pesquisas*. Aurum Editora, 2025. p. 155–166. DOI: 10.63330/aurumpub.028-013**.**

GUIMARÃES, U. A. et al. **Aprendizagem colaborativa e Taxonomia de Bloom juntas por uma educação de qualidade**. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 4, n. 2, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i2.2655**.**

ISCHKANIAN, Sandro Garabed; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **A taxonomia de Bloom**. *Grupo Escoteiro João Oscalino (GEJO)*, 12 out. 2021. Disponível em: http://grupoescoteirojoaooscalino.blogspot.com/2021/10/a-taxonomia-de-bloom.html. Acesso em: 2 ago. 2026.

NASCIMENTO, Denise Andrade do et al. **Integrating agent-based modeling and flipped instruction to enhance climate-physics learning: a Bloom's revised taxonomy analysis in Brazilian high schools**. *Frontiers in Education*, v. 11, 2026. DOI: 10.3389/feduc.2026.1869092**.**

OLIVEIRA, Ana Paula Salgado Beleza; PONTES, José Nelciclébio Aguiar; MARQUES, Marcos Aurélio. **O uso da taxionomia de Bloom no contexto da avaliação por competência.** Revista Pleiade**,** v. 10, n. 20, p. 12-22, Jul./Dez., 2016.

PACHEVITCH, Sabrina et al. **Relato de experiência de um atendimento a deficiente intelectual com o uso da Taxonomia de Bloom no Atendimento Educacional Especializado**. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 5, e44210515211, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i5.15211**.**

PLANNER DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A TAXONOMIA DE BLOOM COMO INSTRUMENTO PARA O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO, INCLUSÃO, A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS E O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS COGNITIVAS NO SÉCULO XXI.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

1. IDENTIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO

Título da formação: *Taxonomia de Bloom na Prática Docente: Planejamento Pedagógico, Inclusão, Avaliação e Desenvolvimento de Competências no Século XXI.*

Público-alvo: Professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Atendimento Educacional Especializado (AEE), coordenação pedagógica e gestores escolares.

Carga horária sugerida: 40 horas (formação presencial, híbrida ou on-line)

Modalidade: Formação continuada de professores

Área de concentração: Educação, planejamento pedagógico, avaliação da aprendizagem, educação inclusiva e desenvolvimento de competências.

2. APRESENTAÇÃO DA FORMAÇÃO

A formação continuada sobre a Taxonomia de Bloom tem como finalidade ampliar a compreensão dos professores acerca da organização dos objetivos educacionais, possibilitando a construção de práticas pedagógicas mais intencionais, inclusivas e alinhadas às demandas educacionais do século XXI. A proposta parte do entendimento de que ensinar não significa apenas transmitir conteúdos, mas criar condições para que os estudantes desenvolvam diferentes capacidades cognitivas, emocionais, sociais e práticas.

A Taxonomia de Bloom constitui uma ferramenta de apoio ao planejamento docente, pois permite organizar os processos de aprendizagem em níveis progressivos de complexidade. Quando aplicada de maneira reflexiva, possibilita ao professor elaborar objetivos claros, selecionar metodologias adequadas, desenvolver avaliações coerentes e criar oportunidades para que todos os estudantes participem ativamente da construção do conhecimento.

Esta formação busca superar práticas pedagógicas centradas exclusivamente na memorização, incentivando estratégias que favoreçam pensamento crítico, criatividade, autonomia, colaboração, resolução de problemas e protagonismo estudantil. Além disso,

enfatiza a relação entre a Taxonomia de Bloom e a educação inclusiva, valorizando diferentes formas de aprender e expressar conhecimentos.

3. OBJETIVO GERAL

Capacitar professores para compreender, planejar e aplicar a Taxonomia de Bloom como instrumento pedagógico integrado ao planejamento das aulas, à inclusão educacional, à avaliação da aprendizagem e ao desenvolvimento das competências cognitivas, socioemocionais e práticas dos estudantes.

4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender os fundamentos históricos e conceituais da Taxonomia de Bloom.
- Identificar os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor e suas aplicações pedagógicas.
- Elaborar objetivos de aprendizagem utilizando verbos de ação.
- Desenvolver planos de aula organizados por níveis de complexidade cognitiva.
- Relacionar a Taxonomia de Bloom às competências previstas para a educação contemporânea.
- Criar estratégias inclusivas considerando diferentes ritmos e estilos de aprendizagem.
- Desenvolver instrumentos avaliativos coerentes com os objetivos educacionais.
- Utilizar metodologias ativas articuladas aos níveis cognitivos.
- Planejar intervenções pedagógicas baseadas em evidências.
- Fortalecer a prática reflexiva docente.

5. ORGANIZAÇÃO DO PLANNER FORMATIVO

MÓDULO 1 – FUNDAMENTOS DA TAXONOMIA DE BLOOM E EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

Objetivos do módulo: Compreender a origem, evolução e importância da Taxonomia de Bloom para o planejamento educacional contemporâneo.

Conteúdos:

- História da Taxonomia de Bloom.
- Objetivos educacionais e aprendizagem significativa.
- Taxonomia original e Taxonomia Revisada.

• Mudança dos substantivos para verbos de ação.

• Relação entre objetivos, habilidades e competências.

Atividades formativas:

Dinâmica inicial: "Como meus alunos aprendem?"

Professor responde:

• Quais habilidades meus estudantes já dominam?

• Quais competências precisam desenvolver?

• Minhas avaliações medem apenas memorização ou envolvem pensamento complexo?

Produto do módulo: Mapa conceitual sobre a Taxonomia de Bloom aplicada à realidade escolar.

MÓDULO 2 – OS TRÊS DOMÍNIOS DA TAXONOMIA DE BLOOM

Objetivos do módulo:

Compreender que a aprendizagem envolve dimensões cognitivas, afetivas e psicomotoras.

Domínio Cognitivo

Aplicação pedagógica: Organização dos níveis.

Nível	Ação docente	Exemplo
Lembrar	Recuperar informações	Identificar conceitos
Entender	Interpretar conhecimentos	Explicar ideias
Aplicar	Utilizar conhecimentos	Resolver situações
Analisar	Relacionar informações	Comparar conceitos
Avaliar	Julgar com critérios	Defender opiniões
Criar	Produzir novos conhecimentos	Elaborar projetos

DOMÍNIO AFETIVO

Aplicação pedagógica:

Desenvolvimento de:

• respeito;

• empatia;

• colaboração;

• responsabilidade;

• autonomia emocional.

Exemplo:

Projeto sobre diversidade cultural:

- Recepção: conhecer diferentes culturas.
- Resposta: participar de debates.
- Avaliação: compreender valores sociais.
- Organização: construir princípios éticos.
- Caracterização: agir respeitando diferenças.

DOMÍNIO PSICOMOTOR

Aplicação pedagógica:

Desenvolvimento por meio de:

- experiências práticas;
- jogos;
- atividades corporais;
- experimentos;
- construção de materiais.

Exemplo:

Educação Infantil: Manipular objetos, explorar texturas e desenvolver coordenação.

Ensino Médio: Executar práticas laboratoriais e projetos tecnológicos.

Produto do módulo: Planejamento de uma atividade envolvendo os três domínios.

MÓDULO 3 – TAXONOMIA DE BLOOM E PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

Objetivos do módulo: Desenvolver planos de aula estruturados com objetivos, metodologias e avaliações alinhados**.**

Ferramenta: PLANEJAMENTO BLOOM

1. O QUE?

Definir o conhecimento ou habilidade que será desenvolvido.

Exemplo:

"Compreender os impactos ambientais da ação humana."

2. COMO?

Definir estratégias pedagógicas.

Exemplo:

- aprendizagem baseada em projetos;
- pesquisa;
- debates;
- experimentação;
- tecnologia educacional.

3. PARA QUÊ?

Relacionar aprendizagem com situações reais.

Exemplo: “Desenvolver consciência ambiental e responsabilidade social.”

Produto do módulo: Plano de aula completo utilizando a Taxonomia de Bloom.

MÓDULO 4 – TAXONOMIA DE BLOOM E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Objetivos do módulo: *Aplicar a taxonomia considerando diversidade, acessibilidade e equidade.*

Estratégias inclusivas:

Diferentes formas de apresentar conteúdos:

- imagens;
- vídeos;
- materiais concretos;
- mapas mentais;
- recursos digitais.

Diferentes formas de participação:

- oralidade;
- escrita;
- desenho;
- tecnologia assistiva;
- atividades práticas.

Diferentes formas de avaliação:

- portfólio;
- projetos;
- apresentações;
- registros individuais.

Estudo de caso:

Professor analisa uma turma com:

- estudantes com deficiência;
- estudantes com dificuldades de aprendizagem;
- diferentes níveis de conhecimento.

Construção coletiva de estratégias baseadas na Taxonomia de Bloom.

Produto do módulo: Plano inclusivo utilizando níveis cognitivos diferenciados.

MÓDULO 5 – AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM BASEADA NA TAXONOMIA DE BLOOM

Objetivos do módulo: Construir avaliações que valorizem diferentes níveis de aprendizagem.

Da avaliação tradicional para avaliação formativa:

Antes: “Defina o conceito de fotossíntese.”

Depois: “Analise como alterações ambientais podem afetar a fotossíntese e proponha soluções.”

Instrumentos avaliativos:

- rubricas;
- projetos;
- seminários;
- mapas conceituais;
- resolução de problemas;
- autoavaliação;
- observação pedagógica.

Produto do módulo: Elaboração de instrumento avaliativo baseado nos níveis da Taxonomia de Bloom.

MÓDULO 6 – METODOLOGIAS ATIVAS E TAXONOMIA DE BLOOM

Objetivos: Integrar metodologias contemporâneas aos níveis cognitivos.

Estratégias:

Aprendizagem Baseada em Projetos

Favorece:

- aplicar;
- analisar;
- criar.

Aprendizagem Colaborativa

Favorece:

- comunicação;
- argumentação;
- resolução coletiva.

Cultura Maker

Favorece:

- criatividade;
- experimentação;
- inovação.

Ensino Híbrido

Favorece:

- autonomia;
- personalização.

6. MODELO DE PLANNER DOCENTE

Elemento	Planejamento
Tema da aula	
Objetivo geral	
Nível da Taxonomia de Bloom	
Verbos de ação utilizados	
Conhecimentos prévios	
Estratégias metodológicas	
Recursos utilizados	
Adaptações inclusivas	
Forma de participação dos estudantes	
Instrumentos avaliativos	
Evidências de aprendizagem	
Reflexão docente após a aula	

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983).

7. AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

A avaliação da formação ocorrerá de maneira processual, considerando:

- participação nas atividades;
- elaboração dos planejamentos;
- aplicação prática das estratégias;
- reflexão sobre resultados;
- construção coletiva de conhecimentos.

Instrumentos:

- diário reflexivo;
- portfólio formativo;
- apresentação de práticas pedagógicas;
- autoavaliação docente.

8. RESULTADOS ESPERADOS

Ao final da formação, espera-se que os professores sejam capazes de:

- compreender a Taxonomia de Bloom como ferramenta pedagógica;
- elaborar objetivos educacionais mais claros;
- desenvolver aulas com maior intencionalidade;
- criar avaliações alinhadas às habilidades desenvolvidas;
- ampliar práticas inclusivas;
- reconhecer diferentes formas de aprendizagem;
- estimular pensamento crítico e criatividade;
- promover maior protagonismo dos estudantes.

9. PRODUTO FINAL DA FORMAÇÃO

Construção de um Plano Pedagógico Integrado baseado na Taxonomia de Bloom, contendo:

- objetivos de aprendizagem;
- competências desenvolvidas;
- estratégias metodológicas;
- recursos acessíveis;
- atividades inclusivas;
- avaliação formativa;
- evidências de aprendizagem.

A formação docente fundamentada na Taxonomia de Bloom possibilita transformar o planejamento pedagógico em um processo mais consciente, inclusivo e orientado ao

desenvolvimento integral dos estudantes. Ao compreender que aprender envolve pensar, sentir e agir, o professor amplia suas possibilidades de intervenção e cria experiências educativas capazes de preparar os estudantes para os desafios acadêmicos, profissionais e sociais do século XXI.

PLANNER DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR PARA PROFISSIONAIS DA INCLUSÃO

A TAXONOMIA DE BLOOM COMO INSTRUMENTO PARA O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO, INCLUSÃO, A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS E O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS COGNITIVAS NO SÉCULO XXI.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

1. IDENTIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO

Título: *Taxonomia de Bloom na Perspectiva Inclusiva: Estratégias Interdisciplinares para o Desenvolvimento Cognitivo, Socioemocional e Funcional de Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas*

Público-alvo:

- Psicólogos;
- Assistentes sociais;
- Psicopedagogos;
- Neuropsicopedagogos;
- Fonoaudiólogos;
- Professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE);
- Terapeutas ocupacionais;
- Profissionais da saúde e educação envolvidos com processos inclusivos;
- Coordenadores pedagógicos;
- Gestores educacionais;
- Demais profissionais que atuam com desenvolvimento humano e inclusão.

Carga horária sugerida: 60 horas

Modalidade: Presencial, híbrida ou on-line.

Área de formação: Educação inclusiva, desenvolvimento humano, avaliação interdisciplinar, aprendizagem, neuroeducação e práticas colaborativas.

2. APRESENTAÇÃO DA FORMAÇÃO

A inclusão educacional contemporânea exige uma compreensão ampliada do desenvolvimento humano, considerando que cada pessoa apresenta diferentes formas de aprender, comunicar-se, interagir e construir conhecimentos. Nesse contexto, a atuação dos profissionais envolvidos com a inclusão necessita superar modelos fragmentados e promover práticas colaborativas, nas quais educação, saúde e assistência social dialoguem para favorecer o desenvolvimento integral do indivíduo.

A Taxonomia de Bloom apresenta-se como uma ferramenta organizadora para profissionais que atuam na inclusão, pois possibilita compreender os diferentes níveis de desenvolvimento das habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras. Sua utilização permite estruturar objetivos individualizados, planejar intervenções adequadas, acompanhar progressos e construir estratégias respeitando potencialidades, necessidades e singularidades de cada pessoa.

Esta formação propõe uma abordagem interdisciplinar, articulando conhecimentos da psicologia, psicopedagogia, neuropsicopedagogia, fonoaudiologia, assistência social, educação especial e demais áreas relacionadas à inclusão. O objetivo é proporcionar aos profissionais instrumentos para transformar avaliações, relatórios e intervenções em ações práticas que favoreçam autonomia, participação social e aprendizagem significativa.

3. OBJETIVO GERAL

Capacitar profissionais da área da inclusão para utilizar a Taxonomia de Bloom como instrumento de planejamento, intervenção, avaliação e acompanhamento do desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor de pessoas com diferentes necessidades educacionais e funcionais.

4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender os fundamentos da Taxonomia de Bloom e sua relação com o desenvolvimento humano.
- Identificar os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor em processos inclusivos.
- Elaborar objetivos terapêuticos e educacionais baseados em níveis progressivos de aprendizagem.
- Planejar intervenções interdisciplinares fundamentadas em habilidades observáveis.
- Desenvolver estratégias individualizadas para pessoas com deficiência, transtornos do neurodesenvolvimento e dificuldades de aprendizagem.
- Relacionar avaliação, intervenção e acompanhamento por meio de indicadores de desenvolvimento.

- Fortalecer a parceria entre profissionais da saúde, educação e família.
- Construir práticas inclusivas baseadas em potencialidades e não apenas em limitações.

5. FUNDAMENTAÇÃO DA PROPOSTA FORMATIVA

A atuação inclusiva exige compreender que o desenvolvimento não ocorre de maneira linear e homogênea. Cada indivíduo apresenta uma trajetória própria, influenciada por aspectos cognitivos, emocionais, sociais, comunicacionais e ambientais. Dessa maneira, profissionais que trabalham com inclusão precisam utilizar instrumentos que permitam identificar níveis de desenvolvimento e planejar intervenções progressivas.

A Taxonomia de Bloom contribui para essa organização ao possibilitar que objetivos sejam estruturados desde habilidades básicas até competências mais complexas. Na perspectiva inclusiva, ela auxilia o profissional a responder questões fundamentais:

O que a pessoa já consegue realizar?

Quais habilidades precisam ser desenvolvidas?

Quais estratégias podem favorecer sua evolução?

Como avaliar avanços individuais?

6. ORGANIZAÇÃO DOS MÓDULOS FORMATIVOS

MÓDULO 1. FUNDAMENTOS DA TAXONOMIA DE BLOOM E SUA RELAÇÃO COM A INCLUSÃO

Objetivos: *Compreender a origem, princípios e aplicações da Taxonomia de Bloom nos processos inclusivos.*

Conteúdos:

- História da Taxonomia de Bloom.
- Objetivos educacionais e desenvolvimento humano.
- Taxonomia tradicional e revisada.
- Aprendizagem como processo progressivo.
- Relação entre cognição, emoção e ação.

Aplicação interdisciplinar:

Psicólogo: Identificar habilidades socioemocionais e processos de autorregulação.

Psicopedagogo: Planejar intervenções considerando níveis cognitivos.

Fonoaudiólogo: Relacionar comunicação, linguagem e aprendizagem.

AEE: Organizar objetivos funcionais e pedagógicos.

MÓDULO 2. DOMÍNIO COGNITIVO E INTERVENÇÕES INCLUSIVAS

Objetivo: *Utilizar os níveis cognitivos para planejar estímulos adequados ao desenvolvimento.*

Níveis:

Nível	Aplicação Inclusiva
Lembrar	Reconhecer símbolos, imagens, informações e comandos
Entender	Interpretar mensagens e situações
Aplicar	Utilizar habilidades em situações reais
Analisar	Comparar informações e compreender relações
Avaliar	Expressar opiniões e tomar decisões
Criar	Produzir soluções, ideias e estratégias

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983).

Exemplos: Pessoa com TEA

Lembrar: Reconhecer imagens de rotina.

Entender: Compreender sequência de atividades.

Aplicar: Executar rotina independente.

Analisar: Escolher estratégias diante de mudanças.

Criar: Construir formas próprias de comunicação.

MÓDULO 3. DOMÍNIO AFETIVO: EMOÇÕES, COMPORTAMENTOS E AUTONOMIA

Objetivo: *Compreender a importância das emoções no desenvolvimento e aprendizagem.*

Aplicações:

Nível	Estratégias
Recepção	Observar sentimentos e estímulos
Resposta	Participar de atividades
Avaliação	Reconhecer valores e preferências
Organização	Construir regras pessoais
Caracterização	Desenvolver identidade e autonomia

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983).

Atuação profissional:

Psicólogo: Desenvolvimento emocional e habilidades sociais.

Assistente social: Fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Educador: Construção de ambientes acolhedores.

MÓDULO 4. DOMÍNIO PSICOMOTOR E DESENVOLVIMENTO FUNCIONAL

Objetivo: *Planejar atividades envolvendo movimento, autonomia e funcionalidade.*

Nível	Exemplo
Percepção	Exploração sensorial
Predisposição	Preparação para atividade
Resposta guiada	Realização com apoio
Resposta mecânica	Execução independente
Resposta completa	Autonomia funcional

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983).

Aplicações:

- Coordenação motora;
- Escrita;
- Comunicação alternativa;
- Atividades de vida diária;
- Independência pessoal.

MÓDULO 5. PLANEJAMENTO INDIVIDUALIZADO COM BASE NA TAXONOMIA DE BLOOM - FERRAMENTA: PLANO BLOOM INCLUSIVO

Elemento	Registro
Perfil da pessoa	
Potencialidades identificadas	
Necessidades observadas	
Objetivo principal	
Nível da Taxonomia de Bloom	
Estratégia de intervenção	
Recursos adaptados	
Indicadores de progresso	
Avaliação contínua	

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983).

MÓDULO 6. TAXONOMIA DE BLOOM E O TRABALHO COLABORATIVO ENTRE PROFISSIONAIS

Objetivo: *Construir práticas integradas entre diferentes áreas.*

Modelo de equipe:

Psicólogo: Aspectos emocionais, comportamento e interação social.

Psicopedagogo: Processos de aprendizagem.

Neuropsicopedagogo: Relações entre cérebro, cognição e aprendizagem.

Fonoaudiólogo: Comunicação, linguagem e alimentação.

Assistente social: Contexto familiar, social e direitos.

AEE: Acessibilidade pedagógica e recursos educacionais.

MÓDULO 7. AVALIAÇÃO INCLUSIVA BASEADA NA TAXONOMIA DE BLOOM

Objetivo:

Superar avaliações centradas apenas em déficits.

Instrumentos:

- Portfólio individual;
- Observação sistemática;
- Registro funcional;
- Relatórios interdisciplinares;
- Escalas de acompanhamento;
- Produções da pessoa;
- Autoavaliação adaptada.

MÓDULO 8. TECNOLOGIA, RECURSOS ASSISTIVOS E METODOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

Estratégias:

- Tecnologia assistiva;
- Comunicação alternativa;
- Recursos digitais;
- Jogos educativos;
- Realidade aumentada;
- Inteligência artificial aplicada à inclusão;
- Ambientes acessíveis.

A Taxonomia de Bloom auxilia o profissional a definir se o recurso será utilizado para reconhecer, compreender, aplicar, analisar, avaliar ou criar conhecimentos.

7. PLANNER DE INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR

Etapa	Descrição
Identificação	Características e necessidades
Avaliação inicial	Habilidades atuais
Objetivos	Competências desejadas
Nível Bloom	Complexidade da habilidade
Estratégias	Recursos e intervenções
Participação familiar	Apoio e continuidade
Monitoramento	Evolução observada
Replanejamento	Novas metas

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) com base em Bloom, Hastings e Madaus (1983).

8. AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS

Será realizada por meio de:

- participação nas discussões;
- elaboração de planos inclusivos;
- estudos de caso;
- construção de protocolos de acompanhamento;
- apresentação de práticas profissionais.

9. RESULTADOS ESPERADOS

Ao final da formação, espera-se que os profissionais:

- compreendam a aprendizagem como processo multidimensional;
- utilizem a Taxonomia de Bloom para organizar intervenções;
- desenvolvam planejamentos individualizados;
- ampliem práticas inclusivas;
- valorizem potencialidades individuais;
- fortaleçam o trabalho interdisciplinar;
- aprimorem processos avaliativos;
- promovam maior autonomia e participação das pessoas atendidas.

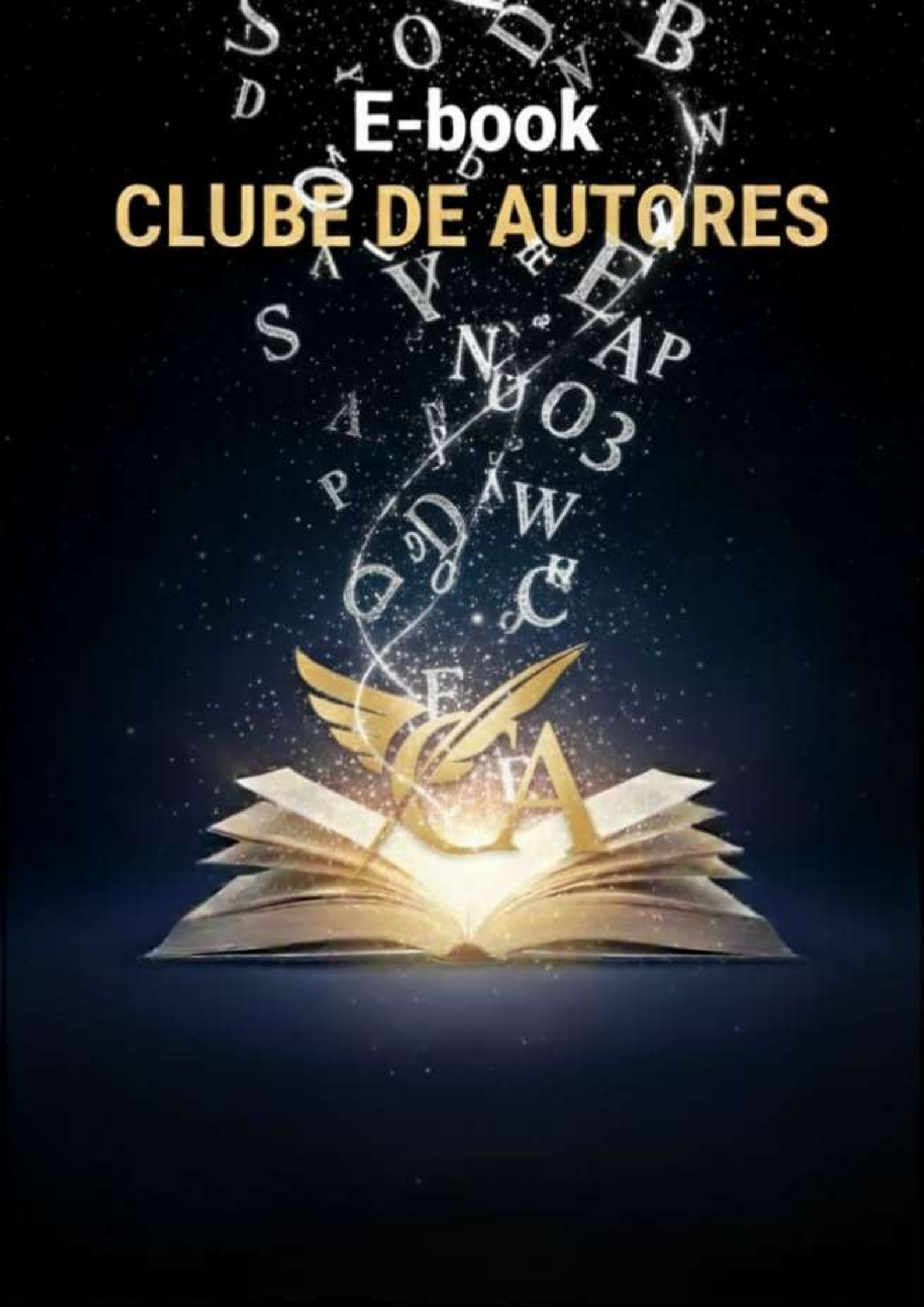
10. PRODUTO FINAL DA FORMAÇÃO (CONSTRUÇÃO DO:PLANO INTERDISCIPLINAR BLOOM INCLUSIVO)

Documento contendo:

- perfil funcional;
- objetivos cognitivos;

- objetivos afetivos;
- objetivos psicomotores;
- estratégias terapêuticas e pedagógicas;
- adaptações necessárias;
- indicadores de evolução;
- registro do desenvolvimento.

A formação interdisciplinar baseada na Taxonomia de Bloom possibilita uma mudança de perspectiva sobre inclusão: da identificação das dificuldades para a construção de caminhos de desenvolvimento. Ao integrar diferentes profissionais em torno de objetivos comuns, torna-se possível planejar intervenções mais humanizadas, acessíveis e fundamentadas, reconhecendo que cada pessoa possui potencialidades próprias e diferentes formas de aprender, comunicar-se e participar da sociedade.


E-book
CLUBE DE AUTORES